



EMILIANO CÉSAR DE ALMEIDA

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "Emiliano César de Almeida".

**ENTRE O HOMEM E O BICHO:
A REIFICAÇÃO E O REALISMO NO ROMANCE *S. BERNARDO*, DE
GRACILIANO RAMOS**

ERRATA: Onde se lê "César", leia-se "Cesar".

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "Eliane Moura da Silva".

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

CAMPINAS

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS


EMILIANO CÉSAR DE ALMEIDA

**ENTRE O HOMEM E O BICHO:
A REIFICAÇÃO E O REALISMO NO ROMANCE *S. BERNARDO*, DE
GRACILIANO RAMOS**

ORIENTADOR: Marcelo Siqueira Ridenti

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno Emiliano César de Almeida, orientada pelo Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti e aprovada no dia 25/02/2014.


ERRATA: Onde se lê "César", leia-se "Cesar"

Profª. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

CAMPINAS

2014

RR 1585 AU4

Unidade BCCh
T/UNICAMP AL64e
Cutter _____
V. _____ Ed. _____
Tombo BC 105260
Proc. 16-095-14
C _____ D X
Preço R\$ 11,00
Data 09/10/14
Cod. tit. 932099 932133

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

AL64e Almeida, Emiliano César de, 1986-
Entre o homem e o bicho : a reificação e o realismo no romance S. Bernardo,
de Graciliano Ramos. / Emiliano César de Almeida. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Marcelo Siqueira Ridenti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - São Bernardo. 2. Reificação. 3. Realismo.
I. Ridenti, Marcelo Siqueira, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Between the human and the animal : reification and realism in the
novel "S. Bernardo" by Graciliano Ramos

Palavras-chave em inglês:

Realism

Reification

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Marcelo Siqueira Ridenti [Orientador]

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Mariana Miggiolaro Chaguri

Data de defesa: 25-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

ERRATA: Onde se lê "César", leia-se "Cesar"

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 25 de fevereiro de 2014, considerou o candidato EMILIANO CÉSAR DE ALMEIDA aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti

Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

ERRATA: Onde se lê "César", leia-se "Cesar"

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

Ao amigo Márcio Ricardo de Carvalho (*in memorian*).

Ao pensador marxista brasileiro Carlos Nelson Coutinho (*in memorian*). Este trabalho foi influenciado por sua obra e militância.

A Ariadne Meissner, pelo companheirismo e amor.

A Antonia Aparecida Pereira, minha mãe.

“De que me serve fabricar um bom ferro, se meu próprio interior está cheio de escórias? E de que serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?” (Wilhelm Meister – Goethe. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister).

“E fico rico, quanto mais eu multiplico Diminui o meu amor.”

Belchior - Paralelas

RESUMO

O romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, foi publicado em 1934. A narrativa é determinada pelo fechamento da consciência humana à compreensão dos elementos qualitativos e sensíveis da realidade. Assim como todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca, toda relação humana se transforma destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor. Este é o mundo do protagonista, Paulo Honório, que guia suas ações no sentido sempre da obtenção da vantagem. Ao longo do desenrolar da trama, é possível inferir uma correspondência entre o mundo de *S. Bernardo* e o conceito de reificação, sistematizado por Georg Lukács na obra *História e Consciência de Classe*. Tomando como ponto de partida desta dissertação o próprio romance, o conceito de reificação surge, enquanto categoria analítica, tendo em vista o aprofundamento da compreensão e do debate sobre o universo de *S. Bernardo*. O empreendimento de elaboração da estrutura do romance foi bem sucedido porque garantiu a organicidade dos elementos da obra, ou seja, cada traço adquire sentido em função de outro, o que garantiu a verossimilhança, o sentido da realidade. Esta unidade entre conteúdo e forma é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida. Eis o porquê da caracterização de *S. Bernardo* como um romance realista.

Palavras-chave: *S. Bernardo*; reificação; Graciliano Ramos; realismo.

ABSTRACT

Graciliano Ramos' novel, *S. Bernardo*, was published in 1934. The narrative is determined by the closing of human's consciousness to the understanding of reality's qualitative and sensitive elements. As all value becomes - deceptively - in exchange-value, every human relationship is transformed destructively – in a relation between things, between possessor and possessed. This is the protagonist Paulo Honório's world, who guides his actions in order to always obtain advantage. Throughout the course of the plot, it is possible to infer a correspondence between S. Bernardo's world and the concept of reification, systematized by Georg Lukács in his work *History and Class Consciousness*. Taking as starting point of this dissertation the novel itself, the concept of reification emerges as an analytical category, aiming to deep the understanding and debate about *S. Bernardo*'s universe. The project of developing the novel's structure was successful because it ensured the organic elements of the work, ie, every line makes sense in terms of another, what ensured the likelihood and the sense of reality. This unity of content and form is the key element of the truth of fictitious beings, the principle that infuses them life. Here's why *S. Bernardo* is characterized as a realist novel.

Key words: *S. Bernardo*; reification; Graciliano Ramos; realism.

SUMÁRIO

Agradecimentos	xvii
Introdução	19
1. A particularidade da reificação no romance <i>S. Bernardo</i>	31
1.1. O caminho entre <i>A carta</i> e <i>S. Bernardo</i>	31
1.2. Anotações autógrafas de 1952.....	34
1.3. Sobre a reificação	35
1.4. O início da travessia rumo ao bom sucesso de <i>S. Bernardo</i>	48
1.5. O universo reificado de <i>S. Bernardo</i> e o fracasso do contraditório	58
2. O lugar de Graciliano na Geração de 1930	83
2.1. A revolução burguesa no Brasil.....	74
2.2. Breve história do romance de 30	90
3. O Humanismo e o Realismo na obra de Graciliano Ramos	105
4.1. O lugar do Homem na literatura de Graciliano.....	106
4.2. Graciliano Ramos, <i>S. Bernardo</i> e o realismo.....	112
Considerações finais	123
Bibliografia	125
De Graciliano Ramos	125
Demais Romances e Poesias da Geração de 1930 no Brasil Utilizados como Referência Direta e/ou Indireta	125
Sobre Graciliano Ramos, Sociologia da Literatura, Teoria Literária e Teoria Social	126
Revista.....	132
Site	132

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os colegas que trabalharam comigo no Supermercado Pão de Açúcar no meu primeiro mês de mestrado, quando ainda não tinha bolsa. A convivência com estas pessoas me possibilitou ver, na prática, o abismo social entre os que lá trabalham e os que lá consomem.

Agradeço ao amigo David Rodrigues (Davizão), a quem desde o início devo um agradecimento especial. Foi ele quem, no meu primeiro ano do curso de Ciências Sociais, na Unesp de Marília, veio até mim com um exemplar do livro *Angústia*, do Velho Graça, e sugeriu a leitura. Desde então, tomei enorme gosto pelo escritor alagoano, sobre cuja obra dediquei a iniciação científica e o mestrado. Um outro Davi foi importante: Davi Vinícius (Davizinho). Um grande companheiro, foi quem me indicou a leitura, pela primeira vez, em 2008, dos livros de Georg Lukács.

A “Escola Taiaçuense de Sociologia” teve (e ainda tem) importante papel na minha formação. Muito me enriqueceram as conversas e debates com os demais membros da Escola – Douglas de Oliveira (Moskito), Murilo Miki (Sã) e Vinícius Rosini Rufino. Com todos os três, incluindo também o David, aprendi a ser mais humano, mais sensível e almejar uma sociedade mais justa entre os homens.

Esta dissertação não seria possível sem o trabalho de todos os funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Um agradecimento especial à dona Hilda, ex-funcionária do setor de publicações, que por anos me ofereceu café e conversas agradáveis; a Christina, ex-secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, por toda a preocupação e atenção que dispensou às minhas requisições junto à pós; ao Beneti, do setor de manutenção, por sempre me tratar com respeito e dedicar minutos de conversa e cigarro comigo nos corredores do IFCH.

Desde 2010 tenho a oportunidade de conversar com o Prof. Josué Pereira da Silva sobre alguns dos escritores do “Romance do Nordeste” (José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado). O seu conhecimento, simpatia e humor me deram prazer sempre que pudemos sentar e conversar um pouco.

Agradeço ao Prof. Fernando Teixeira, quem me ofereceu a possibilidade de ser estagiário do CECULT. A saída do trabalho no Pão de Açúcar e o ingresso neste centro de pesquisa possibilitou que eu trabalhasse menos, ganhasse mais e pudesse dedicar mais tempo ao mestrado.

O professor que me acolheu na iniciação científica e aceitou orientar este reles mortal foi Jesus José Ranieri. Tenho gratidão pela confiança e acolhida.

Grande parte dos textos que escrevi foi lido pela Profa. Mariana Chaguri, desde comunicações em colóquios, resenha para revista e esta dissertação. Sempre disposta a me ajudar, muito contribuiu com sua leitura atenta dos meus textos e com comentários inteligentes.

Dois professores do Instituto de Estudos da Linguagem tiveram grande contribuição na minha formação literária: o Prof. Carlos Eduardo Ornelas Berriel e o Prof. Antonio Arnoni Prado.

Ambos me receberam por várias vezes em suas respectivas salas e fizeram leituras e comentários ricos sobre os meus textos. Tanto um quanto o outro se tornaram exemplos, para mim, de intelectuais íntegros e dedicados ao seu ofício.

Agradeço aos Professores Rodrigo Czajka e Mário Augusto Medeiros da Silva pelo aceite para compor a banca da minha defesa de mestrado.

Um espaço importante na minha formação foi o Grupo de Estudos d'*O Capital*, no qual tive breve participação e pouco contribuí. Lá, ganhei novos amigos e fortaleci laços já construídos. Presenciei exposições e debates interessantíssimos sobre a obra-prima de Marx. Muito obrigado Lívia, André, Marcílio, Vinícius “Xegado”, Helena, Nara, Roberto e Iraldo.

A tradução do resumo desta dissertação para o inglês devo a Cecília Garcia, que mesmo em cima da hora aceitou realizar o trabalho.

Agradeço a amizade sincera e companheira de Fernando Fagner Ramos, Mariana Roncato, Antonio Deval Neto, Igor Figueiredo, Míriam Porfírio e Sinuê Miguel. Um carinho especial tenho pelos amigos que comigo saíram de Marília e se arriscaram em outras águas: Hélio Alexandre e Maria Érbia. Tenho muito a agradecer aos amigos Cesar Pereira, Simone Shiozawa, Rafaela, Fernanda e Juninho, pela acolhida na moradia.

Ao longo da minha vida acadêmica pude morar com várias pessoas. Três delas jamais esquecerei: o amigo antropólogo Delcídes Marques (Del), com quem fiz dose dupla em muitas manhãs de cantoria; o maestro e excelente pizzaiolo Isaac Kerr, figura ímpar pela sua disciplina, inteligência e dedicação à música erudita; e o químico José Carnaúba (Lero), pessoa cuja marca é a humildade e o companheirismo.

Ao longo de três anos de mestrado tive ao meu lado uma companheira, Ariadne. A quem agradeço pela compreensão e carinho incondicionais. Aproveito para me desculpar pelas ausências, estresse e o cheiro de cigarro. Além de grande pessoa, trata-se de uma intelectual marxista de futuro. Ensinou-me muito sobre Marx, Lukács e Mészáros e teceu comentários importantes sobre os meus textos ao longo deste período.

Alguns familiares tenho grande carinho e gratidão: tia Laici, tio Pedro, os primos Renato e Renata. Vocês sempre estiveram ao meu lado, principalmente quando mais precisei de suporte. Agradeço ao meu pai, Norberto, minha avó Iracema e a minha tia Margarida. Agradeço, também, aos familiares da minha companheira, e que há anos são meus também: seu José Antonio, dona Marina, Edel, Geber, Soraya e Márcia. Todos vocês foram importantes nesta empreitada.

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Siqueira Ridenti, pela orientação paciente, atenciosa, prestativa e provocativa.

Agradeço à Capes, pelo financiamento desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

“O romance é uma forma superior de vida”
(Graciliano Ramos pouco antes de seu falecimento)¹

O presente trabalho procurará estabelecer o que Fredric Jameson denominou “hierarquia de motivações”²: ou seja, os elementos de uma obra de arte são ordenados em vários níveis a partir da superfície, e o que deve ser feito é trazer para o primeiro plano o conteúdo mais essencial da obra. A partir dessa hierarquia da qual escreve Jameson, levanta-se a hipótese de que o conteúdo central no romance *S. Bernardo* consiste nos fenômenos da alienação e da reificação:

Em que consistem as falhas nucleares da tese do pessimismo radical? Em transferir para o azedume de um escritor doentio a doença que debilita o organismo social. Em confundir as atitudes intelectuais de um companheiro de jornal com o sentido dado a toda uma obra. Em ignorar *o papel central da alienação no universo romanesco de Graciliano Ramos*.³

Através de um estilo meticuloso – frases curtas, palavras “ásperas”, “cortantes” e “duras”, frases que conjugam o popular e clássico⁴, elementos de sua literatura ligada à realidade social brasileira – Graciliano cria uma personagem que ascende socialmente, torna-se membro da classe dominante e, com isso, reproduz as relações sociais desta classe. Paulo Honório narra sua própria história, trajetória de vida, ascensão social – o caminho que percorreu desde os tempos em que

¹ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Ricardo. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 114.

² JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma – Teorias dialéticas da Literatura no século XX**. São Paulo: HUCITEC, 1985. (Pensamento Socialista/ Debate Contemporâneo).

³ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil; 134). p. 197. Grifo nosso.

⁴ CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 25-33. (Fortuna Crítica, 2).

era trabalhador da fazenda São Bernardo, a conquista da propriedade e os meios utilizados, e a ampliação dos seus domínios econômico, político e geográfico.

Nelly Novaes Coelho afirma que o “egoísmo” é uma presença constante nas personagens de Graciliano, o que não é a “mola propulsora” do comportamento e das reações a que assiste, mas sim uma consequência do estado de solidão a que está condenado o “homem”. Para a autora, basta lembrar as atitudes de Paulo Honório no cotidiano e, posteriormente, do seu arrependimento em relação a essas: “forças cegas e inabarcáveis pela razão prosseguem em seu trabalho aniquilador, levando-o a uma reação violenta contra aquela mansidão que o atraía e forçando-o a destruí-la”⁵. Paulo Honório não compreende o sentido das forças que o conduzem, mas dentro de seu aturdimento, sente que há uma fatalidade nas coisas a qual não poderia modificar.

Nesse aspecto, a questão que se revela é: como Graciliano cria uma personagem que ascende socialmente e passa a reproduzir as relações sociais e de exploração características desta classe? E, que classe seria esta? Paulo Honório busca a posse das terras a qualquer custo, explora a mão-de-obra dos trabalhadores da fazenda e impõe às outras personagens os constrangimentos sociais vividos à época.

O tema central do livro é o desejo de posse, a vontade de domínio ou o sentimento de propriedade de Paulo Honório⁶. A ele, encontram-se ligados diversos temas relevantes que surgem como fruto do tema central ou se inter-relacionam direta ou indiretamente com ele: os meios utilizados por Paulo Honório para ter a posse da fazenda São Bernardo; o ciúme doentio

⁵ COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 64. (Fortuna Crítica, v.2).

⁶ Ver em: CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.; CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 25-33. (Fortuna Crítica, 2).; RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil; 134).

por sua esposa, Madalena; o suicídio dela; e o modo violento com que trata os empregados da fazenda.

Em Paulo Honório, o sentimento de propriedade, mais do que um simples instinto de posse, é uma disposição total do espírito, uma atitude geral diante das coisas. Por isso engloba todo o seu modo de ser, colorindo as próprias relações afetivas. Colorindo e deformando. Uma personalidade forte, nucleada por paixão duradoura – avareza, paternidade, ambição, crueldade –, tende a extremar-se [...].⁷

A definição da personalidade de Paulo Honório tem início na luta contra o seu primitivo *status quo*, a miséria e a baixa condição social; ele possui forte ambição e não aceita a realidade dada, busca na riqueza, ascensão social, no domínio, o sentido para a sua vida. Segundo Carlos Nelson Coutinho, Paulo Honório é a personificação dos valores dominantes na sociedade burguesa, ou seja, “a propriedade das coisas e dos homens.”⁸

É o que nos leva à seguinte indagação: qual é a particularidade da reificação no romance *S. Bernardo*? João Luíz Lafetá oferece uma luz acerca deste problema na análise que faz do romance:

Uma das mais sérias consequências da produção para o mercado (característica do capitalismo) é o afastamento e a abstração de toda a qualidade sensível das coisas, que é substituída na mente humana pela noção de quantidade. O valor-de-uso que toda mercadoria possui é distanciado e tornado implícito pela produção de valores-de-troca. Este fenômeno, classicamente designado pelo nome de “fetichismo da mercadoria”, dá origem a uma reificação global das relações entre os homens. Mediada sempre pelo mercado, a consciência humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos qualitativos e sensíveis da realidade. Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-

⁷ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 39.

⁸ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 153.

troca. E toda relação humana se transforma destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor.⁹

Do conteúdo exposto acima, surgem duas questões inseridas no quadro da reificação: primeira, há uma contradição entre Paulo Honório e a luta de Madalena contra as práticas cotidianas e os ideais defendidos por seu marido? Segunda: haveria, também, a partir da narração de Paulo Honório, outra possível contradição, neste caso, interna ao próprio narrador, que ora se apresenta em momentos de confissão, autocrítica e ora em momentos de reprodução?

O que se pretende investigar com este trabalho é a manifestação no romance da relação entre “coisas”, entre “possuído e possuidor” estabelecida por Paulo Honório, ao longo dos anos, com os empregados da fazenda - Casimiro Lopes, Padilha, Seu Ribeiro e Marciano – e com a sua esposa e a tia dela – respectivamente, Madalena e D. Glória, englobada pelo fenômeno da reificação – processo de coisificação das relações entre os homens, ou seja, a redução do homem enquanto ser genérico a um objeto, uma mercadoria.¹⁰

O estilo de um romancista é a escolha de palavras, construções, fatos e seus ritmos para conseguir uma composição perfeita. Mas não só. É principalmente, “uma espécie de concepção do romance, uma genuína filosofia do romance, o ponto fundamental das distinções entre os

⁹ LAFETÁ, João Luíz. O Mundo à Revelia. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 206.

¹⁰ Segundo Coutinho, “Paulo Honório reduz tudo ao seu interesse egoísta: os homens não são senão instrumentos de sua ambição, meios que ele utiliza para a obtenção do fim, da realização individual a que se propõe.” (1967. p. 153). Não cabe aqui fazermos a análise da particularidade da reificação em *S. Bernardo*. Ela será desenvolvida ao longo de todo o capítulo 1.

romancistas.”¹¹ No caso de Graciliano Ramos, estilo é a “escolha entre o que deve perecer e o que deve sobreviver.” Trata-se de um trabalho “[...] muito metucioso. Quer eliminar tudo o que não é essencial: as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa.”¹²

Em três dos romances de Graciliano – *S. Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938) – distintos entre si, tanto no assunto quanto na construção, o romancista manteve o mesmo estilo, a mesma posição ideológica perante o Homem e a vida. Em todos eles o Homem é colocado em primeiro plano, ocupando o lugar central.

No caso de Graciliano, o que temos é o mundo objetivo visto através do prisma da subjetividade humana: “mundo fragmentado, distorcido, dissolvido em emoções e sensações. E da complexa riqueza dessa alma, Graciliano fixa, principalmente, duas forças que se tornam obsessivas em toda sua obra: a *Solidão* interior do homem e sua *Luta* pela afirmação da própria individualidade.”¹³

Na verdade aos lermos seus livros de ficção sentimos a autenticidade vital de suas personagens, situações e problemas; pressentimos vivamente a presença de Graciliano mesclando-se a tudo. Depois, lendo sua obra memorialista, o pressentimento é confirmado pelo próprio romancista que, ao recompor sua vida, nos vai dando a chave de suas criações. Compreendemos então, o significado da chamada “falta de imaginação criadora” já apontada pelos críticos e confessada também pelo Autor, ao comentar a capacidade criadora de José Lins do Rego [em *Infância*]: “... só me abalanco a expor a coisa observada e sentida”.¹⁴

¹¹ MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisitor. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 34. (Fortuna Crítica, 2).

¹² CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 25. (Fortuna Crítica, 2).

¹³ COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 61. (Fortuna Crítica, v.2).

¹⁴ Idem. p. 71.

Os romances de Graciliano contêm o “externo” e o “interno”, ou seja, a vida social e o próprio enredo do romance, intrinsecamente entrosados. Graciliano é o autor que jamais se aparta de si mesmo, como ele próprio afirma. Observa não só as coisas e os homens, mas também a própria consciência deles. Por conta de seu aguçado senso crítico tudo em seus livros chega ao leitor através de sua análise minuciosa e lúcida.

Ao se debruçar sobre a sua obra, tem-se a mesma sensação descrita por Nelly Novaes Coelho em um artigo bastante lúcido sobre os livros do escritor: “vemos, claramente, que *estamos diante de um escritor do nosso tempo, um escritor que sentiu profundamente os problemas que avassalam o homem do século XX.*”¹⁵ Um desses problemas é a solidão, o distanciamento cada vez maior entre as pessoas nas relações sociais. Esse fato chamou a atenção de Graciliano, que o sentiu na pele na vida real e o recriou literariamente através de suas personagens. Essa consciência do isolamento total oprime tragicamente todas as personagens de Graciliano – é o que esmaga Luís da Silva, em *Angústia*, e Paulo Honório no desenrolar da história de *S. Bernardo*.

A solidão da inteligência humana frente ao problema da Vida é, cremos, a força geradora que, em Graciliano, produziu toda sua obra de ficção ou memorialista. Todas suas personagens estão sós com suas almas, cujas queixas ou anseios não encontram ecos nos outros; permanecem isolados entre si, sem comunicar-se. A personalidade de cada uma guarda zelosamente o seu segredo e no seu isolamento os impulsos negativos nascem, crescem, agigantam-se destruindo tudo.¹⁶

Essa concepção de mundo totalizante presente na obra de Graciliano talvez permita aproximá-lo da caracterização do “grande escritor” feita por Georg Lukács¹⁷:

¹⁵ Idem. p. 60. Grifo nosso.

¹⁶ Idem. p. 72.

¹⁷ Procuraremos investigar tal aproximação ao longo deste trabalho, mas não como problema central.

O escritor precisa ter uma concepção do mundo inteiriça e amadurecida, precisa ver o mundo na sua contraditoriedade móvel, para selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. As concepções do mundo próprias dos grandes escritores são variadíssimas e ainda mais variados são os modos pelos quais eles se manifestam no plano da composição épica. Na verdade, quanto mais uma concepção do mundo é profunda, diferenciada, nutrida de experiências concretas, tanto mais plurifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva.¹⁸

As personagens e os ambientes, as pessoas e coisas em seus romances “se acham impregnados de regionalismo, vincado e marcado de Nordeste brasileiro. O meio físico em que se movem as gentes e os bichos, a maneira de viver e trabalhar, os pensamentos e sentimentos, os modos de falar e não falar, tudo aquilo é tipicamente nordestino”. Mas há também “uma força motriz de essência universal: *a substância humana*. Por outras palavras: o corpo é regional, mas a alma é universal. Ou, se preferem: a expressão é regional, mas o conteúdo é universal.”¹⁹

Das partes deste trabalho

As primeiras décadas na história do século XX, no Brasil, é marcada por mudanças significativas nos âmbitos político, econômico e cultural: as transformações tornam-se evidentes com o advento da “revolução” de 30. Na literatura, surgem escritores representativos e figura o nome de Graciliano Ramos. Tributário de uma liberdade estética já preconizada entre os modernistas de São Paulo, as obras de Ramos, sem relegar a preocupação com o texto, compreendem e incorporam no plano da fatura o contexto deste período de transformações que o Brasil vivencia.

¹⁸ LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 78.

¹⁹ Astrogildo Pereira. In: SCHIMIDT, Augusto Frederico. **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943. p. 96. Grifo meu.

Publicado em 1934, o romance *S. Bernardo* é representativo da modernização conservadora característica à formação da sociedade brasileira e tão corriqueira entre as classes dominantes, a exemplo da assimilação do modo de produção capitalista existente na propriedade *S. Bernardo* e a adoção de uma conduta social condizente com os preceitos do patriarcalismo. Nota-se neste romance que o protagonista estabelece relações pessoais e políticas estritamente pragmáticas e utilitárias, permeadas por valores quantitativos em todas as suas possibilidades. A trajetória de Paulo Honório está relacionada à obtenção de vantagens e, conseqüentemente, reduz tudo e todos à quantificação incondicional. Neste percurso da vantagem, Paulo Honório assimila uma postura patriarcal conveniente para seus objetivos sem, contudo, negar seu caráter capitalista.

No romance *S. Bernardo*, a reificação constitui o fio condutor de praticamente todas as relações, fenômeno que se torna uma barreira na vida de Paulo Honório, impedindo-o de conhecer um mundo externo ao mundo quantificado em que vive, pois o transforma numa pessoa mutilada e deformada, como ele mesmo declara a certa altura do livro:

O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

[...]

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.²⁰

A crítica literária tem estudado com muita pertinência – mas sem se deter o necessário – a questão da reificação no romance *S. Bernardo*, ao delimitar as instâncias em que se observa a conduta reificada, como esta implica no caráter do narrador-protagonista. Neste sentido, os

²⁰ RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 216 e 219.

ensaios de Luiz Costa Lima e João Luis Lafeté procuram formular uma crítica capaz de evidenciar a singularidade da narrativa do livro em questão.

O que se pretende é compreender o processo formativo do protagonista, antes e após a aquisição da fazenda S. Bernardo, ao mesmo tempo em que se identificam os momentos em que Paulo Honório assimila determinados aprendizados necessários à obtenção do lucro e das vantagens. Ao acompanhar a trajetória da vida de Paulo Honório – e compreender os seus aprendizados, dentro de uma nova ordem a qual ele se vincula e representa, na medida em que é um “novo homem” em formação diante das configurações históricas que se esboçam no Brasil dos anos trinta, bem como identificar as consequências da busca por uma formação especializada destinada ao acúmulo de capital – procura-se elucidar os preceitos formativos que estão para além das aparências nas relações reificadas estabelecidas no romance. Para tanto, esta dissertação subdivide-se em três capítulos assim dispostos.

O primeiro capítulo, *A particularidade da reificação no romance S. Bernardo*, inicia com uma tentativa de aproximação entre o conto *A carta*, escrito por Graciliano em 1924 e não publicado, e *S. Bernardo*, composto em 1932 e publicado dois anos depois. Além disso, procurou-se buscar nas primeiras edições do romance e em cartas do escritor palavras e passagens que foram acrescentadas ou suprimidas por ele mesmo para as edições futuras. Eis o propósito do item *Anotações autógrafas de 1952*. No item seguinte, *Sobre a reificação*, procurou-se elaborar um quadro teórico sobre o conceito de reificação enquanto categoria analítica e do modo de produção capitalista. A reificação é um conceito que se encontra implícito n’ *O Capital*, de Karl Marx, e sobre o qual Georg Lukács, no livro *História e Consciência de Classe*, empreendeu uma análise ampla. A reificação é a consequência de relações sociais fetichizadas,

no mundo das mercadorias, através das quais o homem adquire um olhar quantificador sobre quase tudo.

Assim, imerso nas relações coisificadas, as características qualitativas cedem lugar às relações mensuráveis. Considerando a recorrência desse fenômeno como componente central da narrativa, a reificação como categoria analítica torna-se pertinente na medida em que possibilita o entendimento e uma leitura enriquecida da obra. Para uma aplicação mediada do conceito de reificação enquanto categoria analítica ao estudo do romance *S. Bernardo*, lança-se mão da distinção entre capital e capitalismo feita por István Mészáros em *Para além do capital* e da análise da particularidade do capitalismo brasileiro no livro *A revolução brasileira*, de Caio Prado Júnior. Feito isto, tem início a análise do romance, feita em dois momentos, primeiro em *O início da travessia rumo ao bom sucesso de S. Bernardo* e, depois, em *O universo reificado de S. Bernardo e o fracasso do contraditório*, amparada nas discussões existentes na fortuna crítica de Graciliano Ramos, em específico, *S. Bernardo*, Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho, João Luiz Lafetá e Luis Bueno.

Ao se discutir a questão da reificação na obra, é possível perceber que os estudos de *S. Bernardo* ainda não contemplaram algumas possibilidades críticas decorrentes do enredo do romance, por exemplo, a parte em que Paulo Honório ainda não é o proprietário da fazenda e os primeiros atos logo após a aquisição desta.

No capítulo 2, procuraremos investigar sobre *o lugar de Graciliano na Geração de 1930*, iniciando o caminho a partir do item 2.1. *A “revolução” burguesa no Brasil*, com o estudo do momento histórico em que o romancista escreveu *S. Bernardo*, o golpe de 1930, o governo de Getúlio Vargas e a instauração da dominação burguesa no Brasil. No item seguinte, *Breve história do romance de 30*, trataremos de forma sintética um dos mais ricos momentos da cultura

e das artes no Brasil. Dentre os grandes nomes estão Santa Rosa, Candido Portinari, Aurélio Buarque de Holanda, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cyro dos Anjos, Dyonélio Machado, entre outros. Mas Graciliano parece ocupar um lugar ímpar nessa geração. Por quê? Quais as características da sua obra possibilitaram esse destaque? O que dizem os críticos sobre o momento histórico?

O assunto que abrangerá todo o capítulo 3 será *O Humanismo e o realismo na obra de Graciliano Ramos*. Nas leituras que fizemos dos livros de Graciliano, observamos que o Homem é colocado sempre no primeiro plano da obra e a trama é movida pelos conflitos entre as personagens e entre elas e o mundo vigente: características fundamentais de uma literatura considerada humanista e realista pela corrente lukácsiana da estética marxista. No item 3.1. *O lugar do Homem na literatura de Graciliano*, remontaremos a definição do conceito de “Humanismo” sistematizada por Georg Lukács a partir dos escritos de Marx e Engels. O foco será no tratamento da questão colocada acima nos romances de Graciliano Ramos, principalmente em *S. Bernardo*. No item 3.2. *Graciliano Ramos e o realismo*: sua literatura nunca foi, nem pretendeu ser, mera “fotografia” do real, a matéria social foi tratada de forma bastante particular por Graciliano: a vida social é reelaborada na sua forma literária, o “externo” e o “interno” conjugam-se dialeticamente. Talvez por isso, o escritor nunca teve simpatia pelo chamado “Realismo Socialista” soviético, considerando-o pobre, uma literatura panfletária.

I. A PARTICULARIDADE DA REIFICAÇÃO NO ROMANCE *S. BERNARDO*

1.1. O caminho entre “*A carta*” e “*S. Bernardo*”

A primeira edição de *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, foi publicada em 1934, pela editora Ariel, contendo na capa uma ilustração de Santa Rosa. Posteriormente, foi filmado e traduzido para o inglês (1975), francês (1936), italiano (1993), russo, tcheco, polonês, alemão (1960), espanhol (1980), húngaro (1962), búlgaro, romeno, finlandês (1961) e holandês (1996)²¹.

Dez anos antes da publicação do romance, Graciliano, entusiasmado com as leituras da Sociologia Criminal, escreve um conto intitulado *A Carta*, que não chegou a ser publicado:

Em 1924, em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em toda parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei. Talvez isso não seja tão idiota como parece. Abandonando o contas-correntes, o diário, outros objetos da minha profissão, havia-me embrenhado na Sociologia Criminal. Que me induziu a isso? Teria querido matar alguns fantasmas que me perseguiram? Naquele inverno de 1924, numa casa triste do Pinga-Fogo, sentado à mesa da sala de jantar, fumando, bebendo café, ouvindo a arenga dos sapos, o mugido dos bois nos currais próximos e os pingos das goteiras, enchi noites de insônia e isolamento a compor uma narrativa. Surgiu um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste. Diálogo chinfrim, sintaxe disciplinada, arrumação lastimosa. Felizmente essas folhas desapareceram também, pelo menos adelgçaram: ressurgi, desenferrujei a alma, tornei-me prefeito municipal. Aventuro-me a admitir, pois, que o suicídio se tenha de fato realizado.²²

²¹ As referências utilizadas a respeito das traduções de *S. Bernardo* foram retiradas de RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil; 134); e do site: http://www.gracilianoramos.com.br/obras_sbernardo.html

²² Graciliano Ramos. In: RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp. 54-55. (Retratos do Brasil; 134).

O criminoso mencionado no trecho acima leva o nome de Paulo Honório, personagem do conto de onde surgirá *S. Bernardo* em 1932, mas publicado só dois anos depois²³. Oito anos após *A Carta*, Graciliano recupera a personagem que seria o protagonista e narrador do romance, diverso e bem mais elaborado do que o manuscrito:

No começo de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperanças, enxergando em redor nuvens e sombras.

Nessa crítica situação voltou-me ao espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações – um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura. As outras figuras da novela não tinham relevo, perdiam-se à distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito cascudo e grosseiro avultava, no alpendre da casa-grande de S. Bernardo, metido numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracus, habitações de moradores, capulhos embranquecendo o algodoal, paus d’arco floridos a enfeitar a mata. E, sem recorrer ao manuscrito de oito anos, pois isto prejudicaria irremediavelmente a composição, restaurei o fazendeiro cru, a lápis, na sacristia da igreja enorme que o meu velho amigo padre Macedo andava a construir. Surgiram personagens novas e a história foi saindo muito diversa da primitiva.²⁴

Talvez uma versão contrária, ou complementar, do surgimento do personagem Paulo Honório esteja na obra *Infância*. O que o texto dá a entender é que, na verdade, Paulo Honório é uma pessoa real presente na infância de Graciliano: “Alguns becos rasgavam-se no tronco: um dia ter à Lagoa; outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalo-Morto, areal mal-afamado que findava no sítio de *Seu Paulo Honório* [...]”²⁵

Após sofrer com uma síncope, volta para a casa do Pinga-Fogo, em Palmeira dos Índios, e retoma a redação de *S. Bernardo*. Das visitas de Sebastião Ramos ao filho, Graciliano guarda na memória sua carranca e fragmentos de velhas narrações, que se combinariam na construção de

²³ MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

²⁴ Idem. pp. 75-76.

²⁵ RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Círculo do Livro. s.d. p. 45.

Paulo Honório. Esse “colaborador” morreu em 1924 e não chegou a ler o romance. Já “a língua, as imagens rurais, apanhei-as em consultas pacientes a meus irmãos e cunhados, gente matuta. Usei com abundância antigas expressões portuguesas que circulam em todo o Nordeste.”²⁶ Em carta para sua esposa, Heloísa Ramos, Graciliano afirma:

O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para o brasileiro, um brasileiro encrascado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes para a fixação, da linguagem nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico?²⁷

Segundo Clara Ramos, filha do escritor, é comum no sertão nomear os cães com nome de peixe, para evitar o que o dito popular chama de “o mal da água”, ou hidrofobia²⁸. Fiel à tradição popular, o romancista nomeou, em *S. Bernardo*, o cachorro de Paulo Honório de Tubarão. Em *Vidas Secas*, romance posterior, a cachorra foi batizada de Baleia.

O método de composição utilizado por Graciliano em *S. Bernardo* é cuidadosamente elaborado, algo que se inicia com o pormenor e caminha para o global:

[...] uma folha de rosto que, em falta de melhor definição, me parece o mais próximo de um organograma literário. Os títulos ou temas de capítulos estão circunscritos em retângulos fortes, que se ligam numa sequência ou se desdobram, descendentes, laterais, formando uma teia ao mesmo tempo

²⁶ Idem. p. 79.

²⁷ Idem. p. 84.

²⁸ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp. 54-55. (Retratos do Brasil; 134). p. 124.

imaginosa e lúcida. Sempre senti esse processo, do pormenor ao global, como extremamente elaborado.²⁹

Foi assim, na sacristia de uma capela, dando nova vida à personagem Paulo Honório, observando a fisionomia e o jeito de falar das pessoas, através de uma organização meticulosa de todos os elementos, que Graciliano escreveu *S. Bernardo*, um dos maiores romances da literatura mundial, segundo Antonio Candido³⁰.

1.2. Anotações autógrafas de 1952

Em pesquisa no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), localizado na Universidade de São Paulo, tomamos contato com um exemplar do romance *S. Bernardo* e cartas de Graciliano Ramos presentes no arquivo dedicado ao escritor.³¹

O livro, cuja edição impressa datava de 1947³², foi revisado para a 4ª edição, de 1952, a última corrigida por Graciliano antes da sua morte, no ano seguinte. Logo no início do exemplar do livro que consultamos, antes da ficha catalográfica, consta a seguinte recomendação de Graciliano para o editor: “Compor em conformidade com o original (ct [capítulos] > pt [partes] > etc.)”.

²⁹ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Ricardo. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 117.

³⁰ BARBOSA, João Alexandre. “Uma biblioteca pessoal”. In: Dossiê: Antonio Candido – 80 anos. **Revista CULT**. julho, 1998. p. 62.

³¹ Não constam do acervo, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), os originais manuscritos do livro nem as edições anteriores.

³² Anexado ao romance, consta um documento com a seguinte anotação do arquivista: “*São Bernardo*. Romance. 3ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, 224 p. (Encadernada, sem capa original). Correções autógrafas e de terceiros, a tinta azul e a lápis. (Obras de Graciliano Ramos, v. 2).”

Também é interessante notar como a ordem das partes de um romance podem se alterar desde a primeira versão manuscrita, até a versão final editada. No caso de *S. Bernardo*, dois exemplos deixam claro como o caminho de elaboração do livro é sinuoso: a página 8 da composição inicial se tornou a página 113, capítulo XVIII, da edição em livro. Já a página 9 virou a 129, capítulo XXI.

O rigor da revisão parece não perder força mesmo com um homem de saúde já debilitada, todas as correções feitas de próprio punho, não passando despercebido até erros de digitação, um “o” que substituiu um “a” no final de uma palavra. Desta edição, constam apenas breves e pontuais alterações de letras digitadas erradas, a substituição sempre que aparece do termo “de vez em quando” para “de quando em quando” e a subtração de algumas conjunções aditivas “e” e do excesso da palavra “que” de algumas frases. Porém, não há nenhuma alteração de conteúdo significativa, que altere o sentido e/ou o significado da frase e/ou do capítulo.

Em outro documento do arquivo, uma carta de Graciliano à sua esposa Heloísa Ramos, datada de 8 de outubro de 1932, ele relata o trabalho árduo de escrita de *S. Bernardo* e parece incorporar parte da subjetividade de Paulo Honório: “Mas tenho trabalhado demais: um dia destes estive com *os bichos*³³ de *S. Bernardo* das seis da manhã à meia-noite, sem me levantar da banca [...]”

1.3. Sobre a reificação

A análise de *S. Bernardo*, sucedida da leitura da fortuna crítica que aborda este romance, reforçou a ideia da temática central do livro: a reificação. Antes de adentrarmos na análise

³³ Grifo nosso.

propriamente dita deste livro, julgamos indispensável esclarecer para o leitor do que se trata este conceito marxista sistematizado por Lukács em *História e Consciência de Classe*. Só então faremos o trabalho de imersão no romance para tentar comprovar a nossa hipótese.

A reificação como conceito é o desenvolvimento lógico e histórico do fenômeno da alienação e do fetichismo da mercadoria. Trata-se da elaboração da temática da alienação que, passando pelo fetichismo, culmina na incubação da reificação como uma nova configuração histórica da análise social, na qual ainda estão presentes seus conteúdos constitutivos. Segundo Marx, o fetichismo da mercadoria é um fenômeno característico da sociedade capitalista, uma forma que penetra em todas as esferas da vida e influencia diretamente as relações entre os homens.³⁴ O que é específico deste processo é o predomínio da coisa, do objeto sobre o sujeito, o homem; é a inversão entre a verdade do processo pelo que ele aparenta ser em sua forma imediata. E nisto se aproximam os conceitos de alienação, fetichismo e reificação.³⁵

De acordo com Marx, o capitalismo caracteriza-se pela prevalência do valor de troca, como dominação abstrata que as coisas exercem sobre os sujeitos.³⁶ A partir das reflexões de Marx, Lukács propõe uma análise “do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade” e “do comportamento do sujeito submetido a ela”, questões cuja compreensão permite “uma visão clara dos problemas ideológicos do capitalismo e do seu declínio.”³⁷

³⁴ MARX, Karl. *O Capital*, Vol. 1, São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os economistas).

³⁵ À respeito da vinculação da problemática da alienação com o fetichismo da mercadoria e a reificação, ver também: NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Humanas, 1981. E, NOBRE, Marcos. *Lukács e os limites da reificação: um estudo sobre História e consciência de classe*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

³⁶ MARX, Karl. *O Capital*, Vol. 1, São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os economistas).

³⁷ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 194. (Tópicos).

Pois diferentemente da análise tradicional da ideologia, referente à inversão entre pensamento e objeto, como consciência falsa e invertida da realidade, Lukács preocupa-se com a “aparência objetiva” presente na produção e distribuição de mercadorias promovida na realidade social.³⁸

Não é de modo algum casual que as duas grandes obras da maturidade de Marx, que expõem o conjunto da sociedade capitalista e revelam seu caráter fundamental, comecem com a análise da mercadoria. Pois não há problema nessa etapa de desenvolvimento da humanidade que, em última análise, não se reporte a essa questão e cuja solução não tenha de ser buscada na solução do enigma da *estrutura* da mercadoria. Certamente, essa universalidade do problema só pode ser alcançada quando a formulação do problema atinge aquela amplitude e a profundidade que possui nas análises do próprio Marx; quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema isolado, tampouco como problema central da economia enquanto ciência particular, mas como o problema central e estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Pois somente nesse caso pode-se descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa.³⁹

Lukács atenta para o fato do fetichismo ser uma questão específica do moderno sistema capitalista, pois mesmo que as relações mercantis já estivessem presentes em etapas primitivas da sociedade, somente na modernidade ela se tornou universal, com a capacidade de influenciar todos os âmbitos da vida social. Nas sociedades primitivas, segundo Lukács, a troca direta, que significava a “forma natural do processo de intercâmbio, representa muito mais a transformação inicial dos valores de uso em mercadorias do que das mercadorias em dinheiro.”⁴⁰ Entretanto, diante das transformações das comunidades primitivas em sociedades mais complexas, a troca

³⁸ MAAR, Wolfgang Leo. A reificação como realidade social. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. (org.) Lukács, um Galileu no século XX. 2 ed. São Paulo, Boitempo, 1996. p. 37.

³⁹ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 193. (Tópicos).

⁴⁰ Idem, p. 195.

direta entre produtor e consumidor presencia o aparecimento de novos agentes mercantis, como é o caso do intermediário, “o comerciante que compara os preços monetários e embolsa a diferença”⁴¹. Lukács caracteriza o capital mercantil primitivo como “o movimento de mediação entre extremos que não domina e condições que não cria”⁴². Em contraposição à sua forma primitiva, no capitalismo moderno temos a forma mercantil como a forma dominante sobre todo o conjunto social.

Por isso, não é mais de admirar que o caráter pessoal das relações econômicas tenha sido percebido ainda no início do desenvolvimento capitalista e, às vezes, de maneira relativamente clara; no entanto, quanto mais avançava o desenvolvimento, mais complicadas e intermediadas surgiam as formas, cada vez mais raro e difícil tornava-se penetrar nesse invólucro reificado.⁴³

A “objetividade ilusória” analisada por Lukács assenta-se na estrutura mercantil, em que relações entre pessoas tomam o caráter de relações entre coisas. As questões centrais analisadas no estudo da reificação são aquelas que decorrem do “caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade” e do comportamento do sujeito inserido neste processo.⁴⁴

O homem é submetido tanto materialmente quanto psicologicamente a uma realidade abstrata e fragmentada, e vai deixando de perceber as mediações entre ele e a totalidade. A divisão social do trabalho atrelada à mecanização progressiva dos meios de produção transforma desde as formas mais elementares de produção até a indústria moderna em processos racionalmente operacionais, subdivididos e parciais.

⁴¹ Idem, p. 197.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem, p. 194.

A racionalidade produtiva do capitalismo avançado promove a eliminação das propriedades qualitativas dos homens e destrói a mediação entre o trabalhador e o produto de seu próprio trabalho. Promove a perda da totalidade presente no objeto produzido, reduzindo o trabalho a um exercício mecânico repetitivo.⁴⁵ A mecanização, expressa na fragmentação do trabalho e na racionalização de seus processos parciais, não é somente uma realidade material, mas também “espiritual”, pois introduz na subjetividade do trabalhador os mesmos processos reificados da produção industrial.

Com a moderna análise “psicológica” do processo de trabalho (sistema de Taylor), essa mecanização racional penetra até na “alma” do trabalhador: inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e são objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito ao calculador.⁴⁶

A análise realizada por Lukács afirma a crescente autonomia dos processos da racionalização industrial que se tornam cada vez mais independentes, racionais e baseados no cálculo. Este processo possui implicações diretas no sujeito, pois a perda da totalidade do objeto enquanto produto do trabalho humano significa a própria perda da totalidade da consciência do sujeito. A fragmentação dos processos de produção e da divisão do trabalho significa a fragmentação do indivíduo, e a sua inserção fragmentada nesta realidade o conduz a uma posição contemplativa diante do processo de produção mercantil⁴⁷. Diante deste processo produtivo

⁴⁵ Segundo Lukács (2003), “O produto que forma uma unidade, como objeto do processo de trabalho, desaparece. O processo torna-se a reunião objetiva de sistemas parciais racionalizados, cuja unidade é determinada pelo puro cálculo, que por sua vez devem aparecer *arbitrariamente* ligados uns aos outros.” (p. 203).

⁴⁶ Idem, pp. 201-202.

⁴⁷ “[...] essa fragmentação do objeto da produção implica necessariamente a fragmentação do seu sujeito.” (Idem, p. 203).

estranhado, indivíduo e sociedade separam-se, e a universalidade da forma mercantil e dos processos de fragmentação do trabalho promove a percepção de uma realidade insuperável baseada na troca abstrata. O indivíduo diante destes poderosos processos transforma-se num espectador que vislumbra o sistema como algo estranho, separado e independente de sua vontade.

O processo no qual o indivíduo está inserido, caracterizado pela universalização da forma mercantil, é correlato à forma interior da empresa industrial. A estrutura da sociedade capitalista é a própria estrutura de uma empresa mecanizada e racionalmente administrada. Lukács (2003) afirma haver uma aproximação entre a universalização da mercadoria como forma dominante da realidade moderna e o destino do trabalhador (destino do Homem), que é ele próprio mercadoria inserido na produção industrial.

O destino do trabalhador que se torna universal para toda a sociedade é o processo que transforma tudo (ou quase tudo) em valor-de-troca. A reificação está presente no trabalho, na consciência do indivíduo e na totalidade da sociedade dominada pela mercadoria. Segundo Lukács, o capitalismo moderno atua no sentido de “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas”⁴⁸.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o destino do homem caracteriza-se justamente pelo processo de transformação do valor de uso, qualitativo e direto, em valor de troca abstrato, a própria permutabilidade da quantidade do tempo de trabalho abstrato.

Este processo não apenas encobre os processos produtivos, como também inverte as relações entre sujeito produtor e objeto produzido, encobre, também, as relações humanas e as manifestações da vida do homem que são colocadas no objeto da produção. As determinações da produção tornam-se obscuras e estranhas ao sujeito reificado.

⁴⁸ Idem, p. 207.

Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva.⁴⁹

A utilização generalizada da técnica racional no aparato produtivo se constitui como a particularidade da forma moderna do capitalismo. Para refletir sobre uma sociedade baseada no cálculo racional, Lukács recorre a Max Weber como elucidação deste processo de racionalização crescente. A universalidade da racionalidade da reificação sustentada no cálculo e na previsibilidade demonstra a atitude contemplativa do indivíduo no capitalismo moderno. “Pois a essência do cálculo racional se baseia, em última análise, no reconhecimento e na previsão do curso inevitável a ser tomado por determinados fenômenos de acordo com as leis e independentemente do ‘arbítrio individual’”⁵⁰.

A relação entre a empresa capitalista e o processo de racionalização possibilitou o crescimento das técnicas produtivas e da organização racional da produção, e promoveu o aumento da fragmentação do trabalho, e em consequência, da consciência do trabalhador. Diferentemente dos modos de produção pré-capitalistas a configuração moderna do sistema não condiz com uma diferença qualitativa na estrutura da consciência, mas sim com uma diferença puramente quantitativa e de grau.

Este processo permite a compreensão do caráter crescente da burocracia que se relaciona diretamente com uma racionalidade formal baseada em aspectos quantitativos e que passa a administrar a vida dos homens. Lukács afirma que “a burocracia implica uma adaptação do modo

⁴⁹ Idem, p. 211.

⁵⁰ Idem, p. 218.

de vida e do trabalho e paralelamente também da consciência aos pressupostos socioeconômicos gerais da economia capitalista [...]”⁵¹. A burocracia, relacionada com a totalidade reificada e o tratamento racionalmente formal dado aos objetos na produção capitalista moderna, promove o desprezo crescente da essência qualitativa das coisas.

No processo da divisão do trabalho, o sujeito sofre com a crescente especialização e fragmentação deste processo, que também significa a própria fragmentação da subjetividade.

A separação da força de trabalho e da personalidade do operário, sua metamorfose numa coisa, num objeto que o operário vende no mercado, repete-se igualmente aqui. Porém, com a diferença de que nem toda faculdade mental é suprimida pela mecanização; apenas uma faculdade ou um complexo de faculdades destaca-se do conjunto da personalidade e se coloca em oposição a ela, tornando-se uma coisa, uma mercadoria. [...] tudo isso mostra que a divisão do trabalho penetrou na “ética” – tal como, no taylorismo, penetrou no “psíquico”. Isso não é, todavia, um abrandamento, mas, ao contrário, um reforço da estrutura reificada da consciência como categoria fundamental para toda a sociedade.⁵²

Há uma relação intrínseca entre a estrutura econômica universal e a estrutura subjetiva da consciência, o que possibilita afirmar que os problemas no âmbito da consciência estão relacionados com a forma de objetivação humana. Diferentemente das formas de trabalho da Antiguidade, nas quais o trabalhador parecia ter um destino isolado, no capitalismo moderno a objetivação realiza-se universalmente por meio da mão-de-obra do trabalhador como mercadoria. “Foi o capitalismo a produzir pela primeira vez, com uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto dessa sociedade.”⁵³. De acordo com Lukács, a estrutura unitária que caracteriza a sociedade capitalista

⁵¹ Idem, p. 219.

⁵² Idem, pp. 220-221.

⁵³ Idem, p. 221.

moderna promove, por meio do trabalho assalariado, a repetição dos problemas da consciência. O trabalhador “[...] não somente se torna um espectador do devir social [...], mas também assume uma atitude contemplativa em relação ao funcionamento de suas próprias faculdades objetivas e coisificadas.”⁵⁴

Ao refletir sobre a racionalização presente em todos os âmbitos da sociedade, Lukács se depara com um problema fundamental: a racionalidade presente no momento parcial da produção e a irracionalidade e contingência do conjunto. Segundo Lukács,

Essa incoerência manifesta-se de maneira bastante flagrante nas épocas de crise, cuja essência [...] consiste justamente no fato de que a continuidade imediata da passagem de um sistema parcial a outro se rompe, e de que a sua interdependência e o caráter contingente de suas inter-relações se impõem subitamente à consciência de todos os homens.⁵⁵

É uma característica básica da sociedade capitalista a relação entre as particularidades governadas por leis em contraposição à irracionalidade do movimento da totalidade. “Pois é claro que toda a estrutura da produção capitalista repousa sobre essa interação entre uma necessidade submetida a leis estritas em todos os fenômenos isolados e uma irracionalidade relativa do processo como um todo.”⁵⁶ Para Lukács, se a racionalidade presente nos processos parciais estivesse presente na totalidade social e nas relações de concorrência entre os proprietários, tais relações não poderiam se concretizar. Pois o sistema como um todo se sustenta não apenas impondo aos indivíduos suas leis contingentes, mas também impossibilitando um conhecimento total ou integral da realidade social. Uma correspondência racional à irracionalidade do sistema

⁵⁴ Idem, p. 222.

⁵⁵ Idem, p. 224.

⁵⁶ Idem, p. 225.

capitalista moderno significaria sua própria supressão, porque asseguraria ao indivíduo o conhecimento integral da totalidade.

Neste sentido, nota-se que o limite da racionalidade no sistema capitalista avançado encontra-se num conhecimento que não consegue enxergar para além desta realidade abstrata, formal, imediata, fragmentada e quantitativa.⁵⁷

Somente a mercadoria enquanto categoria universal possibilita o conhecimento da totalidade social, a apreensão da essência fidedigna de suas nuances que se encontram arrojadas ao processo evolutivo da reificação. É justamente esta inversão estrutural que sofre a realidade sobre a dominação da forma mercadoria o que faz com que o homem seja confrontado com “sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias, que lhes são estranhas.”⁵⁸

Para a compreensão deste processo de universalização da forma mercantil e da reificação, resultante das determinações históricas do capitalismo moderno, é importante promover certos questionamentos: como e por que o processo de valorização sobrepôs o processo de trabalho? Por que os homens medem seu trabalho quantitativamente por meio do tempo de trabalho abstrato? Por que a realidade inverteu-se transfigurando as relações entre sujeito e objeto? A filosofia tem dificuldades de responder estas questões, por ela própria estar inserida nesta realidade reificada. Estas questões representam os limites da filosofia erigida sobre a totalidade reificada, e dependem da autorreflexão de seus processos históricos constituintes com a finalidade de promover a compreensão da inversão sofrida pela realidade.

⁵⁷ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tópicos).

⁵⁸ Idem, p. 199.

A centralidade da argumentação de Lukács em *História e Consciência de Classe* é a noção de totalidade apropriada da filosofia hegeliana e transportada para a teoria marxista. Esta proposta de reflexão sugere que as partes só seriam dotadas de sentido quando referidas ao todo. Sua crítica foi direcionada à realidade e às visões fragmentadas presentes no capitalismo moderno que impossibilitavam um conhecimento integral capaz de suprimir a irracionalidade da totalidade do sistema. Para Lukács, a possibilidade de conhecimento está fortemente ligada à situação de classe, pois sustenta a possibilidade de se produzir formas de conhecimento ou manifestações de consciência de classe. Somente com o surgimento do proletariado torna-se possível um conhecimento da totalidade social. O proletariado, enquanto classe e a partir das condições históricas objetivas (que tem seu ápice na universalização da forma mercantil), tem a capacidade de ver o todo da sociedade.⁵⁹

A continuação desse novo rumo tomado pela filosofia clássica e que começava, pelo menos no que diz respeito ao método, a apontar para além desses limites, em outras palavras, o método dialético como método da história, foi reservado à classe que estava habilitada a descobrir em si mesma, a partir do seu fundamento vital, o sujeito-objeto idêntico, o sujeito da ação, o “nós” da gênese: o proletariado.⁶⁰

A sociedade capitalista, fundamentada na exploração do trabalho assalariado, possibilita ao proletariado o conhecimento de si mesmo e da totalidade, pois ambos coincidem. O proletariado é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio conhecimento. Em *História e consciência de classe*, a consciência verdadeira apresenta-se como um conhecimento que se desenvolve dentro do proletariado como sujeito-objeto da história. A consciência da classe

⁵⁹ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tópicos).

⁶⁰ Idem, 308.

operária surge como um pensamento coletivo organizado capaz de olhar para além das determinações vigentes e da aparência ideológica da sociedade burguesa.

De acordo com Celso Frederico, o conhecimento da totalidade unido à ação revolucionária do proletariado seria, para Lukács, capaz de interferir no movimento histórico da realidade.⁶¹ Segundo Lukács, “o autoconhecimento de proletariado é, ao mesmo tempo, o conhecimento objetivo da essência da sociedade.”⁶² Neste mesmo sentido, sobre o papel da teoria como autoconhecimento da realidade, Maar afirma:

Isto é: enquanto dimensão estrutural da realidade produzindo os termos de sua manifestação fenomênica invertida e falseadora, e deste modo impelindo à sua transformação. Aponta-se assim a gênese da dinâmica dialética da história pela qual a realidade consegue se conhecer em sua manifestação necessária como coisa, e simultaneamente prenuncia a reconstituição da realidade a partir desta sua forma reificada.⁶³

A ciência moderna amparada no método da física-matemática é a própria expressão da fragmentação da realidade que impossibilita o conhecimento da totalidade. Na realidade reificada o conhecimento formal, fragmentado e especializado torna-se estranho e alheio aos indivíduos. Esta ciência, amparada na experimentação e aplicação produtiva de seus conhecimentos formais, expõe um sujeito dotado de atitude simplesmente contemplativa que perdeu a capacidade de interferir efetivamente na realidade social. Os homens perderam o controle das coisas, e, portanto, estas passaram a controlar os homens, que se tornaram, eles próprios, meros objetos. Entretanto, a preocupação central de Lukács, principalmente em sua análise da reificação, é

⁶¹ FREDERICO, Celso. *Lukács: um clássico do século XX*. Coleção Logos. 1º Edição. São Paulo: Editora Morena, 1997. p. 13-14.

⁶² LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 308-309. (Tópicos).

⁶³ MAAR, Wolfgang Leo. A reificação como realidade social. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. (org.) *Lukács, um Galileu no século XX*. 2 ed. São Paulo, Boitempo, 1996. p. 36.

superar o caráter “dado” e “estranhado” da realidade na sociedade capitalista moderna, com a finalidade de devolver ao sujeito sua capacidade de interferir qualitativamente na realidade. Para isso, é necessário subjugar o conhecimento científico ao controle e à criação dos homens, e assim possibilitar a realização da universalização das objetivações humanas, ao contrário dos conhecimentos e das objetivações fragmentadas e particularizadas. Por meio da compreensão total da realidade social o proletariado, em sua condição de possível conhecedor da totalidade, é capaz de constituir-se como sujeito-histórico da transformação social e superar a realidade reificada.

Retomando toda a exposição acima feita sobre a reificação (um fenômeno específico do moderno sistema capitalista), surge a questão se é possível, histórica e literariamente, este ser abordado nas obras de Graciliano escritas a partir dos anos 30, uma vez que a revolução burguesa no Brasil não se deu nos moldes europeus clássicos e o capitalismo existente no Nordeste brasileiro possuía fortes traços do atraso, como por exemplo, a força do patriarcalismo na vida social e política daquela região.

Uma pista possível para darmos uma resposta afirmativa à questão colocada, encontra-se na distinção entre “*capital*” e “*capitalismo*” feita por István Mészáros no livro *Para além do capital*⁶⁴. Apoiando-se nos *Grundrisse* e n’*O Capital*, de Marx, Mészáros afirma que o capital existe muito antes da sua forma capitalista, e pode perdurar inclusive nas sociedades pós-capitalistas. Ou seja, “o capital não é uma simples relação, mas um processo, em cujos vários

⁶⁴ MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. Para um melhor entendimento da distinção entre “*capital*” e “*capitalismo*”, ver o capítulo 17, da parte III (“Crise estrutural do sistema do capital”), intitulado “Formas mutantes do controle do capital”, na mesma obra de Mészáros referida acima. Ver também: PANIAGO, Maria Cristina Soares. “A concepção marxiana de capital, segundo Mészáros”. In: **Mészáros e a incontornabilidade do capital**. Maceió, AL: EDUFAL, 2007.

momentos sempre é capital.”⁶⁵ Já “o capitalismo abarca apenas um período do sistema do capital. Só ultimamente é que constitui um sistema mundial de fato [...]. O capitalismo como um modo social de reprodução é caracterizado pela extração predominantemente econômica da mais valia do trabalho.”⁶⁶

A compreensão dessa dialética objetiva do histórico e trans-histórico implica também, de acordo com a análise de Mészáros, em conceber o processo de constituição da forma capitalista do capital como fruto de um longo processo cumulativo, nem uniforme nem linear, de suas “formas de dominação historicamente presentes”, tais como a família, o controle do processo de trabalho, as instituições, as formas políticas de dominação, as quais “se fundiram em um novo sistema poderoso e coerente.”⁶⁷

Portanto, o capital (enquanto uma relação social), para Mészáros, é um modo de controle fundado no trabalho social, o assalariado⁶⁸. Só submetendo todo trabalhador ao assalariamento que ele pôde se desenvolver e se tornar a forma predominante no capitalismo⁶⁹. Voltando ao romance *S. Bernardo*, o que são Mestre Caetano e Seu Ribeiro senão trabalhadores assalariados da propriedade de Paulo Honório?

⁶⁵ Idem, p. 711.

⁶⁶ MÉSZÁROS, István. In: LUCENA, Eleonora. “Chávez e China são os destaques do século 21, diz o filósofo Mészáros”. (Entrevista). Folha de S. Paulo: São Paulo: 2013: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/11/1372042-chavez-e-china-sao-os-destaques-do-seculo-21-diz-o-filosofo-meszaros.shtml>. (Acessado em 18/11/2013).

O filósofo marxista húngaro dá continuidade ao seu raciocínio afirmando que “há também outras formas de obter a acumulação do capital, como a já conhecida extração política do trabalho excedente, como foi feito na URSS e em outros lugares no passado.” (2013).

⁶⁷ Idem, pp. 133-134.

⁶⁸ Idem, p. 450.

⁶⁹ Idem, p. 717.

1.4. O início da travessia rumo ao bom sucesso de S. Bernardo

Nos capítulos primeiro e segundo de *S. Bernardo*, toma-se conhecimento da ideia para a elaboração de um livro em uma metalinguagem que revela a composição do próprio romance, homônimo da fazenda de Paulo Honório.

O romance seria elaborado de acordo com a divisão do trabalho instituída pelo protagonista, assim os colaboradores contribuiriam cada qual com sua habilidade, ficando para o padre Silvestre a parte moral e as citações latinas, para o advogado João Nogueira a correção da gramática de acordo com a norma culta da língua, para Arquimedes a composição tipográfica e para Azevedo Gondim a composição literária.

Paulo Honório reserva para si o comando do trabalho e as despesas, já tendo em vista a melhor parte, o lucro. O empreendimento, no entanto, não vingou, por desentendimento entre os colaboradores. Mas, ao ouvir o pio da coruja, o protagonista retoma a composição do livro decidido a escrevê-lo sozinho e publicá-lo sob pseudônimo, o que não ocorre, pois, logo no início do terceiro capítulo, descumpe o dito, colocando-se como narrador-protagonista.

Paulo Honório expõe-se, declarando nome e qualidades físicas que lhe rendem muita consideração. Relata sua infância difícil e sabe-se ser ele enjeitado; discorre rapidamente sobre sua trajetória de vida em que fora guia de cego, vendedor de doces, trabalhador alugado na enxada; relata uma briga em uma sentinela que resulta em sua prisão e, conseqüentemente, numa mudança drástica em sua vida; liberto, prossegue como negociante pelo sertão. Chegando ao capítulo quarto, ele já aparece como agiota e por fim como o novo proprietário da fazenda S. Bernardo, que tivera como último dono Luís Padilha. Este havia contraído empréstimos com o

próprio Paulo Honório e não tendo como quitar as promissórias, é forçado a saldar a dívida com a hipoteca da propriedade S. Bernardo que herdada de seu pai, Salustiano Padilha.

A entrada na trajetória do protagonista no quinto e sexto capítulos possibilita vê-lo surgir, pleno em seu percurso, ao consolidar-se senhor de terras e sair-se superior no embate que trava com seu então vizinho Mendonça, proprietário de Bom Sucesso, fazenda que faz divisa com S. Bernardo. O embate diz respeito ao impasse quanto à posição da cerca que delimita as propriedades. Sua solução será emblemática em relação ao caráter dos senhores patriarcais – condição nova para Paulo Honório –, pela maneira como eles resolvem suas questões e a imagem criada perante seus empregados e demais pessoas submetidas.

O capítulo terceiro tem início com Paulo Honório traçando o seu perfil físico: possui oitenta e nove quilos, cinqüenta anos, sobancelhas cerradas e grisalhas, o rosto vermelho e cabeludo que lhe rende muita consideração. Desta sua declaração, retrocedendo cinco anos para o primeiro encontro com Mendonça na cerca, eis como surge ele, Paulo Honório, aos olhos de seu vizinho, sem significativas modificações. Do outro lado da cerca, Mendonça se apresenta, possui barba branca, nariz curvo que avança no campo de visão de Paulo Honório, ameaçador, sorrindo e pregando-lhe os olhos vermelhos ao se distanciar. Em outro momento, mostrando os caninos amarelos e pontudos.

O proprietário de S. Bernardo reconhece a relevância de sua aparência, não sendo ao acaso esta informação na narrativa. Já o proprietário de Bom Sucesso, na captação do protagonista, quase se assemelha a um cão pronto para destrinchá-lo entre os dentes. São realmente duas imagens confrontadas e que não podem dimensionar a superioridade de seus respectivos donos um em relação ao outro. Resta-nos a constatação de que ambos, com essas características, equiparam-se. Paulo Honório sabe que impõe respeito, porém seu adversário não

fica atrás. Saber de quem será a obtenção da vantagem quanto à posição da cerca a partir destes aspectos aparentes é difícil.

Ainda levando-se em consideração o primeiro encontro na cerca, deslocando a análise das aparências físicas para o aspecto comportamental das personagens, também é possível estabelecer uma aproximação, semelhanças entre os dois. Mendonça chega gritando, questionando a aquisição de Paulo Honório, e quanto à questão da cerca sentencia: *“Os limites são provisórios, já sabe? É bom esclarecermos isto. Cada qual no que é seu. Não vale a pena consertar a cerca. Eu vou derrubá-la para acertarmos onde deve ficar.”*⁷⁰

Mendonça tem como arranjar-se, é senhor de engenho e assim sendo, quer delimitar a posição da cerca em favor dos limites de sua propriedade. E vai além, despreza as pretensões de seu vizinho de criar o gado Limosino e o Schwitz, tenta envergonhá-lo ao saber de sua origem de trabalhador alugado e firma-se na palavra de realocar a cerca onde lhe convier, não adiantando Paulo Honório ofertar-lhe os cedros de que necessitava.

Paulo Honório, que principiara de modo ameno, não recua e logo se opõe à sentença de Mendonça, ponderando sobre o fato de que este já lhe havia subtraído por demais os limites da S. Bernardo e resiste. Não tem como arranjar-se com a lei, mas também não podia baixar a cabeça no primeiro encontro. Paulo Honório narra a tensão dessa conversa com Mendonça: *“A nossa conversa era seca, em voz rápida, com sorrisos frios. Os caboclos estavam desconfiados. Eu tinha o coração aos baques e avaliava as conseqüências daquela falsidade toda. Mendonça coçava a barba.”*⁷¹

Com a narração de Paulo Honório, sabe-se o que se passa em seu interior e o que ele observa em relação a Mendonça, ou seja, ambos passam a mesma imagem e internamente

⁷⁰ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 31.

⁷¹ Idem, p. 32.

encontram-se agitados. Apesar da tensão, Mendonça coçava a barba numa aparente calma, pois possivelmente estava alterado com a presença de Paulo Honório que ajeitava a cerca. Como sua conversa assemelha-se à de seu adversário, Paulo Honório também dissimula em relação ao seu estado de espírito, mas revela ao leitor que o coração está batendo forte. A prova quanto ao ânimo dos proprietários é a incerteza dos caboclos em relação a como agir, já que seus chefes não esboçam reações referentes às suas pretensas ações. Aqui ambos também se equiparam. É fato que a questão da cerca permanece em suspenso e enquanto não se resolve, ambos os proprietários mostram um ao outro, aos seus caboclos e a si mesmos, a relevância das palavras, atitudes e dos gestos de um proprietário de terras, e que não sustentá-las coloca-os em descrédito. Quando Paulo Honório sugere que se resolva depois a questão da cerca, sua intenção é aproveitar o aqui e agora. Ele garante a posição da cerca e ganha tempo para solucionar o impasse definitivamente a seu favor, mostrando que, apesar das semelhanças entre os dois fazendeiros, levará vantagem.

Ao mesmo tempo em que se assemelham, Paulo Honório e Mendonça também se distanciam. Explica-se. Quando do encontro na cerca nota-se já um descompasso entre ambos, como fica claro logo no início do capítulo V. “– *O senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca.*”⁷²

Mendonça não sabia que a propriedade S. Bernardo encontrava-se à venda, e realmente não estava. Surpreso, reivindica explicações sobre o fato de não ter sido consultado. Meras formalidades, afinal o proprietário de Bom Sucesso arranjava-se com os tabeliães como bem lhe conviesse, de tal maneira que ele não efetiva a aquisição das terras dos seus vizinhos por meios legais e nem sequer propõe negociações para que isto se viabilize. Apenas firma-se na sua condição de proprietário de terras, patriarcalista, intimidante e que causava receio em Padilha –

⁷² Idem, p. 31.

último proprietário de S. Bernardo antes de Paulo Honório – que dormia demais, pois receava encontrá-lo e discutir sobre a posição da cerca. E, com o intuito de continuar a aumentar os limites de Bom Sucesso em detrimento dos limites de S. Bernardo, Mendonça envia seus caboclos, que rondam a casa. Seus esforços, no entanto, restringem-se a esta ação.

Paulo Honório, sempre a postos, espreita pela fresta na parede da casa velha em que reside, revezando-se com Casimiro Lopes, que o substitui na guarda, em uma aparente imobilidade, pois já estirara o arame farpado e substituíra os grampos velhos por outros novos a fim de evitar uma ação mais efetiva do Mendonça na subtração do pedaço de terra. Paulo Honório, por enquanto, não ganha, mas também não perde, e vai além. Diferentemente do senhor de Bom Sucesso, que se adianta em palavras e impõe-se por meio delas, Paulo Honório age: visita o vizinho com o intuito de conhecer melhor o seu inimigo, tomar uma decisão e, assim, mover-se mais rapidamente e com menor perigo. A própria conversa de Paulo Honório revela-nos sua dinâmica, sua mobilidade e efetividade de ação quando afirma: “*Respondi [a Mendonça] que havia dormido como pedra. Os pântanos em S. Bernardo estavam aterrados, não restava um mosquito para remédio. Arrependi-me de ter falado precipitadamente.*”⁷³

E em seguida, ágil, corrige-se: “– *Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um ... (Ia dizer um boi. Moderei-me: todo mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores) um carneiro. Um carneiro é o bastante, não? Está direito. Até domingo.*”⁷⁴

Paulo Honório, mesmo tendo se apressado com as palavras, deixa saber que suas primeiras ordens à frente da propriedade S. Bernardo já foram executadas, ressaltando o pragmatismo que lhe é inerente, ou melhor, assevera a disparidade existente entre as duas personagens na maneira de agir, o que assegurará no percurso da vantagem a permanência de um

⁷³ Idem, p. 37.

⁷⁴ Idem, p. 38.

e a eliminação do outro. A disparidade está na inércia de Mendonça confrontada com a dinâmica de Paulo Honório. Ao ponderar as palavras, Paulo Honório reconhece sua pequenez diante do proprietário de Bom Sucesso – “*matar um carneiro*” –, mas também demonstra sua investida em superá-lo – cogita consigo próprio a possibilidade de matar um boi. O discurso de Paulo Honório esboça ao leitor suas intenções em relação a Mendonça, efetivadas no domingo, quando será assassinado.

Apesar das dificuldades existentes, expostas no capítulo VI – safra ruim, longas horas de trabalho, ameaça de emboscada, inverno rigoroso – Paulo Honório trabalha na lavoura e no açude, conclue os alicerces da nova casa, cultiva mamona e algodão e aterra os pântanos. Enfim, Paulo Honório impõe aos empregados um ritmo pesado de trabalho em prol do crescimento da fazenda e da superação das adversidades, transformando totalmente a antiga propriedade abandonada. Paralelo a estes feitos, homens realizam o trabalho moroso das pedreiras, afrontado com marretas e tiros de pólvora, sem muito progresso, labor dispendioso que não se reverte imediatamente em lucro. Assim, a pedreira e a cerca constituem um obstáculo para Paulo Honório, que deve ser enfrentado com empenho.

A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente.

[...]

E a pedreira, onde os vultos miudinhos se moviam, era como se em seis meses de trabalho não tivesse sido desfalcada.⁷⁵

A cerca consome Paulo Honório em demasia; que passa noites em claro revezando-se com Casimiro Lopes para que a gente do Mendonça não a desloque de madrugada. O risco de uma emboscada é iminente, Casimiro Lopes alerta-o disso, caso o proprietário de Bom Sucesso se

⁷⁵ Idem, pp. 38-39.

sinta ameaçado pelo crescimento de S. Bernardo. O desgaste e a tensão em que se encontram não podem se prolongar por mais tempo, afinal Paulo Honório “*trabalhava danadamente*”, dormia “*pouco*”, levantava-se “*às quatro da manhã, passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira [...]*”. É necessário solucionar este impasse ocasionado por Mendonça. Vejamos o que o narrador diz:

Demorei-me até que os serventes lavaram as colheres e guardaram as ferramentas. Fiquei só. Os homens da lavoura e do açude foram debandando também.

Mais tiros na pedreira, os últimos. Pensei no Mendonça. Canalha. Do outro lado de cá da cerca o algodão pintava, a mamona crescia nos aceiros da roça; do lado de lá, sapé e espinho. Quantas braças de terra aquele malandro tinha furtado! Felizmente estávamos em paz. Aparentemente. De qualquer forma era-me necessário caminhar depressa.⁷⁶

Em uma primeira leitura o trecho acima citado parece banal, beira a simplicidade. Fim do dia, Paulo Honório vê os últimos movimentos na fazenda, ouve mais alguns tiros na pedreira, reflete sobre a questão da cerca, sem muita fúria, indignado mais pelo fato de o senhor de Bom Sucesso usurpar as terras e não cultivá-las. Constata a aparente calma em que as coisas se encontram, mas fecha a passagem afirmando ser “necessário caminhar depressa”.

O trecho também possibilita uma outra interpretação, quase que velada, surgida através do artifício da ambiguidade na estrutura narrativa: Paulo Honório ouve tiros na pedreira e com os estampidos logo pensa em Mendonça. E o que é este, senão a pedreira irredutível quanto à questão da cerca que consome os esforços de Paulo Honório? O período, da forma como foi sintaticamente construída, aproximando as frases “*Mais tiros na pedreira, os últimos. Pensei no Mendonça.*”, reforça a ideia de Mendonça como uma pedreira, não sendo possível para Paulo Honório, neste estágio da narrativa, dissociar o pensamento de um em relação ao outro. Além do

⁷⁶ Idem, p. 39.

que, terras férteis, mas improdutivas, tão ao alcance e pertencentes em outros tempos, à fazenda S. Bernardo, é um fato inadmissível para Paulo Honório, incessante em inverter tudo a seu favor, modificar o espaço e torná-lo rentável. Agora, Paulo Honório deve atacar o Mendonça como à pedreira, e que melhor ocasião senão a de aparente paz? Assim, elimina-se a possibilidade de recair as suspeitas sobre si, até fez uma visita aparentemente cordial em terras de Bom Sucesso. Deve apressar-se, aproveitar o momento. Mas isto não está explícito nas linhas de *S. Bernardo* e o trecho “*era-me necessário caminhar depressa*” acentua a ambiguidade, tornando até certo ponto a segunda proposta de leitura ininteligível, pois o verbo de ação “caminhar” implica no sentido de andar, deslocar-se. Paulo Honório, porém, já se revelou muito na escrita, e este verbo emitido por ele pode ser mais facilmente compreendido e associado ao sentido de agir, tomar uma atitude quanto à questão em aberto, qual seja, a posição da cerca.

Na hora do jantar Paulo Honório traça planos em voz baixa com Casimiro Lopes; diferentemente de outras vezes, não é possível saber se se trata de assunto condizente ao trabalho do dia seguinte, de qualquer forma o negócio fica acertado. No domingo, na hora do crime, Paulo Honório encontra-se de conversa com o vigário sobre a construção da igreja que pretende erguer em sua propriedade. Álibi perfeito, pois se embasa nas palavras de um padre, pessoa religiosa e de índole ordinariamente incontestável, além do que Paulo Honório ali se encontrava aparentemente bem intencionado. Chega-lhe a notícia da morte de Mendonça e sobre o assunto não se prolonga, como se já esperasse, e rapidamente retoma o assunto da igreja. Agora são outros os assuntos a serem resolvidos: tratar do preço do sino e garantir à fazenda S. Bernardo bom sucesso.

Quem executou o crime não temos como saber a partir dos capítulos referentes ao embate entre os dois fazendeiros, mas o companheiro fiel de todas as horas, Casimiro Lopes,

momentaneamente desaparece da narrativa após a conversa em voz baixa com Paulo Honório, retornando à trama no capítulo IX, garantindo a segurança do patrão.

Vale a pena ainda atentar para o fato da cruz danificada, um símbolo a mais para associar a Mendonça. Nos capítulos V e VI, relativamente curtos, em que se dá o embate entre os dois fazendeiros, a narrativa apresenta um Mendonça dono de terras, senhor de engenho soberano no campo das relações patriarcais em sua região, nascido de uma tradição e incumbido de mantê-la. Já Paulo Honório não é preso a nenhuma tradição. Adquire S. Bernardo à custa de muitas investidas. Suas relações sociais existem graças a envelopes recheados de dinheiro. Na base de uma mentalidade prática, reificada, Paulo Honório, “*iniciador de uma família*”⁷⁷, dinamiza o sistema contra uma ordem estática (“pedreira”) e arcaica que se encontra no fim, figurado na filhas de Mendonça, “*duas solteironas*”⁷⁸. Rompe com preceitos enraizados na figura do inimido, reduzido a uma cruz, símbolo da ordem religiosa estabelecida na moral e na família, mas que se encontra danificada, violada pela necessidade quantificadora de uma nova ordem que se integra ao meio e que garantirá o progresso de S. Bernardo.

Com o assassinato de Mendonça, Paulo Honório assume uma posição confortável. Avança excessivamente e sem escrúpulos a cerca, oprimindo por força da coação econômica e social as Mendonças. Mesmo quando elas têm o auxílio de Paulo Honório, não o tem por pena, pois não distingue o que seja ser mau ou bom. Sua atitude é mais uma garantia de ter a fazenda Bom Sucesso sob seu jugo e um pretexto para eliminar qualquer eventual adversário que surja. Sua capacidade de ser pragmático não se atenua, pelo contrário, será parte constituinte da sua personalidade e marcará suas práticas até o final.

⁷⁷ Idem, p. 16.

⁷⁸ Idem, p. 36.

A violência como forma de resolução do conflito é uma característica de Paulo Honório que já está presente nele antes mesmo de se tornar proprietário de terras. Trata-se, segundo Paulo Honório, do seu primeiro ato digno de referência: uma moça com o nome de Germana, muito assanhada, é por ele parada, sofre uma apalpada na polpa das nádegas e gosta, mas logo se insinua para um outro homem com o nome de João Fagundes. Paulo Honório senta o braço na “*cabritinha sarará danadamente assanhada*”⁷⁹ e esfaqueia o homem. O resultado é a prisão de Paulo Honório, e é na cadeia onde aprende a ler em uma bíblia miúda com Joaquim sapateiro, evangélico que posteriormente falece. O que se pretende demonstrar efetivamente é a repercussão, a resolução de um conflito por meios violentos e que culminam na eliminação do oponente, praticada por Paulo Honório antes de sua nova condição de senhor de terras e proprietário da fazenda S. Bernardo.

Paulo Honório elimina Mendonça, dono de Bom Sucesso, e nada lhe acontece por tal assassinato, nem uma punição ou prisão. Logo Mendonça, que era dono de terras, senhor de engenho e pertencente a uma tradição patriarcal. É verdade que Paulo Honório previne-se quanto a deixar evidências de seu envolvimento no homicídio, mas não haverá nenhuma investigação sequer de sua participação que é tida como certa pelo povo, diferentemente do golpe de faca aplicado em João Fagundes – um qualquer “*que mudou de nome para furtar cavalos*” –, e que resulta em sua detenção, leva uma surra de cipó-de-boi, toma cabacinho e fica “*de molho pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia*”⁸⁰.

A construção da casa é finalizada, símbolo da posição que Paulo Honório assume à frente da fazenda, referência do poder patriarcalista, esfera na qual ele agora se encontra, ainda que parcialmente. Quando ascende socialmente, incorpora valores do patriarcado, ao mesmo tempo

⁷⁹ Idem, p. 16.

⁸⁰ Idem.

que nega outros. Paulo Honório é homem prático e dinâmico, e por isso não adere por completo à condição de senhor de terras, condição representada na inutilidade de alguns objetos existentes na nova casa, na ineficiência do eliminado Mendonça e na perda de poder de Seu Ribeiro. Em seu percurso da vantagem, se a nova posição social proporciona a Paulo Honório o *status*, o dinamismo empregado na produção da fazenda e da vida leva ao acúmulo de capital e poder.

Deve-se ter em mente que, para Paulo Honório, não há limites além dos impostos por ele mesmo quanto à obtenção de lucros e vantagens, reduzindo tudo e todos a valores mensuráveis. E nesta condição exerce sobre as demais personagens seu poder de conversão de valores qualitativos em quantitativos, não se admitindo disposições ao contrário. Provavelmente, sem a posição assumida à frente de S. Bernardo como senhor de terras a forcejar seu crescimento, seu mundo de relações reificadas não seria tão claro, e todas as suas ações praticadas a fim da obtenção do lucro no percurso da vantagem não passariam de violências necessárias à sobrevivência numa sociedade desigual e injusta.

1.5. O universo reificado de S. Bernardo e o fracasso do contraditório

O romance *S. Bernardo* foi publicado pela primeira vez no ano de 1934. O livro representa uma reviravolta na obra de Graciliano, pois supera a visão ideológica e artística de *Caetés*. “Graciliano reencontra a estrutura romanesca clássica e a visão humanista que haveria de ser o fundamento de sua práxis artística ulterior.”⁸¹

⁸¹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 151.

Ao ler *S. Bernardo*, o leitor se depara com um livro “curto, direto e bruto. Poucos, como ele, serão tão honestos nos meios empregados e tão despidos de recursos; e esta força parece provir da unidade violenta que o autor lhe imprimiu.”⁸² Mas quais os recursos que Graciliano lança mão, ao compor a obra, para surtir o efeito desejado? Que elementos da técnica narrativa o autor utiliza que possibilitam a afirmação de Candido na passagem acima?

Graciliano tem uma maneira direta de tratar os assuntos em suas obras. No caso de *S. Bernardo*, o leitor é, de súbito, empurrado para a narrativa. É na imbricação entre a personagem e a ação que a obra ganha coerência. De acordo com Candido,

Não há em *São Bernardo* uma única *descrição*, no sentido romântico e naturalista, em que o escritor procura fazer efeito, encaixando no texto, periodicamente, visões ou arrolamentos da natureza e das coisas. No entanto, surgem a cada passo a terra vermelha, em lama ou poeira; o verde das plantas; o relevo; as estações; as obras do trabalho humano: e tudo forma enquadramento constante, discretamente referido, com um senso de oportunidade que, tirando o caráter de *tema*, dá significado, incorporando o ambiente ao ritmo psicológico da narrativa.⁸³

João Luiz Lafetá parece percorrer o mesmo fio de raciocínio da afirmação de Candido sobre o método compositivo de *S. Bernardo*:

Paulo Honório nasce de cada ato, mas cada ato nasce por sua vez de Paulo Honório. Nós o vemos através das ações; mas, por outro lado, é de quem deflagra todas as ações. Este caráter compacto e dinâmico, esta ligação íntima entre o homem e o ato (espalhada pelo linguagem direta, brutal, econômica, pelo ritmo rápido dos dois primeiros capítulos), esta interação entre o ser e o fazer vão compor a construção do romance, que parece correr fluentemente diante de nós, em direção a um objetivo marcado.⁸⁴

⁸² CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 32.

⁸³ Idem, p. 45.

⁸⁴ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. pp. 75-76. (Coleção Espírito Crítico).

Segue abaixo uma passagem do romance que contribui para esclarecer a afirmação acima:

Casou-nos o padre Silvestre, na capela de S. Bernardo, diante do altar de S. Pedro.

Estávamos em fim de janeiro. Os paus-d'arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma.

Quando viu os arames da iluminação, o telefone, os móveis, vários trastes de metal, que Maria das Dores conservava areados, brilhando, d. Glória confessou que a vida ali era suportável.

- Eu não dizia?

Ofereci-lhe um quarto no lado esquerdo da casa, por detrás do escritório, com janela para o muro da igreja, vermelho. O muro está hoje esverdeado pelas águas da chuva, mas naquele tempo era novo e cor de carne crua. Eu e Madalena ficamos no lado direito – e da nossa varanda avistávamos o algodoal, o prado, o descaroador com a serraria e a estrada, que se torce contornando um morro.⁸⁵

Paulo Honório, o narrador de *S. Bernardo*, dá início à sua história. No terceiro capítulo do livro, recua no tempo, mais precisamente cinquenta anos, e através de um modo de narrar conciso, mantém os episódios mais decisivos e descarta os menos importantes: “*É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço.*”⁸⁶

O processo compositivo usado no livro, por Graciliano, é caracterizado por Lafetá de duas formas: o “sumário narrativo”, (trata-se de uma exposição geral de uma série de eventos, que abrange um certo período de tempo e uma variedade de locais) e a “cena” (implica a exposição de detalhes concretos e específicos, inseridos numa estrutura bem determinada de tempo e lugar)⁸⁷. A diferença fundamental entre as duas formas de narrar está na oposição entre o geral (sumário narrativo) e o particular (cena).

⁸⁵ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 109-110.

⁸⁶ Idem, p. 88. Grifo nosso.

⁸⁷ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 77. (Coleção Espírito Crítico).

Paulo Honório narra os acontecimentos violentos do sertão, “os negócios”, “as transações comerciais”, e conhecemos o caráter violento e maciço do herói. A objetividade da narrativa marca todo o romance: “a marcação obsessiva do tempo que, cronometrado com precisão pelo narrador, delimita as ações de forma clara e – no caso – produz um efeito de crueldade.”⁸⁸

A cena de negociação da fazenda S. Bernardo entre Paulo Honório e Padilha é um dos pontos altos do romance e começa com o tempo claramente assinalado. É nessa delimitação precisa do tempo que a figura autoritária (“rolo compressor”) de Paulo Honório encontra sua expressão simbólica. Nos capítulos de três a oito, o narrador nos contará as superações dos problemas e os sucessos da vida. Nessa parte do romance, o que nos chama a atenção é a maneira direta de contar todos esses fatos, como se seguissem em linha reta e em enorme velocidade. O utilitarismo estreito de Paulo Honório irá repercutir, inclusive, no modo de narrar a sua história, que se assemelha a uma “estética da poupança”⁸⁹.

É na luta contra a miséria, a baixa condição social, ao seu primitivo *status quo*, que Paulo Honório inicia a definição da sua personalidade. Ele não aceita passivamente a realidade dada: sua ambição poderosa leva-o a buscar na riqueza, ascensão social e no domínio o sentido para sua vida. Porém, esta luta pela ascensão social, naturalmente, é uma luta solitária e individualista, e define os valores que regem a atividade de Paulo Honório: a propriedade das coisas e dos homens⁹⁰. “Paulo Honório reduz tudo ao seu interesse egoísta: os homens não são senão

⁸⁸ Idem, p. 78.

⁸⁹ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 35.

A narrativa de Paulo Honório é objetiva, clara e concisa. O texto não possui gorduras, as características das pessoas e dos lugares são apresentados ao leitor no desenrolar dos fatos, e não através de um processo descritivo excessivo e maçante. Daí a denominação cunhada por Candido, “estética da poupança”.

⁹⁰ Segundo Luiz Costa Lima, o tema da reificação “é [...] o elemento que constitui o eixo de orientação do romance”. (1966, p. 55). Em outra passagem do mesmo texto, o autor afirma: “Pois, de tal maneira o personagem-narrador se encerra na roda-viva da reificação que nada ou quase nada escapa de ser quantificado. Homens, coisas, relações,

instrumentos de sua ambição, meios que ele utiliza para a obtenção do fim, da realização individual a que se propõe. A construção de um burguês: eis o conteúdo da primeira parte de *São Bernardo*.”⁹¹ Esta construção é, simultaneamente, a criação de um novo “pequeno mundo” de paredes tão espessas quanto a anterior, que a inquietação de Paulo Honório superara, onde ele se julga inteiramente realizado.

Como contraponto a todo o desenvolvimento desses capítulos, o narrador nos conta a história de Seu Ribeiro (capítulo sete), interpolada às ações do herói. Seu Ribeiro, antes, mandou no mundo e governou seu povo. Agora, afastado pela urbanização, pelo crescimento do lugarejo onde vivera, enfim, pelo progresso, está reduzido à miséria e à fraqueza. É um homem derrotado.

Compreendemos então o que Paulo Honório representa e compreendemos a velocidade da narrativa. Seu Ribeiro, que se prendera ao ritmo lento da vida patriarcal, é afastado do governo do mundo. O elemento novo, que chega trazendo estradas, máquinas, eletricidade, apuradas técnicas de pecuária e agricultura, impõe-se e domina. Paulo Honório traz a força de tempos novos que surgem, vencendo a inércia e quebrando os obstáculos. Pernas contra automóveis. Daí o torvelinho em que, desde o começo, fomos apanhados. Daí a coesão da narrativa, que une indissolivelmente personagem e ação. Pois Paulo Honório, representante da modernidade que entra no sertão brasileiro, é o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente, empreendedor, cruel, que não vacila diante dos meios e se apossa do que tem pela frente, dinâmico, transformador.⁹²

O herói de *S. Bernardo* possui em alto grau três características e ideais burgueses: ação transformadora, velocidade enérgica e posse total. Mas não só os possui como também os imprime a fundo na malha da narrativa. A objetividade do romance nasce da postura adotada pelo

sentimentos, os seus próprios monólogos lidam com cifras.” (Idem, p. 60). Em *S. Bernardo*, a reificação se manifesta como uma “bichificação”, ou seja, a transformação dos seres humanos em bichos, de acordo com Lima.

⁹¹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 153.

⁹² LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 77. (Coleção Espírito Crítico). p. 81.

narrador diante do mundo: Paulo Honório nada problematiza, não tem dúvidas, em ponto algum vacila. Só o que importa é possuir e dirigir o mundo. E conhecendo os meios, aplica-os, sem ao menos pensar.

No nono capítulo o romance ganha novo rumo com o surgimento de Madalena na trama. O tom compacto até então predominante se esgarça de leve, e a narrativa salta de um tema – a história da vida de Paulo Honório – para outro – Madalena. O surgimento desta personagem, na casa do juiz Dr. Magalhães, aparenta ser um processo simples, mas é o contrário, é complexo, ao modificar “toda a sintaxe narrativa desta parte do romance”, estabelecendo “uma hierarquia diferente entre os fatos”. Agora, Madalena passa a ocupar o lugar central dos acontecimentos: “A partir do capítulo doze, com o surgimento deste outro motivo – Madalena – tudo se subordina a ele. Todos os motivos temáticos – manobras, negócios, brigas – convergem e encontram sua unidade no novo fito de Paulo Honório, *a posse da mulher*.”⁹³

Ao analisarmos essa “virada dos fatos” no romance, observaremos que Paulo Honório dedica grandes esforços para “apropriar-se” tanto da fazenda S. Bernardo quanto de Madalena. Isso sugere que Paulo Honório vê sua esposa como uma propriedade privada, assim como a fazenda. “Assim como procedeu para *apropriar-se* de São Bernardo, caminhando em linha reta assim ele procederá agora.”⁹⁴ Paulo Honório é rápido, conhece o instante propício, age de forma decidida e o seu gesto é oportuno, essas características o tornam vitorioso. No caso de Madalena, ele triunfa mais uma vez e se apossa dela. “As dificuldades cedem sob sua força e o mundo se curva à sua vontade.”⁹⁵

⁹³ Idem, p. 85. Grifo nosso.

⁹⁴ Idem, p. 86. Grifo nosso.

⁹⁵ Idem, p. 87.

Segundo Lafetá, “De fato, o sentimento de propriedade constitui um dos elementos temáticos que unificam o livro.”⁹⁶ No mesmo sentido parece caminhar a afirmação de Candido: “*S. Bernardo* é centralizado pela irrupção duma personalidade forte, e esta, a seu turno, pela tirania de um sentimento dominante. Como um herói de Balzac, Paulo Honório corporifica uma paixão, de que tudo mais, até o ciúme, não passa de variante.”⁹⁷ E continua: “Mas ao vencer a vida ficou de certo modo vencida por ela, pois ao lhe imprimir a sua marca ela o inabilitou para as aventuras da afetividade e do lazer”. No romance, que parece se tratar de “um estudo patológico de um sentimento, Graciliano Ramos [...] parte do pressuposto de que a maneira de viver condiciona o modo de ser e de pensar.”⁹⁸

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.
E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!
A desconfiança é também uma consequência da profissão.⁹⁹

Se alinharmos tais características analisadas – ação, objetividade, energia, dinamismo, capacidade transformadora e sentimento de propriedade – podemos fazer uma analogia entre o herói (Paulo Honório) e a burguesia como classe? Pois Paulo Honório parece ser o emblema contraditório do capitalismo nascente em nosso país, ou seja, o contraste entre o ritmo veloz de sua apropriação e o passo lento do patriarcalismo de Seu Ribeiro. Além disso, Graciliano não nos

⁹⁶ Idem, p. 88.

⁹⁷ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 38.

⁹⁸ Idem, pp. 38-39.

⁹⁹ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 221.

apresenta um burguês acabado, estático e definido de uma vez por todas, mas sim a evolução psicológica de Paulo Honório, o desenvolvimento de sua violenta e apaixonada ambição.

Nesse ponto, reside o grande equívoco da análise de Coutinho sobre o regime econômico anterior ao capitalismo no Brasil. Preso à visão do Partido Comunista Brasileiro na época, o intelectual marxista fala em feudalismo e “valores feudais” no Brasil: segundo Coutinho, o caráter excepcional de Paulo Honório expressa-se na complexa integração dos valores feudais e dos valores capitalistas os quais formam a sua personalidade. “Paulo Honório é – no essencial – um burguês típico.” Precisamente por causa desta permanência de valores feudais, Paulo Honório é o representante típico da burguesia brasileira, a qual se ligou organicamente à mesquinhez da sociedade feudal e que renunciou, definitivamente, aos princípios democráticos e humanistas do seu período de ascensão revolucionária nos países desenvolvidos.¹⁰⁰

Contudo, mesmo caindo no anacronismo ao conceber um Brasil “feudal”, seria injusto da nossa parte descartar a análise que Coutinho faz de *S. Bernardo*, uma vez que traz o romance para o primeiro plano da análise, procura entender o andamento do enredo, o desenvolvimento psicológico das personagens (principalmente de Paulo Honório e Madalena) e aponta as questões centrais que norteiam a história. Claro que não se trata apenas de trocar o termo “feudal” por “formas de sociabilidade pré-capitalistas” ou por “antigo regime” para colocar no eixo a análise de Coutinho, pois não se resume a uma questão puramente terminológica. Mas se tratando de um livro de ensaios¹⁰¹ – como ele próprio denomina seu livro *Literatura e Humanismo* – se os termos fossem devidamente colocados, talvez o nosso comentário não teria razão de existir.

¹⁰⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 155.

¹⁰¹ Em que as afirmações não precisam ser necessariamente comprovadas e os conceitos bem desenvolvidos.

O capitalismo (o dínamo da fazenda S. Bernardo) não pode existir indefinidamente. Sua destruição é uma possibilidade concreta, é muito mais do que uma esperança:

Seu mecanismo sujeita-se ao desgaste e ao esgotamento, suas possibilidades de gerar transformação têm um limite. As peças que o compõe não são totalmente harmônicas, no seu corpo acham-se instaladas contradições que podem a qualquer instante emperrá-lo e tirar-lhe o governo do mundo.

Uma das mais sérias consequências da produção para o mercado (característica do capitalismo) é o afastamento e a abstração de toda qualidade sensível das coisas, que é substituída na mente humana pela noção de quantidade. O valor-de-uso que toda mercadoria possui é distanciado e tornado implícito pela produção de valores-de-troca. Este fenômeno, classicamente designado pelo nome de ‘fetichismo da mercadoria’, dá origem a uma reificação global das relações entre os homens. Mediada sempre pelo mercado, a consciência humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos qualitativos e sensíveis da realidade. Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca. E toda relação humana – destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor.¹⁰²

Essa é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo. Seu sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que estão ao seu redor como coisas, objetos, bichos, os quais são manipulados à vontade e se possui. O próximo só interessa a Paulo Honório na medida em que está ligado aos seus negócios, e na ética dos números não há lugar para o luxo do desinteresse.

[...] espernei nas unhas do Pereira, que me levou músculo e nervo, aquele malvado. Depois, vinguei-me: hipotecou-me a propriedade e tomei-lhe tudo, deixei-o de tanga.

[...]

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos.¹⁰³

¹⁰² LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 89. (Coleção Espírito Crítico).

¹⁰³ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 17 e 30.

Segundo Candido, dois movimentos integram *S. Bernardo*: da violência do protagonista contra homens e coisas resulta *S. Bernardo* fazenda (imagem concreta da vitória de Paulo Honório sobre os homens e obstáculos de vários portes, reduzidos, superados ou esmagados). E, da violência contra ele mesmo resulta *S. Bernardo* livro de recordações.¹⁰⁴ De ambos, nasce a derrota, o traçado da incapacidade afetiva.

A consciência humana se forma no contato com a realidade, na atividade transformadora do homem sobre o mundo, que é a produção de bens. Assim, as características do modo de produção infiltram-se na consciência que o homem tem do mundo, condicionando (nunca unilateralmente) seu modo de ver e compondo, portanto, sua personalidade. A reificação abrange então (quase) toda a existência, deixa de ser apenas uma componente das forças econômicas e penetra na subjetividade dos indivíduos.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.
E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!
A desconfiança é também consequência da profissão.
Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.¹⁰⁵

A aquisição da fazenda *S. Bernardo* e sua posterior transformação acarreta numa exacerbação do instinto de posse em Paulo Honório, que se complica ainda mais com um

¹⁰⁴ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.

No mesmo livro, o crítico trata do papel da violência no romance: quando voltada para fora é vontade, e constrói destruindo. Quando voltada para dentro, é dissolução, e destrói construindo.

¹⁰⁵ Idem, p. 221.

arraigado sentimento patriarcal, socialmente desenvolvido. “Tanto é verdade que os modos de ser dependem em boa parte das *relações com as coisas*.”¹⁰⁶

Paulo Honório pretende se casar: é preciso ter um filho que seja o herdeiro das riquezas que ele acumulou. Busca a mulher como quem busca um objeto, uma propriedade. “Este fato corriqueiro, porém, é transformado por Graciliano num momento rigorosamente necessário no desenvolvimento da ação romanesca: ele revela toda a limitação dos valores egoístas construídos por Paulo Honório.”¹⁰⁷ Sua esposa, Madalena, é o seu oposto radical, para a qual a vida verdadeiramente humana se confunde com a superação do egoísmo na realização da fraternidade autêntica.

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

[...]

O que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo.¹⁰⁸

É a partir do casamento de Paulo Honório com Madalena que se instalam na vida dele os germes de negação do instinto de propriedade, cujo desenvolvimento constitui o drama do livro. “A bondade humanitária de Madalena ameaça a hierarquia fundamental da propriedade e a couraça moral com que foi possível obtê-la.”¹⁰⁹ O sentimento de propriedade leva ao de

¹⁰⁶ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 35.

¹⁰⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 154.

¹⁰⁸ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 67.

¹⁰⁹ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 37.

segregação para com os homens, separa, visto que dá nascimento ao medo de perdê-la e às relações de concorrência. Ao contrário, o amor unifica e totaliza.

A vida agreste (as lutas pela propriedade, pelo rebanho, pelas plantações de algodão e mamona, pelo poder e pelo capital), que transformou Paulo Honório também em um agreste, é a culpada por ele não ser capaz de enxergar Madalena. Paulo Honório se transformou em um homem egoísta e brutal, não consegue compreender e sentir a esposa em sua integridade humana e liberdade, considerando-a apenas como mais uma coisa a ser possuída¹¹⁰. Esse pressuposto não se trata, evidentemente, do resultado mecânico de certas relações econômicas. Pois uma profissão, ou ocupação qualquer é um todo complexo, integrado por certos impulsos e concepções que ultrapassam o objetivo econômico.

A tentativa de Paulo Honório de reduzir Madalena a objeto possuído e a recusa por parte dela a alienar-se, causa choques, conflitos inevitáveis entre o casal. Os choques se dão em torno de questões financeiras, do dinheiro. “Madalena se recusa à reificação e Paulo Honório se espanta. Já não compreende a mulher, sente que ela não joga de acordo com as regras de seu jogo.” A ação do romance se transforma, neste instante, em um “zigue-zague nervoso”¹¹¹. Os motivos temáticos se misturam, convergindo para o motivo central: o ciúme, ou o sentimento de posse com relação à esposa. Este parece brotar da necessidade patriarcal de preservar a propriedade ao longo do tempo, e Paulo Honório sente a ameaça de perdê-la. Durante uma briga,

¹¹⁰ Luís Bueno chama a atenção para o fato de que “[...] o amor de um homem por uma mulher nos três primeiros romances de Graciliano [João Valério e Luísa em *Caetés*, Paulo Honório e Madalena em *S. Bernardo* e Luiz da Silva e Marina em *Angústia*] vem sempre misturado com uma afirmação de poder, de superioridade. O caso de Paulo Honório é o mais evidente, e Madalena explicita isso ao dizer que o casamento seria bom negócio pra ela e não para ele.” (BUENO, 2006, p. 604).

¹¹¹ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 92. (Coleção Espírito Crítico).

Madalena chama Paulo Honório de assassino. Ele fica muito ofendido, trazendo à tona o caso do Mendonça:

- Assassino!

Os outros nomes feios que ela me havia dito não tinham significação. Aquele tinha uma significação. Era o que me atormentava. Mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens.

Antes dela, a única pessoa que, na tábuca da venda, me tachou de assassino foi Costa Brito, pela seção livre da *Gazeta*.

[...]

Assassino! Como achara ela uma ofensa tão inesperada?

[...]

De repente achei que Madalena estava sendo ingrata com o pobre do Casimiro Lopes. Afinal...

[...]

Ainda em cima ingrata. Casimiro Lopes levava o filho dela para o alpendre e embalava-o, cantando, aboiando. Que trapalhada! que confusão! Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim. Naquele momento, porém, não vi nas minhas ideias nenhuma incoerência. E não me espantaria se me afirmassem que eu e Casimiro Lopes éramos uma pessoa só.¹¹²

O assassino do Mendonça era Casimiro Lopes, a mando do seu patrão, Paulo Honório.

Por isso este transfere o insulto ao empregado. Ao transferir o ato, Paulo Honório faz o mesmo com relação à culpa:

Matar o Mendonça, portanto, é ato condenável, e ao responsável é possível imputar culpa. Mas o pensamento vertiginoso de Paulo Honório não fica por aí, chegando ao ponto de formular a ideia de que ele e um outro são a mesma pessoa. Isso só pode acontecer por dois motivos. O primeiro é que com essa operação a transmissão da culpa fica de fato possível. O segundo é a proximidade que traz a diferença absoluta que há entre Paulo e Casimiro. Casimiro é um tipo muito particular do outro: é o oposto. Duas coisas só podem ser exatamente opostas se pertencem a um mesmo sistema, e Paulo e Casimiro se encontram nas duas pontas do sistema de exploração do trabalho.¹¹³

¹¹² p. 166-167.

¹¹³ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 610.

Se visto do ângulo de Madalena, Paulo Honório representa “o mundo convencional e vazio”, a “realidade que condena ao fracasso” as melhores aspirações do “herói-problemático”, precisamente na medida em que os elementos capitalistas que formam a sua personalidade condicionam a pesquisa de um sentido novo para a vida, fundado sobre a sua ambição de ascensão social.¹¹⁴

Estes fatores contribuem para a originalidade estrutural do romance de Graciliano: uma mesma personagem é simultaneamente elemento do “mundo convencional” e “herói problemático”. Esta originalidade tem suas raízes na própria realidade brasileira, caracterizada pelo duplo caráter da nossa burguesia e de nosso capitalismo nascente: ou seja, ao mesmo tempo que representa um papel progressista, nosso capitalismo é obrigado a conciliar com o velho e o caduco, com as forças que mantêm o nosso atraso secular, e a se opor, conseqüentemente, às novas forças verdadeiramente renovadoras. Os resquícios do antigo-regime não são um empecilho para o florescimento e desenvolvimento do capitalismo, mas sua condição.¹¹⁵

Madalena mostra a Paulo Honório não ser possível simplesmente anular ou eliminar o outro sempre. Afinal, até a morte foi opção dela, e se pode dizer sobre o seu suicídio aquilo que João Cabral de Melo Neto, no poema “Juan Belmonte”, de *Sevilha Andando*, diz do de um toureiro: “*mostrou que enfim era o mais forte: / suicidou-se, mandou na morte.*”¹¹⁶

¹¹⁴ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 156.

¹¹⁵ O leitor interessado no debate sobre a particularidade da formação do capitalismo brasileiro, pode consultar as obras de PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**, de 1942 e **A revolução brasileira**, de 1966; FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**, de 1975; SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**, de 1977.

¹¹⁶ MELO NETO, João Cabral de. “Juan Belmonte”. In: **Sevilha Andando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1989. p. 71.

Justamente por Madalena representar para Paulo Honório, desde o início, um tipo de outro inapagável, tudo indica que o desejo de incorporá-la ao invés de submetê-la estivesse nele.

Aí eu peguei a xícara de café e amoleci:

[Paulo Honório] - Não, assim também não. Para que exagerar? Houve apenas incompreensão. Obrigado, pouco açúcar. Incompreensão, é o termo. Eu explico. Aqui não é como lá fora. O cinema, o bar, os convites, a loteria, o bilhar, o diabo, não temos nada disso, e às vezes nem sabemos em que gastar dinheiro. Quer que lhe diga? Comecei a vida com cem mil-réis, sim senhora. Pois estiraram como borracha. Tudo quanto possuímos vem desses cem mil-réis que o ladrão do Pereira me emprestou. Usura de judeu, cinco por cento ao mês.

Madalena ouviu atenta, aprovando, com modos de menina bem-educada:

[Madalena] - Acredito, acredito. O que há é que ainda não conheço o meio. Preciso acostumar-me.¹¹⁷

No desfecho da narrativa, a solução do conflito é a morte de Madalena, eis que a reificação triunfa sobre o humano, Paulo Honório é derrotado. Para contar esta parte da história, o autor reúne os motivos de forma sólida em torno da questão central do ciúme e àquela se subordinam.

De repente invadiu-me uma espécie de desconfiança. Já havia experimentado um sentimento assim desagradável. Quando?

[...]

Quando? Num momento esclareceu-se tudo [...].

[...]

Sim senhor! Conluiu com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando.

- Sim senhor, comunista!

- É a corrupção, a dissolução da família, teimava Padre Silvestre.

[...]

Qual seria a opinião de Madalena?

- Aí Padre Silvestre tem razão, concordou Gondim. A religião é um freio. [...]

Qual seria a religião de Madalena? Talvez nenhuma. Nunca me havia tratado disso.

- Monstruosidade.

[...]

Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico?

¹¹⁷ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 122.

[...]

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil! “Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo.

[...]

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes.¹¹⁸

Tanto no romance quanto na realidade, os temas comunismo, corrupção, dissolução da família, ausência de religião, monstruosidade, materialismo, estão sempre ligados ao tema dominante da propriedade privada. E o desfecho da passagem acima se fecha com a seguinte frase: “*e comecei a sentir ciúmes*”.

Deformado e mutilado pelo seu egoísmo, Paulo Honório não compreende e não se integra com Madalena. Desenvolve um ciúme doentio, que é próprio dos que veem a pessoa amada como um objeto, como uma posse [...]. Personagem trágica, dilacerada entre um mundo vazio e alienado e um ideal (ainda) utópico de solidariedade, Madalena recusa o compromisso com a inautenticidade e se suicida. Este ato repercute, na vida de Paulo Honório, através de uma dolorosa tomada de consciência: sua solidão ainda mais se acentua [...], e ele percebe a inutilidade de seus esforços na busca de um valor humano que se apoiasse na pura ambição egoísta; seu ‘pequeno mundo’ revela-se como um cárcere, como uma ‘danação’. O momento trágico encerra o romance: nem Paulo Honório nem Madalena conseguem se realizar humanamente.¹¹⁹

O final trágico, embora formalmente idêntico em ambos, possui uma natureza social e humana inteiramente antagônica. Tal diversidade decorre da diferente atitude de ambos em face da realidade, o que decorre por sua vez da diferente classe social a que pertencem. “Desta forma, Graciliano – mesmo reconhecendo e analisando os aspectos positivos do capitalismo – põe a nu o

¹¹⁸ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 153-155.

¹¹⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 154.

seu caráter contraditório e autolimitador, a sua incapacidade de destruir efetivamente, e não apenas aparentemente, o cárcere da solidão.”¹²⁰

Segundo Coutinho, inspirado em Lukács, “[...] toda realização individual autêntica (isto é, não filisteia) no mundo burguês, onde inexistente a comunidade humana e onde a alienação se tornou a realidade imediata, é impossível, estando a luta por ela condenada necessariamente ao fracasso.”¹²¹

O desfecho da trama tem, como consequência, a destruição completa da vida de Paulo Honório. Agir, mandar, cultivar as terras de S. Bernardo, tudo deixa de ter sentido para ele. “O mundo desgovernou-se. Só lhe resta sentar e buscar, compondo a narrativa de sua vida, o significado de tudo que lhe escapa. A composição do romance (chegamos ao presente da escritura) vai-se modificar agora sensivelmente.”¹²²

O caso de Paulo Honório é dramático porque há nele fissuras de sensibilidade que a vida não conseguiu tapar. Ele descobre em si mesmo estranhas sementes de moleza e lirismo, que é preciso abafar a todo custo.

Emoções indefiníveis me agitam – inquietação terrível, desejo doido de voltar, de tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.¹²³

Tomando como ponto de partida, no romance, a relação indissolúvel entre ação e personagem, encontramos algumas características, tais como dinamismo e objetividade, que,

¹²⁰ Idem, p. 155.

¹²¹ Idem, p. 158.

¹²² LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 95. (Coleção Espírito Crítico).

¹²³ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 117-118.

subordinadas ao tema unificador (sentimento de propriedade), constroem o universo reificado do romance e levam à destruição final tanto de Madalena quanto de Paulo Honório.

Com a vitória da revolução, o mundo de Paulo Honório descaminha de forma definitiva, surgem problemas com a propriedade. A “sinédoque se engasta na estrutura ação/ personagem, mostrando que o comando dos atos foi perdido por Paulo Honório: não é ele quem anda em seu quarto, *mas são suas pernas que o levam. O desnorreamento é paralelo à perda do mando.*”¹²⁴

Em *S. Bernardo*, narração, diálogo e monólogo fundem-se numa peça harmoniosa e sem lacunas. A estas características, somam-se outras mencionadas por Candido que se integram de forma orgânica no romance: “caracterização do personagem pelo exterior; progressão psicológica do diálogo, obtida por notações breves e certeiras: conhecimento do espírito pela situação.”¹²⁵

[Paulo Honório] - Por que foi esse atraso, seu Ribeiro? Doença?

O velho esfregou as suíças, angustiado:

[Seu Ribeiro] - Não senhor. É que há uma diferença nas somas. Desde ontem procuro fazer a conferência, mas não posso.

[P. H.] - Por quê, seu Ribeiro?

E ele calado.

- Está bem. Ponha um cartaz ali na porta proibindo a entrada às pessoas que não tiverem negócio. Aqui trabalha-se. Um cartaz com letras bem grandes. Todas as pessoas, ouviu? Sem exceção.

[D. Glória] - Isso é comigo? disse d. Glória *esticando-se*.

[P. H.] - Prepare logo o cartaz, seu Ribeiro.

[D. G.] - Perguntei se era comigo, tornou D. Glória *diminuindo um pouco*.

[P. H.] - Ora, minha senhora, é com toda a gente. Se eu digo que não há exceção, não há exceção.

[D. G.] - Vim falar com minha sobrinha, balbuciou d. Glória *reduzindo-se ao volume ordinário*.¹²⁶

¹²⁴ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 97. (Coleção Espírito Crítico). Grifo nosso.

¹²⁵ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a. p. 44.

¹²⁶ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 132.

Embora o romance mantenha do começo ao fim uma consistente unidade estilística, para dar a *S. Bernardo* uma dimensão nova, a composição geral sofre alterações. “Na verdade, existe uma conjugação funcional dos dois procedimentos: o conhecimento pelo distanciamento temporal funde-se à caracterização do personagem narrador e os dois juntos criam a postura objetiva que dá o tom do romance.”¹²⁷

A partir daí, entramos no presente da enunciação e o distanciamento desaparece. “A linguagem seca do tempo do enunciado” (os eventos que ocorreram na vida de Paulo Honório) “cede lugar à lamentação elegíaca do tempo da enunciação” (o momento em que Paulo Honório escreve o livro).¹²⁸

Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar. Levanto-me, chego à janela que deita para a horta.¹²⁹

Paulo Honório adquire, no final, consciência de sua condição e de sua problemática. Ao longo do monólogo e da sua confissão, descobre/revela para si a inutilidade de seus esforços anteriores.

Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante.
[...]
Julgo que me desnorteei numa errada.
[...]
Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.
[...]

¹²⁷ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 98. (Coleção Espírito Crítico).

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 12.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.

[...]

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança é também consequência da profissão.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.¹³⁰

O preço pago por ter se elevado acima da própria classe – a “burguesia agrária” brasileira¹³¹ – é a condenação a viver na solidão e no egoísmo. Segundo Coutinho, “o destino trágico de Paulo Honório é o destino típico da burguesia brasileira, incapaz – pelas próprias limitações sociais e humanas – de superar o ‘pequeno mundo’ da solidão e de abrir-se para uma vida comunitária e autenticamente humana.”¹³²

O romance começa quando a vida termina, ou melhor, a verdadeira busca começa onde termina a vida de Madalena e Paulo Honório. De acordo com Lukács, n’*A teoria do romance*, o conteúdo do romance é a história da busca de valores autênticos por um herói problemático, dentro de um mundo vazio e degradado, onde desapareceu a imanência do sentido à vida.

¹³⁰ Idem, pp. 218-221.

¹³¹ O conceito de “burguesia agrária” adotado neste trabalho foi formulado por Caio Prado Junior no livro **A revolução brasileira**. Segundo Prado Junior (2004 [1966]), “Os grandes proprietários, fazendeiros e outros, constituem assim uma legítima *burguesia agrária*. Uma burguesia na maior parte dos casos, se quiserem, atrasada, de baixo nível e por isso ineficiente e rotineira. E assim moldada e condicionada, inclusive psicologicamente, pelas circunstâncias peculiares em que exerce suas atividades. Fruto de meio e ambiente medíocres, sem passado nem tradição, a não ser de uma colônia tropical até há muito pouco longinquamente arredada e isolada dos centros propulsores da moderna civilização e cultura. Mas nem por isso menos burguesa, como não deixam de ser burgueses tantos industriais que amiúde encontramos por todo o Brasil, e que em matéria de atraso, rotina e emprego de rudimentares processos produtivos, pouco ou nada deixam à desejar à média de seus colegas da agropecuária...” (p. 108. Grifo meu).

¹³² COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 157.

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento.¹³³

Paulo Honório, ao abandonar a ação volta-se sobre si mesmo. Nesse “debruçar-se o estilo se tinge de lirismo e a objetividade épica fica abalada.” O estatuto do “narrador onisciente” (intruso ou não) difere sensivelmente da posição nesse romance adotada, na qual um “eu protagonista”, aproveitando-se da distância, conta-nos sua história.¹³⁴

S. Bernardo mantém sempre uma objetividade que o torna diferente de certos romances contemporâneos, nos quais os planos da memória, da imaginação e da realidade se confundem e se embaralham. Nem por isso, entretanto, a objetividade deixa de ser questionada de várias maneiras. Uma delas é a marcação do tempo, que vimos atrás ser feita de forma obsessiva e precisa, e que agora parece escapar do domínio do narrador.¹³⁵

Vejamos um trecho do romance em questão que exemplifica o parágrafo acima e reafirma a passagem que utilizamos de Lafetá:

Uma pancada no relógio da sala de jantar. Que horas seriam? Meia? uma? uma e meia? ou metade de qualquer outra hora?
[...]
Segunda pancada no relógio. Uma hora? uma e meia? Só vendo.
[...]
Ah! sim! ver as horas. Empurrava a porta, atravessava o corredor, entrava na sala de jantar. Sempre era alguma coisa saber as horas.¹³⁶

¹³³ LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 82. (Coleção Espírito Crítico).

¹³⁴ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 99. (Coleção Espírito Crítico).

¹³⁵ Idem. p. 100.

¹³⁶ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 181.

Antes, a capacidade de Paulo Honório de controlar o tempo estava ligada à sua capacidade de ação e domínio. Agora, a incerteza significa a impotência e insegurança a que está reduzido o narrador. Simboliza, em última análise, sua oscilação diante de um mundo que já não pode reduzir à objetividade da medida exata, ou seja, o mundo está à revelia.

No capítulo dezenove, colocado no centro do romance, consciência e realidade, memória e presente, objetividade e subjetividade se embaralham. A mais brilhante impotência da subjetividade manifesta-se mais no fato de ela estar sem forças diante do curso inerte e contínuo da duração do tempo do que no combate contra a estruturas sociais vazias. A escrita do livro representa a busca de Paulo Honório pelo sentido de sua vida. E é na ação da pena que faz emergir um mundo reificado e cruel, cheio de corujas agourentas que piam, de rios cheios, atoleiros e até a figura de lobisomem. Mas o que isso significa senão o surgimento, afinal, do seu próprio retrato?: ao olhar para dentro de si mesmo, arranca um mundo de pesadelos, de símbolos da deformação e da monstruosidade. Ou seja, o mundo real se revela através da subjetividade. Mas é, por outro lado, esse mesmo mundo, alheio a Paulo Honório, que anda indiferente à sua vontade.

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pêndulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, mas não consigo mexer-me.¹³⁷

Mesmo abatido, derrotado, Paulo Honório conserva até o capítulo final do romance alguns resquícios de autoconfiança, fazendo-o julgar positivamente sua obra: *“Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura do Gondim.*

¹³⁷ Idem, p. 120.

Sou, pois, superior a mestre Caetano e a outros semelhantes.”¹³⁸ Esse sempre foi um dos intentos de Paulo Honório: impor-se sobre o outro, ao qual Madalena estava identificada ou não, e colocar-se acima dele, apagando-o. “O que ele não nota é que o fato em si de utilizar para se impor algo que vale para o outro, e não para ele, já representa uma tácita aceitação dos valores do outro. Assim, a escrita, que pretende ser uma volta por cima, já nasce como uma rendição.”¹³⁹

Segundo Lafetá, “a objetividade da representação é atingida pela subjetividade do narrador, mas ambas acabam interpenetrando-se, compondo uma unidade dialética”. O personagem-narrador confessa, ao mesmo tempo, a própria impotência e a prepotência do mundo reificado que volta a apresentar-se em meio à confissão. “O recurso ao monólogo interior, portanto, ajuda a compor a busca de Paulo Honório”. E nessa busca surge o mundo de *S. Bernardo*-romance, “a tentativa de encontrar o sentido perdido e o encontro final e trágico consigo mesmo e com a solidão.”¹⁴⁰. E com a seguinte frase Paulo Honório fecha a narrativa da sua trágica história de vida, mostrando a vitória da reificação e a derrota do herói, que é incapaz de mexer-se e modificar-se: “*E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos.*”¹⁴¹

¹³⁸ Idem, p. 218.

¹³⁹ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. pp. 616-617.

¹⁴⁰ LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. pp. 101-102. (Coleção Espírito Crítico).

Vejamos um trecho do livro de Bueno que contribui para a compreensão deste momento específico no romance: “Acontece, no entanto, que *S. Bernardo* não é apenas a história da ascensão de Paulo Honório e de seu malfadado casamento. É também a história de um livro, que se constrói bem ali, à vista do leitor. E esta nova trajetória se desenvolve paralelamente à outra: de um apagamento voluntário do outro até a invasão incontível por ele.” (BUENO, 2006, p. 615).

¹⁴¹ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 221.

A complexidade e grandiosidade de *S. Bernardo* só se torna possível porque, em relação a *Caetés*, dá-se o movimento e/ou a passagem da *observação* à *participação* do narrador: é o aspecto pessoal – socialmente determinado – do processo que conduz Graciliano do naturalismo pessimista ao realismo crítico e humanista.

Só a defesa dos valores humanistas – a luta contra as forças que mutilam o homem, destruindo sua integridade – pode lhe permitir a criação de uma estrutura romanesca orgânica e viva (não importa se o escritor está ou não consciente de que defende estes valores). Tal como na arte em geral, também no romance o fundamento da universalidade artística é a defesa da *humanitas* contra a alienação.¹⁴²

Ao contrário da descrição extensiva de fragmentos do real, *S. Bernardo* apresenta o conflito que opõe, de um lado, as forças que reduzem o homem a uma vida mesquinha e miserável no interior da alienação do “pequeno mundo” individual, e do outro, as que impulsionam o homem a descobrir um sentido para a vida em uma “abertura” para a comunidade e a fraternidade e na superação da solidão. Ou seja, trata-se do conflito entre as forças da alienação e do humanismo, encarnadas nas classes sociais brasileiras.

Esta captação do movimento da realidade deve se estruturar em torno de tipos excepcionais, os quais encarnem em si o máximo de possibilidades concretas contidas em cada uma das forças sociais em contradição. Na grande literatura pós-1848, os “tipos literários” de que trata Lukács só podem ser representados enquanto “heróis problemáticos”¹⁴³: este é o caso de Paulo Honório e Madalena, verdadeiros símbolos de suas classes precisamente na medida em que

¹⁴² COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 152.

¹⁴³ Sobre o conceito de “tipos”, ver: LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista: sobre a categoria da particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

expressam, em suas ações decisivas, as atitudes típicas mais profundas que elas comportam¹⁴⁴. Pois, “é justamente enquanto reagem ao ‘ambiente’ que os tipos criados se definem e modelam a sua personalidade”¹⁴⁵.

Vale dizer que os tipos criados por Graciliano em *S. Bernardo*, as personagens Paulo Honório e Madalena, não são os mesmos conceituados por Lukács. Não era e não é possível criar no Brasil um herói de Balzac, que congrega em si o máximo de características de um burguês nos moldes clássicos. Mas se Paulo Honório e Madalena são tipos, quais são os seus caracteres? Qual a operação realizada pelo escritor brasileiro que tornou possível personagens-tipo?

Graciliano compreendeu bem o desenvolvimento da sociedade brasileira e a particularidade do capitalismo industrial então em formação. Assim, Paulo Honório é membro da classe dominante que se formou na conciliação feita “por cima” entre o antigo e o novo regime. A personagem é um proprietário de terras e não um dono de indústrias nos grandes centros urbanos do capitalismo central. Ao mesmo tempo, compra máquinas agrícolas modernas e imprime um ritmo dinâmico na produção e na vida social da fazenda. Em *S. Bernardo*, assim como na sociedade brasileira, as forças produtivas convivem com as condições semi-escravocratas de trabalho.

Por isso, não é possível afirmar que Graciliano seja um Balzac rural brasileiro, nem Paulo Honório um Lucien de Rubempré à brasileira. Trata-se de duas sociedades diferentes, de

¹⁴⁴ Paulo Honório e Madalena possuem origens de classe distintas. Enquanto ele foi trabalhador rural (“Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. [...] Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planejei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.” (pp. 16 e 21)), Madalena – que desde criança foi criada por D. Glória, sua tia – é professora na cidade (“[D. Glória]: Professora é minha sobrinha. / [Paulo Honório]: - Aquela moça que estava com a senhora em casa do dr. Magalhães? / [D. Glória]: - Sim. / [P. H.]: - E como é a graça de sua sobrinha, d. Glória? / [D. Glória]: - Madalena.” (pp. 85-86)).

¹⁴⁵ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 152.

capitalismos distintos, compostos por classes sociais que, por sua vez, refletem a formação e constituição societárias que lhes são próprias.

Dois conflitos dialeticamente inter-relacionados – o conflito entre Paulo Honório e Madalena e o conflito entre as forças da reação e do progresso tal como se apresentavam em nossa realidade – formam o núcleo de *São Bernardo*. O desenvolvimento desigual e duplamente contraditório do nosso capitalismo, determinando uma especificidade nas contradições humanas e sociais, leva Graciliano à criação de uma estrutura romanesca bastante original, onde – em orgânica síntese dialética – coexistem elementos de dois níveis diversos da evolução da forma romanesca: o ‘herói problemático’ individualista, típico do romance francês da primeira metade do século XIX, e o ‘herói problemático’ que busca valores comunitários, ainda que de uma forma abstrata e solitária, surgido com o realismo russo dos fins do século passado. Apesar disso, ou exatamente por isso, *São Bernardo* é o mais perfeito, o mais ‘clássico’ dos romances de Graciliano: foi nele que, com mais perfeição, o romancista alagoano soube encontrar – para expressar a contraditória realidade brasileira – uma estrutura orgânica e profundamente realista.¹⁴⁶

O *background* de *S. Bernardo* é um ambiente *humano*: a história concreta em sua evolução contraditória, a oposição de classes contra classes (encarnadas concretamente em indivíduos singulares), e não a adaptação de homens-coisas a um determinismo mecânico e exterior. Mas isso só foi possível porque *S. Bernardo*, na sua forma, é bem sucedido.

¹⁴⁶ Idem, p. 161.

2. LUGAR DE GRACILIANO NA GERAÇÃO DE 1930

“A grandeza do mestre Graciliano está nisto, em que sendo um homem de poucas palavras, é, na solidão de sua obra, um escritor de vida eterna.”¹⁴⁷

Karl Marx e Friedrich Engels, na obra *A Ideologia Alemã* (1845-1846), afirmam que a superestrutura não tem vida própria.

A estrutura social e o Estado provêm constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas sim tal como *realmente* são, quer dizer, tal como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de seu arbítrio.

A produção de idéias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanação direta.¹⁴⁸

É na tentativa de perseguir essa linha de reflexão que surge a necessidade desse capítulo e, principalmente, o subitem intitulado “A revolução burguesa no Brasil”. O conhecimento do momento histórico em que o romance *S. Bernardo* – e as demais obras de Graciliano Ramos – foi escrito nos propicia uma importante ferramenta para a análise do livro. Só assim, e se a obra for colocada em primeiro plano, será possível estabelecer a devida relação entre os fatores “internos” e “externos” de um romance, ou seja, entre *S. Bernardo* como uma totalidade e o momento histórico e cultural de elaboração da obra.

¹⁴⁷ José Lins do Rego. In: SCHIMIDT, Augusto Frederico. **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943. p. 93.

¹⁴⁸ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 93.

2.1. A revolução burguesa no Brasil

Neste subitem, será abordado de forma breve, sem a preocupação de se estender nas polêmicas em torno do debate, as décadas de 1920 e 1930, o governo de Getúlio Vargas e a implantação do capitalismo industrial no Brasil. Por mais que os três autores abordados aqui advenham da tradição marxista, há divergências teóricas e analíticas a respeito do momento histórico demarcado: todos tratam de desmistificar o que os intelectuais burgueses denominaram de “Revolução burguesa no Brasil”, seja Florestan Fernandes¹⁴⁹, seja Carlos Nelson Coutinho¹⁵⁰ ou José Chasin¹⁵¹, os dois últimos filiados à teoria lukacsiana.

A transição do decênio de 1920 ao de 1930 pode ser concebida como o marco que inaugura a recomposição das estruturas de poder, “[...] pela qual se configurariam, historicamente, o poder burguês e a dominação burguesa”, ainda sob a hegemonia da oligarquia. “Essa recomposição marca o início da modernidade, no Brasil, e praticamente separa a ‘era senhorial’ (ou o *antigo regime*) da ‘era burguesa’ (ou a *sociedade de classes*).”¹⁵²

As várias burguesias que se formaram em torno do campo e da cidade “mais se justapõem do que se fundem”, tendo o seu ponto de encontro no comércio, onde se definirá seus interesses comuns. É dessa debilidade que nasce o poder da burguesia, que desde o início impôs que fosse

¹⁴⁹ FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2006.

¹⁵⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

¹⁵¹ CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: a forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

¹⁵² FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2006. p. 239.

no terreno político, e não no econômico, “[...] que se estabelecesse o pacto tácito de dominação de classes.”¹⁵³

Os extratos da burguesia realizam a sua unificação enquanto classe no plano político, antes mesmo de estabelecer a dominação socioeconômica. Esses convergem para o Estado com o intuito de exercer pressão e influência sobre ele, procurando orientar e controlar a aplicação do poder político estatal, de acordo com seus fins particulares. Por isso, a oligarquia não perdeu sua fatia de poder que conquistara antes, enquanto aristocracia agrária; ao contrário, encontrou excelentes condições para enfrentar a transição, não perdendo a chance de se modernizar, onde fosse inevitável, e infiltrando-se pelas novas oportunidades, quando possível.

Ela [a burguesia] se compromete, por igual, com tudo que lhe fosse vantajoso: e para ela era vantajoso tirar proveito dos tempos desiguais e da heterogeneidade da sociedade brasileira, mobilizando as vantagens que decorriam tanto do ‘atraso’ quanto do ‘adiantamento’ das populações. Por isso, não era apenas a hegemonia oligárquica que diluía o impacto inovador da dominação burguesa. A própria burguesia como um todo (incluindo-se nela as oligarquias) se ajustara à situação segundo uma linha de múltiplos interesses e de adaptações ambíguas, preferindo a mudança gradual e a composição a uma modernização impetuosa, intransigente e avassaladora.¹⁵⁴

José Chasin faz uso do conceito de *via* ou *caminho colonial* para construir seu raciocínio em torno da particularidade da formação do capitalismo brasileiro¹⁵⁵: caracterizado pela

¹⁵³ Idem. p. 240.

¹⁵⁴ Idem. pp. 240-241.

¹⁵⁵ O autor toma emprestada a expressão de Lênin, *Via* ou *Caminho Prussiano*, para analisar o desenvolvimento do capitalismo “tardio” na Itália e na Alemanha. Para o caso brasileiro, o termo é alterado para *Via* ou *Caminho Colonial*, “expressão conveniente que tem, nos parece, a propriedade de combinar a dimensão histórico-genética com a legalidade dialética”, chamando a atenção para o fato de que “o *caminho prussiano*, na totalidade concreta do processo real alemão, se põe de modo distinto daquele em que se põe na totalidade concreta do processo real brasileiro.” (CHASIN, 1978, pp. 629 e 627, respectivamente). Segundo Chasin (1978), “[...] a *via prussiana* do desenvolvimento capitalista aponta para uma modalidade particular desse processo, que se põe de forma retardada e retardatória, tendo por eixo a conciliação entre o *novo* emergente e o modo de existência social em fase de

“conciliação entre o historicamente *velho* e o historicamente *novo*, de tal forma que o *novo* paga pesado tributo ao *velho*, no seu processo de emersão e vigência”. O conflito entre os setores agrário e industrial no modo de produção capitalista assumiu, no caso do Brasil, uma modalidade específica: “*formas abrandadas e veladas*.”¹⁵⁶

Grande parte dessa burguesia era originária de um estreito mundo provinciano, em sua essência rural. Sua ansiedade política era voltada mais no sentido de amortecer a mudança social radical do que no rumo contrário, de aprofundá-la e de expandi-la às zonas rurais e urbanas retrógradas. As discordâncias, ou mesmo oposições, entre a burguesia e a oligarquia se davam dentro de um horizonte cultural que era essencialmente o mesmo, polarizado em torno de preocupações particulares e de um conservantismo sociocultural e político.

O mandonismo oligárquico reproduzia-se, também, fora da oligarquia. O burguês que o repelia, em determinadas circunstâncias, por conta de interesses feridos, não deixava de colocá-lo em prática em suas relações sociais sempre que necessário.

A virada para o século XX e todo o processo de industrialização que se desenrolará até a década de 1930 fazem parte do desenvolvimento interno do capitalismo competitivo, que tem como eixo o esquema de exportação e de importação, assentado sob a égide da economia

perecimento. Inexistindo, portanto, a ruptura superadora que de forma difundida abrange, interessa e modifica todas as demais categorias sociais subalternas. Implica um desenvolvimento mais lento das forças produtivas, expressamente tolhe e refreia a industrialização, que só paulatinamente vai extraíndo do seio da conciliação as condições de sua existência e progressão. Nesta transformação ‘pelo alto’ o universo político e social contrasta com os casos *clássicos*, negando-se de igual modo ao progresso, gestando, assim, formas híbridas de dominação, onde se ‘reúnem *os pecados de todas as formas de estado*’.” (p. 625). “Desse modo, se aos dois *casos* convém o predicado abstrato de que neles a grande propriedade rural é presença decisiva, somente principiamos verdadeiramente a concreção ao atentar *como* ela se objetiva em cada uma das entidades sociais, isto é, no momento em que se determina que, no caso alemão, se está indicando uma grande propriedade rural proveniente da característica propriedade feudal posta no quadro europeu, enquanto no Brasil se aponta para um latifúndio procedente de outra gênese histórica, posto, desde suas formas originárias, no universo da economia mercantil pela empresa colonial.” (Idem. p. 628).

¹⁵⁶ CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: a forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 619.

neocolonial. A influência modernizadora externa passa a se ampliar e se aprofundar, mas no Brasil perdia vida

[...] dentro das fronteiras da difusão de valores, técnicas e instituições instrumentais para a criação de uma economia capitalista competitiva satélite. [...] O impulso modernizador, que vinha de fora e era inegavelmente considerável, anulava-se, assim, antes de tornar-se um fermento verdadeiramente revolucionário, capaz de converter a modernização econômica na base de um salto histórico de maior vulto.¹⁵⁷

O mandonismo, o paternalismo e o ritualismo eleitoral foram largamente utilizados pelos conservadores ou oportunistas e pelo condicionamento estatal do sindicalismo na manipulação dos movimentos políticos de caráter popular. A opressão e a repressão de uma sociedade de classes em formação foram mobilizadas para impedir que as massas populares conquistassem, de fato, um espaço político próprio, “dentro da ordem”.

Se esse processo de transição para a sociedade de classes acabou com o monopólio do poder da velha oligarquia, também propiciou a esta (e a seus novos pupilos) a oportunidade de restauração de sua influência econômica, social e política. Esta “crise” tornou os interesses oligárquicos menos perceptíveis e mais flexíveis, o que favoreceu o deslocamento do poder decisivo da oligarquia “tradicional” para a “moderna”.

[...] nesse entrechoque de conflitos de interesses da mesma natureza ou convergentes e de sucessivas acomodações, que repousa o que se poderia chamar de *consolidação conservadora* da dominação burguesa no Brasil. Foi graças a ela que a oligarquia – como e enquanto oligarquia ‘tradicional’ (ou agrária) e como oligarquia ‘moderna’ (ou dos altos *negócios*, comerciais-financeiros, mas também industriais) – logrou a possibilidade de plasmar a mentalidade burguesa e, mais ainda, de determinar o próprio padrão de dominação burguesa.¹⁵⁸

¹⁵⁷ FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2006. p. 243.

Com a transição para o regime burguês, poderíamos afirmar que se constitui uma nova aristocracia e que foi a oligarquia, “antiga” ou “moderna” – e não as classes médias ou os setores industriais – que decidiu, na realidade, a feição da dominação burguesa no Brasil, senão idealmente, ao menos na prática. Segundo Fernandes, a oligarquia “[...] comboiou os demais setores das classes dominantes, selecionando a luta de classes e a repressão do proletariado como o eixo da Revolução Burguesa no Brasil.”¹⁵⁹

O ponto central não está no passado, remoto ou recente, mas sim nas forças em confronto histórico, ou seja, em luta pelo controle do Estado e do alcance da mudança social: não havia no país uma burguesia em conflito de vida ou morte com a aristocracia agrária. Doutro lado, o fundamento comercial do engenho, da fazenda ou da estância pré-capitalistas mergulhou a aristocracia agrária no cerne da transformação capitalista, assim que o desenvolvimento do mercado e de novas relações de produção levaram a descolonização aos alicerces da economia e da sociedade. Nessa transição, velhas estruturas de poder foram restauradas: o problema central tornou-se, desde o início, como preservar as condições extremamente favoráveis de acumulação primitiva, herdadas da Colônia e do período neocolonial, e como engendrar, ao lado delas, condições propriamente modernas de acumulação de capital. Aí se fundiram o “velho” e o “novo”, a antiga aristocracia comercial com seus desdobramentos no “mundo dos negócios” e as elites dos imigrantes e seus descendentes, prevalecendo, no conjunto, a lógica da dominação burguesa dos grupos oligárquicos dominantes.

¹⁵⁸ Idem. pp. 245-246.

¹⁵⁹ Idem. p. 246.

À oligarquia a preservação e a renovação das estruturas de poder, herdadas no passado, só interessavam como instrumento econômico e político: para garantir o desenvolvimento capitalista interno e sua própria hegemonia econômica, social e política. Por isso, ela se converteu no pão da transição para o ‘Brasil moderno’. Só ela dispunha de poder em toda a extensão da sociedade brasileira: o desenvolvimento desigual não afetava o controle oligárquico do poder, apenas estimulava a sua universalização. Além disso, só ela podia oferecer aos novos comensais, vindos dos setores intermediários, dos grupos imigrantes ou de categorias econômicas, a maior segurança possível na passagem do mundo *pré-capitalista* para o *mundo capitalista*, prevenindo a ‘desordem da economia’, a ‘dissolução da propriedade’ ou o ‘desgoverno da sociedade’. Também foi ela que definiu o *inimigo comum*: no passado, o escravo (e, em sentido mitigado, o liberto); no presente, o assalariado ou semi-assalariado do campo e da cidade. Com essa definição, ela protegia tanto as fontes da acumulação pré-capitalista, que continuaram a dinamizar o persistente esquema neocolonial de exportação-importação, que deu lastro ao crescimento interno do capitalismo competitivo, quanto o modelo de acumulação propriamente capitalista, nascido com a mercantilização do trabalho e as relações de produção capitalista, que possibilitaram a revolução urbano-comercial e a transição concomitante para o industrialismo, ainda sob a égide do capitalismo competitivo. Essa lógica econômica requeria uma política que era o avesso do que se entendia, ideologicamente, como a nossa ‘Revolução Burguesa’ nos círculos hegemônicos das classes dominantes [...].¹⁶⁰

No Brasil, o modo pelo qual se constituiu a dominação burguesa e a parte que nela tomaram as concepções dos setores oligárquicos converteu a burguesia em uma força social muito conservadora e reacionária. Essa dominação aparece como fruto histórico não da “revolução nacional e democrática”, mas do capitalismo dependente e do tipo de transformação capitalista que esse supõe. Somente com o fechamento do espaço político aberto à mudança social construtiva, que a burguesia pode garantir o único caminho que permite conciliar sua existência e florescimento com a expansão do capitalismo periférico.

O desenvolvimento do capitalismo brasileiro “não foi antecedido por uma época de ilusões humanistas e de tentativas – mesmo utópicas – de realizar na prática o ‘cidadão’ e a comunidade democrática. Os movimentos neste sentido, ocorridos no século passado e no início deste século, foram sempre agitações superficiais, sem nenhum caráter verdadeiramente nacional

¹⁶⁰ Idem. pp. 247-248.

e popular.” A burguesia pactuou com as antigas classes dominantes, operando no interior de uma economia retrógrada e fragmentada. Mesmo quando as transformações políticas se faziam necessárias, “elas eram feitas ‘pelo alto’, através de conciliações e concessões mútuas, sem que o povo participasse das decisões e impusesse organicamente a sua vontade coletiva.”¹⁶¹

O que determinou a transição não foi a “vontade revolucionária” da burguesia brasileira nem os reflexos do desenvolvimento do mercado interno sobre uma possível revolução urbano-industrial que se expandiria a partir de dentro. Mas sim, o grau de avanço relativo e de potencialidades da economia capitalista no Brasil, que podia passar, de um momento para outro, por um amplo e profundo processo de absorção de práticas financeiras, de produção industrial e de consumo inerentes ao capitalismo monopolista. Esse cenário abriu uma oportunidade decisiva para a burguesia fortalecer seus laços de relação com o imperialismo.

Em suma, no Brasil, a industrialização principia sua realização efetivamente em um momento avançado, quando da época das guerras imperialistas, e sem nunca romper sua condição de país subordinado ou periférico aos pólos hegemônicos da economia internacional. É a partir dessa constatação que Chasin – na comparação com os países que constituem os “casos clássicos” de desenvolvimento capitalista (França e Estados Unidos, por exemplo) e com os países coloniais e/ou que tiveram sua unificação tardiamente (Alemanha e Itália) – afirma que se o “*verdadeiro capitalismo alemão é tardio, [...] o brasileiro é hipertardio.*”¹⁶²

¹⁶¹ Coutinho, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 142.

¹⁶² CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: a forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 628.

2.2. Breve história do romance de 30

Os anos 30, no Brasil, ficaram caracterizados como um movimento de unificação cultural, pois fatos que ocorriam apenas no âmbito regional foram projetados à escala da Nação. Mais ainda, constituiu-se como um eixo em torno do qual girou a cultura brasileira e, um catalisador, por ser um momento que unificou elementos dispersos numa nova configuração. Nesses anos surgiram as condições para realizar, difundir e normalizar as aspirações que já estavam claras na década de 1920 como fenômenos isolados.

Isto ocorreu em diversos setores: instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos e sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio (que teve desenvolvimento espetacular).¹⁶³ Tudo ligado a uma correlação nova entre, de um lado, o intelectual e o artista; do outro, a sociedade e o Estado – devido às novas condições econômico-sociais. E devido também à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período.¹⁶⁴

Se levarmos em consideração o caso da literatura, é possível verificar nela alguns traços que, embora característicos do momento histórico aberto no período “revolucionário”, são, em sua maioria, atualizações do que era um esboço ou já estava definido nos anos 20. Um dos casos é o enfraquecimento progressivo da literatura de caráter acadêmico; “da aceitação consciente ou

¹⁶³ A respeito da constituição do mercado editorial brasileiro, da difusão do livro no país e sobre o surgimento da Livraria José Olympio, ver o trabalho de: SORÁ, Gustavo. **Brasileiras: José Olympio e a gênero do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: EDUSP, Com-Arte, 2010. (Memória Editorial; v. 6). “No centro desse movimento, José Olympio pode ser considerado verdadeiro herói cultural, pelo arrojo e a amplitude com que estimulou e editou os novos, bem como pelo estilo das capas de suas edições, criadas sobretudo por Santa Rosa em suas diversas fases. A mancha colorida com o desenho central em branco e preto se tornou nos anos 30, por todo o País, o símbolo da renovação incorporada ao gosto público.” (CANDIDO, 1987, p. 193)

¹⁶⁴ CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 182.

inconsciente das inovações formais e temáticas; do alargamento das ‘literaturas regionais’ à escala nacional; da polarização ideológica.”¹⁶⁵

Nas artes em geral, e na literatura, em específico, da década de 1930, há uma incorporação, em dois níveis, das inovações formais e temáticas do Modernismo de 22: a) alteração da fisionomia da obra e; b) estímulo da rejeição dos velhos padrões de estilo, métrica e temas. Na prática, segundo Candido, quase todos os escritores com alguma qualidade e, respectivamente, suas obras, foram beneficiários da “libertação” operada pelos modernistas de 22, qual seja, a depuração anti-oratória da linguagem, buscando uma simplificação crescente e dos traços coloquiais que rompem com o artificialismo que marcam os períodos anteriores. “Assim, a escrita de um Graciliano Ramos ou de um Dionélio Machado (‘clássicas’ de algum modo), embora não sofrendo a influência modernista, pode ser aceita como ‘normal’ porque a sua despojada *secura* tinha sido também assegurada pela libertação que o Modernismo efetuou.”¹⁶⁶

É o caso do “romance do Nordeste”, considerado naquela altura pela média da opinião como *o* romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura.¹⁶⁷

Em relação à geração de 22, o interesse da de 30 se volta para a figura do fracassado, reflexo também de um desencanto com o processo de modernização do Brasil e com a “Revolução de 30”. São exemplos desse interesse pelo fracassado, ou melhor, dessa

¹⁶⁵ Idem. p. 185.

¹⁶⁶ Idem. p. 186.

¹⁶⁷ Idem. p. 187.

representação pelo fracassado o “ciclo da cana-de-açúcar” de José Lins do Rego e os romances de Graciliano Ramos (com exceção de João Valério, de *Caetés*): entre eles *Angústia*, *S. Bernardo* e *Vidas Secas*.

Nos anos 30, há um convívio mais íntimo entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas. Tem-se uma polarização dos intelectuais entre os que optaram pelo comunismo ou pelo fascismo. Além do engajamento espiritual e social dos intelectuais católicos, na literatura houve algo mais difuso – “a busca de uma tonalidade espiritualista de tensão e mistério” – presente em diversos autores, tais como, “Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, na ficção; ou Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Murilo Mendes, o primeiro Vinícius de Moraes, na poesia.”¹⁶⁸

Dessa geração, constata-se por parte dos intelectuais brasileiros uma atitude de análise e crítica em face daquilo que se chamava a “realidade brasileira”. Pelo lado da crítica progressista, os traços mais salientes são, além da “consciência social”, o desejo de reinterpretar o passado brasileiro, o interesse pelos estudos sobre o negro e o empenho em compreender e explicitar os fatos políticos daquele momento. Destaque para as contribuições decisivas de Gilberto Freyre (a partir de *Casa Grande & Senzala*, de 1933), Caio Prado Júnior, com a publicação de *Evolução política do Brasil* (1933) e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), além de Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, de 1936).

Um traço característico do novo romance que surgiu na década de 30 é a descrença na possibilidade de uma transformação positiva do país pela via da modernização. Luis Bueno

¹⁶⁸ Idem. p. 188.

identifica em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, “a expressão romanesca mais acabada dessa descrença na modernização, que vai junto com uma avaliação pouco otimista de 30.”¹⁶⁹

Seu Ribeiro enraizou-se na capital. *Conheceu enfermarias de indigentes, dormiu nos bancos dos jardins, vendeu bilhetes de loterias, tornou-se bicheiro e agente de sociedades ratoeiras. Ao cabo de dez anos era gerente e guarda-livros da Gazeta, com cento e cinquenta mil-réis de ordenado, e pedia dinheiro aos amigos.*¹⁷⁰

Na caracterização do processo de modernização da sociedade brasileira, o narrador de *S. Bernardo* faz referência às máquinas – em especial ao trem –, os ícones da modernização. O engenho primitivo da bolandeira tinha que perecer diante do poder da automação. Por consequência, o poder do velho major, Seu Ribeiro, teria que ruir também¹⁷¹.

Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro.
O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, juiz de direito, promotor e delegado de polícia.
Trouxeram máquinas – e a bolandeira do major parou.
Veio o vigário, que fechou a capela e construiu uma igreja bonita. As histórias dos santos morreram na memória das crianças.
Chegou o médico. Não acreditava nos santos. [...]
O advogado abriu consultório, a sabedoria do major encolheu-se – e surgiram no foro numerosas questões.
Efetivamente a cidade teve um progresso rápido. Muitos homens adotaram gravatas e profissões desconhecidas. Os carros de bois deixaram de chiar nos caminhos estreitos. O automóvel, a gasolina, a eletricidade e o cinema. E impostos.¹⁷²

¹⁶⁹ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 69.

¹⁷⁰ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 46. (Grifos nossos, com exceção do nome do jornal – “Gazeta”).

¹⁷¹ Da preferência de Graciliano Ramos pelo impasse, na composição de *S. Bernardo*, “vem a particularidade do realismo praticado pelo romance de 30 [...]” (BUENO, 2006, p. 77).

¹⁷² RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 45-46.

Posteriormente, na fase de confissão do romance, “o que escapa a Paulo Honório – e mesmo alimente a ideia de que, se ele quisesse, poderia se reerguer rapidamente – é que a sua própria ruína se deu apesar de ele ter acompanhado e até estado à frente de um processo de modernização da produção rural.”¹⁷³

Em Maceió, reside uma “cabeça-de-obra” especial¹⁷⁴: um grupo de intelectuais inaugura uma nova fase na ficção, na poesia, na crítica literária, na filologia e no jornalismo brasileiros. Entre os nomes de relevo estão José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, Carlos Paurílio, Aloysio Branco, Rui Palmeira, o ex-bancário Santa Rosa e Graciliano Ramos.

Graciliano avaliava, na época, o ciclo nordestino com clara empatia. Em um artigo publicado pelo *Diário de Pernambuco*, em 10 de março de 1935, sob o título “O romance do Nordeste”, tece elogios aos romancistas por se recusarem importar “retalhos de coisas velhas e novas da França, da Inglaterra e da Rússia”, optando por vivenciar os problemas da terra e dar-lhes vida literária¹⁷⁵:

Era indispensável que os nossos romances não fossem escritos no Rio, por pessoas bem-intencionadas, sem dúvida, mas que nos desconheciam inteiramente. Hoje desapareceram os processos de pura criação literária. Em todos os livros do Nordeste, nota-se que os autores tiveram o cuidado de tornar a narrativa, não absolutamente verdadeira, mas verossímil. Ninguém se afasta do ambiente, ninguém confia demasiado na imaginação. (...) Esses escritores são políticos, são revolucionários, mas não deram a idéias nomes de pessoas: os seus personagens mexem-se, pensam como nós, sentem como nós, preparam as suas

¹⁷³ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 70.

¹⁷⁴ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil; 134).

¹⁷⁵ Graciliano Ramos. In: MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 68.

safra de açúcar, bebem cachaça, matam gente e vão para a cadeia, passam fome nos quartos sujos duma hospedaria.¹⁷⁶

E como que prevendo o futuro, prenunciou: “estamos ainda no começo, mas um excelente começo que nos dá grande quantidade de volumes todos os anos. [...] O que é certo é que o romance do Nordeste existe e vai para diante.”¹⁷⁷

Graciliano afirmava que os intelectuais do Nordeste tinham que ser “municipais” ou “estaduais”, e deixava clara sua preferência em morar no interior à capital de qualquer Estado dessa região, evitando assim seus “grupinhos literários, suas academiuzinhas, seus institutos históricos, [...] sempre muito ruins.” Ao contrário da capital, no interior o homem poderia entrar em contato com a terra e seu povo. “É, por exemplo, de onde vem a força de um José Lins do Rego, de uma Raquel de Queirós, de um Jorge Amado.”¹⁷⁸

Essa ligação que os romancistas do Nordeste e os demais escritores da Geração de 30 possuem com as questões sociais e econômicas do seu povo e de suas terras de origem – dando a elas um tratamento literário em que o homem é colocado em primeiro plano na obra – faz com que esse movimento seja o “mais profundamente realista da história de nossa literatura.”¹⁷⁹

Mesmo assim, Graciliano não poupa ásperas críticas ao grupo de escritores dos quais ele se insere, julgando-os uns “[...] analfabetos de talento. Embrenhando-se pela sociologia e pela economia, lançam no mercado romances causadores de enxaqueca ao mais tolerante dos

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 219. (Retratos do Brasil; 134). Uma advertência ao leitor: em todos os documentos que tivemos acesso, livros biográficos, entrevistas com o romancista, as declarações de Graciliano utilizadas pela crítica não se repetem, e Clara Ramos em seu livro não faz menção nem bibliográfica e nem de data a elas. Por isso, a ausência de diversas datas ao longo desta dissertação.

¹⁷⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 140.

gramáticos.”¹⁸⁰ Mais radical ainda é sua crítica ao movimento modernista de 1922, sobre o qual recebe as notícias pelos jornais.

Muito ruim. Sempre achei aquilo uma tapeação desonesta. Salvo raríssimas exceções, os modernistas brasileiros eram uns cabotinos. Enquanto procuravam estudar alguma coisa, ser, sentir, eles importavam Marinetti. Está visto que excluo Bandeira, por exemplo, que aliás não é propriamente modernista. Fez sonetos, foi parnasiano. E o Solau do Desamado é como as “Sextilhas de Frei Antão”... Os Modernistas brasileiros, confundindo o ambiente literário do país com a Academia, traçaram linhas divisórias rígidas – mas arbitrarias – entre o bom e o mau. “Vendo em Coelho Neto a encarnação da literatura brasileira – o que era um erro – fingiram esquecer tudo quanto havia antes, e nessa condenação maciça cometeram injustiças tremendas”.¹⁸¹

Parece haver entre parte dos críticos que dedicaram seus estudos sobre a cultura brasileira da década de 1930, a concordância de que José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira*, publicado pela primeira vez em 1928, como o primeiro nome dos “romancistas do Nordeste”¹⁸². No prefácio “*Antes que me leiam*” desse romance, José Américo faz uma advertência sobre a criação ficcional de ambientação nordestina:

O regionalismo é o pé-de-fogo da literatura... Mas a dor é universal, porque é uma expressão da humanidade. E nossa ficção incipiente não pode competir com os temas cultivados por uma inteligência mais requintada: só interessará por suas revelações, pela originalidade de seus aspectos despercebidos.¹⁸³

¹⁸⁰ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 137. (Retratos do Brasil; 134)

¹⁸¹ Idem. p. 51.

¹⁸² Mais sobre esse debate, ver: BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. e CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. Vol. 2. São Paulo: EDUSP, 1999.

¹⁸³ ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p. 7. (Grandes da Literatura Brasileira).

As “revelações” dos “aspectos despercebidos” é característica da literatura de José Américo, pois prioriza a “representação-denúncia do sertão sujeito às inclemências da seca, aos desmandos dos ‘coronéis’ latifundiários e do cangaço, da presença forte e atuante dos valores da região”, que segundo José Aderaldo Castello, “fica bem clara com o segundo romance – *Coiteiros* (1935), retomada de uma temática datada já do século passado.”¹⁸⁴ Enfim, a aproximação de *A bagaceira* com o romance de 30 se dá pela “[...] representação de uma estrutura social cruel que tinha suas bases na exploração mais selvagem. Aqui não há lei, o que há é a vontade do senhor de engenho.”¹⁸⁵

Uma das maneiras de José Américo de Almeida conferir um pouco mais de peso aos personagens dessa extração social é diferenciá-los uns dos outros, o que se concretiza no livro pela rivalidade entre os sertanejos e os brejeiros. Se esse tipo de divisão não chega propriamente a colocar os personagens pobres na condição de protagonistas, como ocorrerá de maneira corriqueira no romance de 30, ao menos indica diferenças entre grupos, mostrando que um único tipo não dá conta de uma realidade social complexa.

Mas, em certo sentido, este novo personagem ganhará um tratamento parecido com aquele que o retirante tinha no romance naturalista, já que será visto sempre em bloco, à distância, e suas histórias só interessarão para exemplificar casos mais escabrosos.¹⁸⁶

Segundo Bueno, a grande contribuição de *A bagaceira* para a constituição do que viria a ser o romance escrito na década de 30 foi “explicitar a distância entre o universo do intelectual brasileiro e o da realidade nacional a que ele tanto queria se reportar, ao invés de conciliar as coisas na base de ir colocando cada macaco no seu galho, como explicitamente fizera Coelho Neto.”¹⁸⁷

¹⁸⁴ CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. Vol. 2. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 274.

¹⁸⁵ BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 91.

¹⁸⁶ Idem, p. 89.

¹⁸⁷ Idem, p. 96.

Na mesma linha surge, dois anos após a publicação de *A Bagaceira*, o romance *O Quinze*, de Raquel de Queiróz, retomando a temática da seca. Em 1932, José Lins do Rego publica seu primeiro romance, intitulado *Menino de Engenho*, livro que compõe o, posteriormente, denominado “ciclo da cana-de-açúcar”.

O convívio literário de Raquel de Queiróz nos anos 30 se dá com Graciliano Ramos e José Lins do Rego, grupo formado em Alagoas, década em que a escritora lança seus quatro romances, *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937) e *As Três Marias* (1939).

Tanto de Raquel de Queiróz quanto de outros romancistas de 30, do Nordeste, não é possível afirmar que realizaram obra regionalista de simples observação direta ou indireta, seduzida apenas pela abordagem do exterior. Segundo Castello, “ressalta-se com esta narradora a condição do sertanejo marcada por intenso sentimento trágico da vida, como se ele vivesse em permanente purificação. Vive mais tragédia do que drama, contido pela aceitação fatalista, que se confunde com resignação.”¹⁸⁸

Além do drama da seca vivido pelos sertanejos, outros temas são comuns entre os romancistas de 1930: a herança e a sucessão. Fica implícita em alguns momentos da obra e clara em outros, a posição de herdeiros enviados às capitais para obtenção do título de bacharel e possível sucessão na posse e comando dos latifúndios. Tema de mais de um romancista dessa geração, foi José Américo de Almeida que o colocou pela primeira vez em *A Bagaceira* (1928), ao situar o bacharel como continuador que volta sua “missão” para a reforma social e tecnológica. “Xavier Marques ficou entre a posição da reforma e incapacitações para a continuidade”, situação bastante clara no caso da personagem Carlos de Mello, de José Lins do

¹⁸⁸ Idem. p. 278.

Rego; “Jorge Amado acentua o lado do conflito de herança, de uma maneira geral a decepção que causam os herdeiros continuadores.”¹⁸⁹

Com uma criação literária disciplinada, Graciliano Ramos publicou quatro romances – *Caetés* (1933), *S. Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938).

Em todas as obras, a marca do processo narrativo é predominantemente ficcional, mas sem imaginação inventiva. [...] Ressalte-se, ao demais, que sua observação incidia num universo de fenômenos repetidos e de estruturas sociais estratificadas, além de submetido à análise conduzida para a seleção de material, dados e tipos, em função de uma temática predominantemente extraída do sertão nordestino, sem intervenção da sentimentalidade, objetiva, exata e seca, embora pejada do fatalismo que governa a conduta existencial do sertanejo.¹⁹⁰

Dos quatro romances de Graciliano, *Caetés* e *S. Bernardo* estão ambientados no interior de Alagoas¹⁹¹; *Angústia*, na capital litorânea do mesmo estado; já *Vidas Secas* evoca o sertão nordestino das secas periódicas.

No todo, Graciliano selecionou para os seus livros componentes telúricos, sociais, políticos, do mandonismo local e resistência à proposta ideológica de soluções externas para problemas que surgiram do seio de estruturas tradicionais e reacionárias. Demonstrou como a visão ideológica se inter-relaciona com a existencial da condição humana a partir daquelas condições de vida, sintetizada numa sociedade rude e de espaço físico que só proporcionava uma sobrevivência adversa. Especificamente em *S. Bernardo* – e aqui o enfoque se distancia de *Caetés* – esboçou a denúncia e a proposta reformuladora ao tipo de sociedade vigente.

¹⁸⁹ Idem. p. 285.

¹⁹⁰ Idem. pp. 298 e 300.

¹⁹¹ Assim inicia o capítulo IV de *S. Bernardo*: “Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planejei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões” (p. 21).

Castello faz uma aproximação entre *Caetés*, de Graciliano, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1899. Essa aproximação é, segundo o crítico, ainda maior em relação a *S. Bernardo*:

E se lembrarmos *S. Bernardo*, verificamos que Graciliano Ramos se aproxima ainda mais de Machado de Assis. Chega nesse seu segundo romance a desfecho idêntico, naturalmente com outro esquema, outro relacionamento e condicionamento, fatores essenciais de autonomia e originalidade, em que a visão trágica do final da narrativa traduz o fatalismo dos que vivem aprisionados por uma existência rude, ou rústica.¹⁹²

Em *S. Bernardo*, o eu-protagonista Paulo Honório, centralizador e ao mesmo tempo pivô dos acontecimentos, é observador de todas as demais personagens da narrativa, pois tem o privilégio do ângulo de visão através do qual os reconstitui numa obra “memorialista”.

Por estar imerso em um processo em transformação, Paulo Honório carrega consigo hábitos e práticas do tempo “velho”. O protagonista possui três objetivos: o primeiro, a conquista das terras de S. Bernardo; o segundo, que deriva do anterior, a utilização racionalmente planejada da fazenda antes decadente; e o terceiro, o casamento com Madalena visando dar continuidade às suas posses e poder com um possível herdeiro. Para conquistar todos eles, faz uso dos mesmos procedimentos característicos da sustentação do poderio arbitrário dos latifundiários, ainda vigente na época.

Esclareçamos ainda que um dos três objetivos da vida de Paulo Honório decorrem duas coordenadas unificadoras do romance, enquanto composição de um universo determinado, de dupla feição. Uma, voltada para persistências tradicionais e reacionárias, já em crise, outra para um drama existencial que se converterá em tragédia. Conforme entrevimos, a interpenetração dessas duas perspectivas se esclarece notadamente em função de uma proposta de reforma ideologicamente conduzida, e a ser imposta, pois não é formulada a partir da análise ou do pressuposto de sua adequação àquele universo sertanejo. Na

¹⁹² BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 302.

verdade, a penetração ideológica atua sobre modelo de exceção, preexistente, representado pela dinâmica empreendedora da fazenda S. Bernardo. E note-se, iniciativa única na região, planejada por proprietário proveniente do elemento servil, que ascende, mas procedendo à semelhança das atitudes e expedientes de conquista e mandonismo do lado opressor, o senhor latifundiário.¹⁹³

Numa análise esquemática, é possível afirmar que é na conjuntura temporalmente delimitada que se distinguem as matrizes ameaçadas ou em crise: 1) a persistência do “senhor latifundiário” em seu poderio arbitrário; 2) o elemento servil dominado e explorado; e, 3) no da penetração reformadora, em que se evidencia a oposição entre o primeiro, e a expectativa, embora frustrada, do triunfo do terceiro, ou seja, a solução ideologicamente dirigida a favor do elemento servil.

Quando analisado por essa lente, o romance *S. Bernardo* ganha em dimensão social: se do ponto de vista do “senhor rural”, a personagem Paulo Honório e sua propriedade latifundiária continuam a simbolizar as estruturas arcaicas, em confronto se propõe através dele a racionalização das riquezas da terra (desenvolvimento das forças produtivas) e ao mesmo tempo se denuncia a posição reacionária de quem explora a miséria e a subserviência do trabalhador do campo. Vale recorrer a dois momentos do romance para verificar como estas forças, aparentemente contraditórias, combinam-se na constituição da personalidade de Paulo Honório e caracterizam suas práticas perante o mundo e os homens.

A certa altura da história, Paulo Honório narra que os trabalhadores da fazenda criam pretextos para não trabalhar nos dias de feriado prolongado. Como punição, corta parte do salário, forçando-os a viver com fome:

Aqui nos dias santos surgem viagens, doenças e outros pretextos para o trabalhador gazeir. O domingo é perdido, o sábado também se perde, por causa

¹⁹³ Idem. p. 309.

da feira, a semana tem apenas cinco dias, que a Igreja ainda reduz. O resultado é a paga encolher e essa cambada viver com a barriga tinindo.¹⁹⁴

Em outro momento da narrativa, Paulo Honório encontra Madalena no descaroador, na hora do jantar, conversando o maquinista. Após aconselhá-la “a não expor-se”, Madalena retruca, afirma querer trabalhar e demonstra incômodo com a situação de Maria das Dores e mestre Caetano:

A hora do jantar encontrei-a no descaroador, conversando com o maquinista.
- Ora muito bem. Isto é mulher.
Mas aconselhei-a a não expor-se:
- Esses caboclos são uns brutos. Quer trabalhar? Combino. Trabalhe com Maria das Dores. A gente da lavoura só comigo.
- A ocupação de Maria das Dores não me agrada. E eu não vim para aqui dormir.
- São entusiasmos do princípio.
- Outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações.
- Já conhece mestre Caetano? perguntei admirador. Privações, é sempre a mesma cantiga. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor cavar a vida fora.
- Doente...
- Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.
- Ele já trabalhou demais. E está tão velho!
- Muito, perdeu a força. Põe a alavanca numa pedra pequena e chama os cavouqueiros para deslocá-la. Não vale os seis mil-réis que recebia. Mas não tem dúvida: mande o que for necessário. Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. É dinheiro perdido.¹⁹⁵

As obras de ficção de Graciliano Ramos trazem consigo fortes traços do memorialismo, o que pode explicar a ausência nelas de “imaginação inventiva”, apontada por Castello em diversas passagens do seu livro. O ficcionista preferiu sempre a representação mediada do real observado sob o crivo da reflexão, enquanto acentuava o progressivo desenvolvimento psicológico das

¹⁹⁴ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 63.

¹⁹⁵ Idem. pp. 110-111.

personagens no desenrolar da trama, por exemplo, no domínio do delírio e da alucinação, tudo sempre equacionado com a sociedade rural e suas incursões urbanas do Nordeste.

A obra de Graciliano – e talvez, nenhuma obra de arte – não pode ser analisada como puramente ficcional ou memorialista, pois o romancista sempre imprimiu o seu próprio estilo de escrita no tratamento das questões sociais e políticas de seu tempo. Ou melhor, a obra de arte nunca existe por ela mesma, mas é fruto de todas as circunstâncias da época de seu aparecimento e mostra em toda a sua estrutura a realidade que a produziu.

E impôs a si mesmo o despojamento da sentimentalidade e do lirismo efusivo, como meio seguro de captar o significado e as condições do condicionamento do ser, ou melhor, dos seres, os ‘viventes’ naquela região. Ressaltaria neles a substância humana, tanto assim que, entre outras coisas, deu a necessária importância e destaque ao fatalismo que governa a conduta existencial do sertanejo nordestino.¹⁹⁶

Seguindo a linha de pensamento de João Luíz Lafetá, Antonio Candido afirma que é característico dos anos 30 a passagem do “projeto estético” ao “projeto ideológico”, contrastando com a posição dos modernistas de 20. Segundo Candido, poucos foram os escritores que souberam articular forma e conteúdo em seus romances: “Graciliano Ramos, Dionélio Machado, alguns mais. E pouquíssimos puderam unir a formulação crítica adequada à realização correta, como se observa num veterano do decênio presente, Mário de Andrade.”¹⁹⁷

¹⁹⁶ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 322.

¹⁹⁷ CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 197.

3. O HUMANISMO E O REALISMO NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

*“Graciliano parecia seco e difícil, diziam-no pessimista; era terno e solidário, acreditava no homem e no futuro”.*¹⁹⁸

Percorrendo as obras de Graciliano, seja de ficção ou memorialista, é possível afirmar que sua atenção está voltada para a situação do homem no espaço e no tempo, esteja ele situado na zona da mata, no meio urbano ou no agreste nordestino. Por esse motivo, o homem ocupa o lugar central na sua literatura, ficando sempre em segundo plano o ambiente, o meio físico onde se desenvolve a narrativa. Essa preocupação de Graciliano pela condição humana na sociedade capitalista brasileira em formação foi captada, entre outros, por Ana Amélia Melo: “A matéria explorada é a do homem comum, aniquilado pelo meio, forçado a viver como bicho, assemelhado a ele.”¹⁹⁹

O homem dos livros de Graciliano não é fruto do mundo das ideias e nem nelas vive. As personagens se situam numa determinada região e (sobre)vivem a partir das condições materiais que lhes são impostas, e Graciliano observava a falta sistemática de um determinado elemento nas obras de ficção brasileiras – o dado econômico. Em um dos ensaios de *Linhas Tortas* (1ª edição em 1962), ele assim escreve: “Lendo novelas, temos o desejo de perguntar de que vivem suas personagens.”²⁰⁰

¹⁹⁸ Jorge Amado. In: MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 319.

¹⁹⁹ MELO, Ana Amélia M. C. Pensando o Brasil: os escritos de Graciliano Ramos durante o Estado Novo. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. **De Sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: Mauad, s/d. p. 73.

²⁰⁰ Graciliano Ramos. **Linhas Tortas**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1979.

Por isso, a preferência do escritor pela “escola realista”. No livro biográfico sobre o pai, Clara Ramos lança mão de uma frase de Graciliano a respeito da escola literária preferida por ele: “[...] *a mais sincera, mais simples, mais verdadeira: a escola realista*”²⁰¹. Graciliano dá vida literária às suas personagens procurando representar as forças em disputa no mundo real, assim é em todos os seus romances, com variações de enredo, conteúdo e forma. E será, através do método narrativo, que os destinos de Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano, cada um no seu tempo e espaço, serão contados.

3.1. O lugar do Homem na literatura de Graciliano

Georg Lukács, em sua formulação do conceito de “*Humanitas*”, remonta trechos de livros e cartas de Marx e Engels em que literatura e arte são objetos de análise. No ensaio *Os escritos estéticos de Marx e Engels*, escrito em 1945, Lukács nos oferece a seguinte definição do conceito:

Ora, a *humanitas* – ou seja, o estudo apaixonado da natureza *humana* do homem – faz parte da essência de toda literatura e de toda arte autêntica; daí que toda boa arte e toda boa literatura sejam humanistas, não só ao estudarem apaixonadamente o homem e a verdadeira essência da sua natureza humana, mas, também, por defenderem apaixonadamente a integridade *humana* do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram. Como todas essas tendências, e naturalmente antes de todas a opressão e a exploração do homem pelo homem, assumem a mais desumana das suas formas na sociedade capitalista – exatamente por seu caráter reificado e objetivação aparente –, todo verdadeiro artista e todo verdadeiro escritor é um adversário instintivo de qualquer alteração do princípio do humanismo, independentemente

²⁰¹ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 32. (Retratos do Brasil; 134).

do grau (maior ou menor) em que seja alcançada a consciência disso nos espíritos criadores individualmente considerados.²⁰²

O realismo e o humanismo, para Lukács, constituem uma unidade orgânica. Com um espelho diante do mundo e a ajuda da imagem refletida, o escritor promove a evolução da humanidade e o triunfo do princípio humanista em uma sociedade com características tão contraditórias que, se por um lado, cria a ideia do homem total, por outro, na prática a destrói.

Para exprimir as necessidades humanas das suas personagens, utilizando-se dos casos e acasos da vida,

[...] o grande escritor deve observar a vida com uma compreensão que não se limite à descrição da superfície exterior dela e nem se limite à colocação em relevo, feita abstratamente, dos fenômenos sociais (ainda que tal colocação seja justa): cumpre-lhe captar a relação íntima entre a necessidade social e os acontecimentos da superfície, construindo um entreccho que seja a síntese poética dessa relação, a sua expressão concentrada.²⁰³

O escritor deve não somente colocar o homem no primeiro plano da obra, através de uma simples descrição do universo do homem e da vida que ele se insere. Mas também se atentar para as forças que estão em disputa, aquelas que na prática destroem a integridade humana e alienam o homem de si próprio e do mundo, e aquelas que lutam para preservar o que possuem de mais valioso – sua humanidade.

Questionamos se é possível realizar uma aproximação entre o lugar que o homem ocupa na obra de Graciliano e o conceito de “Humanitas” e/ou “Humanismo” desenvolvido por Lukács. Sabemos que a resposta a essa pergunta não é tão simples de ser respondida, mas a procuraremos a partir da nossa leitura, principalmente, dos livros de Graciliano e da fortuna crítica.

²⁰² LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 21.

²⁰³ Idem. p. 90.

Desde o primeiro romance, *Caetés* (1933), passando por *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), até *Vidas secas* (1938), além de *Infância* (1945), “sempre é o homem que o Sr. Graciliano Ramos tem em vista.”²⁰⁴ Assim como nos demais livros, em *Histórias Incompletas* (1946) o homem parece ser o centro das preocupações de Graciliano:

Aqui estão os contos, as *Histórias Incompletas*, um pequeno volume de cor alaranjada. A complexidade da natureza humana, o insondável, o processo do raciocínio e da aflição, a dissecação da dor e das paixões, tudo isso numa linguagem que eleva a dignidade da palavra escrita – eis o que são as páginas assinadas por Graciliano.²⁰⁵

No discurso em homenagem ao amigo, intitulado *O mestre Graciliano*, José Lins assim escreve sobre uma particularidade do escritor:

Graciliano Ramos elimina tudo que não seja do homem, da miséria, da condição trágica, de um fatalismo cruel. O seu realismo não se detém na marcha para as descobertas terríveis. Tudo o que ele sente, ele diz. Por isto os seus romances só agradam aos que são difíceis de agradar. Daí a sua verdadeira grandeza. Os seus personagens não procuram o mistério para se esconder. São, no entanto, instrumentos do mistério, do mais assombroso mistério que é aquele que é o próprio homem na solidão.
[...]
Tudo nele se concentra no que é homem, no que é a tragédia de ser homem [...].²⁰⁶

O pensamento e a composição literária de Graciliano foram marcados pela coerência na relação entre “autor-obra”? ou seja, o autor atingiu a sua intenção inicial ao fim da composição do romances ou estes a extrapolaram? Parece-nos que, ao menos em *S. Bernardo* o intuito de

²⁰⁴ MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisitor. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 36. (Fortuna Crítica, 2).

²⁰⁵ LIMA, Raul. Sobre Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 140. (Fortuna Crítica, 2).

²⁰⁶ José Lins do Rego. In: SCHIMIDT, Augusto Frederico. **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943. pp. 91-92.

Graciliano foi bem sucedido²⁰⁷. O que o escritor julgava ser os componentes de uma literatura humanista e realista, estão, de certo modo, presentes em sua obra. Isso fica claro principalmente na análise das obras, como Graciliano faz questão de sublinhar em suas declarações: “para sermos completamente humanos, necessitamos estudar as coisas nacionais, estudá-las de baixo para cima. Não podemos tratar convenientemente das relações sociais e políticas, se esquecemos a estrutura econômica da região que desejamos apresentar em livro.”²⁰⁸

Em *S. Bernardo*, Graciliano representa a luta individual de Paulo Honório (e também de Madalena), talvez por acreditar que – no interior de um mundo alienado ou em oposição a ele – haja um sentido para a vida. Através da estrutura do romance, o escritor representa as profundezas da sociedade alagoana nas suas contradições, onde o lento processo de desenvolvimento e consolidação do capitalismo na região nordestina, sem drásticas rupturas, ora contribuía para solidificá-lo, ora apresentava os seus limites, determinando uma abertura para outro sistema social. De acordo com Coutinho, é justamente essa “[...] contradição entre um mundo alienado e indivíduos inconformados que lutam contra a alienação, [que constitui] o conteúdo essencial do gênero romanesco.”²⁰⁹

Lukács, na sua fase de juventude, definiu a estrutura do romance – fruto histórico da revolução burguesa, da hegemonia da burguesia e do capitalismo – como uma busca de valores autênticos, em meio ao mundo convencional e vazio, por parte de “heróis problemáticos”. Ou, numa linguagem histórico-concreta, como uma luta pela realização individual e pela conquista da

²⁰⁷ Seria necessária uma pesquisa mais aprofundada do projeto inicial que Graciliano nutria de *S. Bernardo*, a partir de consultas em cartas e entrevistas do e sobre o romancista alagoano, para afirmar com maior propriedade se *S. Bernardo* cumpriu as aspirações de seu criador. Tratar-se-ia de outro trabalho e, por isso, não foi levado à fundo nesta pesquisa de mestrado.

²⁰⁸ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp. 197-198. (Retratos do Brasil; 134).

²⁰⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 143.

integridade humana em um mundo burguês, no qual existe a comunidade humana, mas o homem está fadado à alienação e à solidão sem tamanho. No mesmo livro e nos escritos posteriores, Lukács nos informa ainda que esta busca por parte desses “heróis” está sempre condenada a fracassar.”²¹⁰ Essa busca fracassada pode ser depreendida da confissão de Paulo Honório, no capítulo XXXVI, de *S. Bernardo*:

Sol, chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos – e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa. O jardim, a horta, o pomar – abandonados; os marrecos-de-pequim – mortos; o algodão, a mamona – secando. E as cercas dos vizinhos, inimigos ferozes, avançam.

Está visto que, cessando esta crise, a propriedade se poderia reconstituir e voltar a ser o que era. A gente do eito se esfalfaria de sol a sol, alimentada com farinha de mandioca e barbatanas de bacalhau; caminhões rodariam novamente, conduzindo mercadorias para a estrada de ferro; a fazenda se encheria outra vez de movimento e rumor.

Mas para quê? Para quê? não me dirão? Nesse movimento e nesse rumor haveria muito choro e haveria muita praga. As criancinhas, nos casebres úmidos e frios, inchariam roídas pela verminose. E Madalena não estaria aqui para mandar-lhes remédio e leite. Os homens e as mulheres seriam animais tristes.²¹¹

É o que parece acontecer também com os outros heróis dos romances de Graciliano. Com grande relevo, a inserção social da personagem compõe a trama: assim como Paulo Honório, em *S. Bernardo*, também Luís da Silva, em *Angústia*, e Fabiano, em *Vidas Secas*, têm seus destinos encarcerados. O romancista leva essa inserção ao limite, explorando suas consequências com força e consistência interna, sem sacrificar a matéria estética. O fatalismo parece derrotar todas as possibilidades de ressurreição.

²¹⁰ LUKÁCS, Georg. O Romance como Epopéia Burguesa. **Revista Ensaios Ad Hominem**, nº 1, Tomo 2, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

²¹¹ RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 217.

Deve-se ressaltar que decorre da diferente classe social à qual pertence o “herói problemático” as diferenças na reação contra a alienação, na busca pelos valores autênticos, bem como suas consequências.

Nesta fusão de indivíduo e classe, reside um dos pontos mais altos do realismo de Graciliano. Seus personagens são sempre *tipos* autênticos precisamente na medida em que expressam em suas ações o máximo de possibilidades contidas nas classes sociais a que pertencem. A obra de Graciliano [apresenta] uma análise literária das diversas atitudes típicas das classes sociais brasileiras (à exceção do proletariado) em face do “mundo alienado”.²¹²

É justamente por essa característica citada acima sobre a obra de Graciliano, qual seja, a figuração do homem representado no seu ambiente, membro de uma classe social, que está sempre em confronto com a sociedade e as mazelas impostas pelo capitalismo, que faz de Graciliano um escritor que persiste ao tempo e se mantém vivo. Nesse mesmo sentido, o biógrafo de Graciliano, Dênis de Moraes, procura responder numa longa passagem ao seguinte questionamento:

Por que o tempo passa e Graciliano Ramos persiste na sedução?

Octávio de Faria daria a pista: a identificação autor-leitor em Graciliano se fundamenta na escolha do homem como fenômeno básico de seu testemunho, que, completaria Tristão de Athayde, tem o condão de integrar ao “fogo da paixão social que sempre o empolgou”, a serenidade de uma mensagem tecnicamente perfeita.

Humanismo, eis a palavra-chave para tentarmos decifrar o mistério profundo de Graciliano. Humanismo que o vincula, a um só tempo, ao estatuto universal da essência humana e aos valores arraigados da alma brasileira, com seus fantasmas, perplexidades, atrofias e ambições.

Humanismo que, notaria Antonio Candido, é estranhamente capaz de aumentar (a dele, a nossa) capacidade de compreender e perdoar até quando nos amontoam como bichos no exíguo domínio da discriminação. Humanismo que extrai da tragédia o sumo dialético para a utopia da redenção.

Humanismo na direção proposta por Carlos Nelson Coutinho: o realismo crítico de seus livros impulsiona as lutas individuais, no interior deste mundo alienado

²¹² COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 145.

ou em oposição a ele, em busca de um sentido para a vida – única forma de fazer frente à alienação. “A defesa dos valores do humanismo só se tornou possível porque Graciliano se colocou do ponto de vista de um grupo social que ‘criticava’ a sociedade, que expressava em sua práxis uma potencial subversão da ordem vigente, do mundo alienado e do cárcere da solidão”.

É preciso, por fim, endossar o crítico José Carlos Garbuglio quando ele relaciona o humanismo do romancista ao seu trabalho consciente como criador e a seus compromissos com a sociedade. “Graciliano contribuiu para a compreensão de alguns dos males de que padece o mundo letrado brasileiro, enquanto chama a atenção do escritor para suas responsabilidades nos destinos da cultura”.²¹³

Portanto, é possível afirmar, feitas as devidas mediações, que a literatura de Graciliano Ramos é humanista, pois se trata de um estudo crítico da natureza humana, elemento principal da essência de toda literatura e de toda arte autêntica. O escritor Graciliano (e, conseqüentemente, sua obra) é um adversário da alienação e do estilhaçamento do homem total, ou melhor, de qualquer alteração do princípio do humanismo. Por isso, “quando o silêncio tiver sepultado toda uma literatura cheia de brilho e de enfeites, e ninguém se lembrar dos que estiveram na moda, a tragédia do bruto de *S. Bernardo* continuará, e os sofrimentos dos homens e das mulheres de *Angústia* não terão passado.”²¹⁴

3.2. Graciliano Ramos, *S. Bernardo* e o realismo

*“Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso.”*²¹⁵

²¹³ MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. pp. 318-319.

²¹⁴ Augusto Frederico Schmidt. In: **Homenagem a Graciliano Ramos**. 1943. p. 17.

²¹⁵ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 227. (Retratos do Brasil; 134).

Paulo Honório é a personificação do emblema contraditório do capitalismo nascente no Brasil, caracterizado pelo contraste entre a dinâmica veloz de sua apropriação e a lentidão do patriarcalismo, representado na figura de Seu Ribeiro. Além disso, Graciliano não nos apresenta um burguês agrário acabado, estático e definido de uma vez por todas, e sim a evolução psicológica do protagonista e o desenvolvimento de sua violenta e apaixonada ambição. Somente dessa forma foi possível a Graciliano criar, no Brasil, o verdadeiro “tipo” do realismo literário.

Para Lukács, o realismo ou a literatura realista significa o reconhecimento do fato de que a criação não se fundamenta numa “mediana” abstrata, como acredita o pensamento naturalista; nem sobre um princípio individual que se dissolve em si mesmo e se desvanece no nada, numa expressão exasperada daquilo que é único e não se repete. A categoria central ou o critério fundamental da concepção literária realista é o “tipo”, ou seja, a síntese particular que, tanto no campo das características como no das situações, une organicamente o genérico e o individual. O “tipo” assim se torna não por seu caráter médio, e muito menos somente por seu caráter individual, por mais profundidade que alcance, mas sim pelo fato de que nele se confluem e se fundem todos os momentos determinantes, humana e socialmente essenciais, de um período histórico; pelo fato de que apresenta esses momentos em seu máximo desenvolvimento, na plena realização de suas possibilidades imanentes, numa radical representação dos extremos que congrega tanto os vértices como os limites da totalidade do homem e de sua época.²¹⁶

Filiado ao pensamento lukácsiano, Coutinho identifica nos romances de Graciliano os elementos do realismo de Lukács:

²¹⁶ O debate de Lukács com as correntes weberianas e durkheimianas da estética se prolongaram ao longo de toda a sua obra, desde a juventude até a maturidade. Não pretendemos entrar no mérito dessa discussão nesse trabalho, por isso toda a referência será feita de forma *an passant*. Sobre o assunto, ver LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. e **Ensayos sobre el realismo**. Buenos Aires: Siglo Veinte. s/d.

A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da realidade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações. Nada existe nele em comum com aquele estreito *regionalismo*, que foi uma das manifestações brasileiras do naturalismo “sociológico”. O destino de seus personagens, seu modo de agir e de reagir em face das situações concretas em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda a realidade brasileira. No “regional”, a Graciliano, interessa apenas o que é comum a toda a sociedade brasileira, o que é “universal”. Mas não um universal abstrato e absoluto, pretensamente válido em toda e qualquer circunstância; a universalidade de Graciliano é uma universalidade concreta, ela se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica.²¹⁷

Graciliano opta por narrar o destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. Por isso, ele pode descobrir e criar verdadeiros *tipos* humanos, diversos tanto da “média cotidiana” como da “caricatura abstrata”. No caso de *S. Bernardo*, “Paulo Honório e Madalena são verdadeiros símbolos de suas classes precisamente na medida em que expressam, em suas ações decisivas, as atitudes típicas mais profundas que elas comportam.”²¹⁸ O mesmo acontece na criação das personagens dos demais romances, João Valério (*Caetés*), Luís da Silva (*Angústia*), Fabiano (*Vidas Secas*) e tantas outras.

A análise da obra de Graciliano realizada pelo crítico Wilson Martins caminha no sentido contrário ao defendido neste trabalho até o momento, ao afirmar que a preocupação do escritor está “continuamente voltada para o que há de *essencial* no homem, para o que há nele de *eterno*, pouco se demorando no que nele existirá de transitório e de acidental”²¹⁹. Nessa passagem de Martins, o equívoco cometido reside no fato de que a preocupação de Graciliano não está no que há de “essencial” e “eterno”, mas sim no que há de histórico.

²¹⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 139.

²¹⁸ Idem. p. 152.

²¹⁹ MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisitor. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 35-36. Grifo nosso.

Quando se afirma que a obra de Graciliano é realista supera-se a noção de que sua obra seja uma mera fotografia do real, passando a tratá-la, sim, como algo que transcende a história de vida do escritor e todos os elementos do mundo exterior²²⁰:

“[...] na projeção artística, em que a mensagem permanece incorruptível, o criador se funde na coisa criada, perde suas características pessoais em benefício da grandeza maior que o transcende e contém: sua própria obra. Quando [Karl Gustav] Jung afirma que o grande artista deixa de falar por si para captar e transmitir o espírito de seu tempo e de seu povo, está se referindo precisamente à natureza superpessoal da obra de arte. Está lembrando que o criador não pode deixar de transcender a si mesmo porque se transformou num instrumento de sua obra. Evidentemente, enquanto artista, ele só pode ser explicado a partir dessa obra.”²²¹

Outro elemento do realismo de Graciliano é a honestidade como matéria-prima indispensável à construção literária. “É, pois, no ato criativo que se processa o engajamento de um autor, no sentido de sua total consumição de ideias e vísceras, conceitos e glândulas, inspiração e transmissão.” No entanto, é evidente que a verdade pessoal investida na obra de arte não se confunde com a veracidade da própria obra. “A veracidade da ficção nega a própria ficção. Não existe nada menos verdadeiro que as coisas passadas na fantasia.”²²² Entretanto, se ao escritor ou artista cabe recriar o mundo ao invés de simplesmente fotografá-lo, a imaginação empregada no ofício não deixa de ser uma condição primordial de todo o conhecimento.

Ressalta-se, pois, que a obra de arte congrega elementos que transcendem as vivências pessoais do autor. Esse problema entre a imaginação e a realidade objetiva é resolvido, tanto em

²²⁰ “As palavras em um romance não são apenas signos que apontam para a realidade exterior. Elas sem dúvida que levam à realidade, mas a uma realidade cuja inteireza não pode ser confundida com a socialmente dada. Por assim dizer, a palavra ficcional viola a realidade para melhor alcançá-la e então dizê-la.” (LIMA, 1966, p. 71).

²²¹ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 157. (Retratos do Brasil; 134).

²²² Idem. p. 171.

S. Bernardo quanto em *Angústia*, para ficar somente nesses dois romances, com o livre fluxo imaginativo. E o próprio Graciliano tinha clareza do processo de composição da sua obra, mencionada na passagem abaixo:

Não sou como José Américo [...] que primeiro escreve na cabeça e depois transporta o livro para o papel. A obra de criação, para mim, é quase sempre imprevista. E espontânea. Refaço tudo, depois. Escrever dá muito trabalho. A gente não sabe muitas vezes o que vai fazer, sai tudo diverso do que se imaginou. Lembro o caso do Zé Lins, por exemplo. Estava em Maceió quando escreveu Banguê. Zé Lins pretendia contar a história de Usina. No fim do quarto ou quinto capítulo, enveredou sem querer por outro lado. Usina acabou sendo o quinto volume da série que o romancista, depois, intitulou “Ciclo da cana-de-açúcar”.²²³

Segundo Antonio Candido, é possível afirmar, portanto, que o romance se baseia, antes de qualquer coisa, em um certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, que se manifesta através da personagem, que é a concretização desse último. “[...] a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida.”²²⁴

Mais adiante, numa outra passagem, Candido afirma que as personagens “não *correspondem* a pessoas vivas, mas *nascem* delas.”²²⁵ Essa afirmação se conjuga com uma declaração do próprio Graciliano sobre a origem das suas personagens: “[...] todos os meus tipos

²²³ Graciliano Ramos para Francisco de Assis Barbosa. In: SCHIMIDT, Augusto Frederico. **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943. p. 53.

²²⁴ CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. pp. 64-65. (Coleção Debates).

²²⁵ Idem. p. 67.

foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam senão pedaços de mim mesmo [...]”²²⁶

Graciliano Ramos colocou em cena o homem comum, pobre, sofrido pela seca e pelas amarras de uma sociedade desigual e opressora. Deu o papel central à “raça vagabunda e queimada pela seca”, de que fala Luís da Silva em *Angústia*. “Extraíu da matéria-prima barata das ruas seus heróis triturados, sem jeito para heroísmo.” Novamente, é colocado o caráter essencial de uma relação de sinceridade/honestidade entre o escritor e sua obra, entre criador e criatura: “o romancista dos pobres-diabos” só pode trabalhar, em seus livros, sua gente porque a compreendeu; e essa compreensão só foi possível porque anteriormente se identificou com essa “raça” que ocupa as suas páginas desde os tempos de menino, conforme escreve em *Infância*.²²⁷

É característica fundamental de todo escritor realista – e, para nós, Graciliano está entre eles – a investigação profunda dos fundamentos sociais da ação individual, analisando-os através das múltiplas mediações para fazê-los aparecer como qualidades e como paixões vividas por pessoas particulares. Graciliano percorreu vias extremamente complicadas para resgatar, sobre o plano sensível, entre as manifestações aparentes, as verdadeiras conexões sócio-econômicas. Só assim foi possível alcançar o sublime do romance, aquele que Lukács, ao longo da sua vasta obra estética, denominou de “materialismo da sociedade burguesa”²²⁸.

O sublime do “materialismo da sociedade burguesa” só pode ser expresso adequadamente quando levado às soluções radicais. Audaciosamente, os grandes romancistas opõe a verdade das contradições da sociedade, tomadas em seu grau

²²⁶ Graciliano Ramos. In: RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 196. (Retratos do Brasil; 134).

²²⁷ RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 267. (Retratos do Brasil; 134).

²²⁸ Essa expressão é utilizada por Lukács sempre com o mesmo sentido desde as obras de juventude até a grande *Estética*.

extremo, à simples semelhança de acontecimentos e caracteres da vida burguesa em sua mediocridade cotidiana. Seu realismo repousa sobre esta intrepidez no desnudamento das contradições, na verdade social dos seus conteúdos, para a figuração dos quais o realismo de detalhes fornece meios artísticos. Quando a evolução geral da burguesia põe termo a esta “pesquisa desinteressada” e a “esta análise sem preconceitos” e a substitui pela “má consciência e pelas intenções pérfidas da apologética” (Marx), também chega a seu termo o grande realismo romanesco. [...] A história do romance, cada vez com maior força, indica o quanto a vida burguesa é desfavorável para a arte e a literatura.²²⁹

O “verdadeiro realismo” busca retratar o homem e a sociedade na sua totalidade²³⁰. Realismo significa, portanto, plasticidade, clareza na compreensão, existência autônoma das personagens e das relações entre elas. Isso não significa, em absoluto, a negação do colorido, da fantasia, do dinamismo psíquico e moral, características constituintes do mundo moderno. O problema estético central do realismo – segundo a estética marxista lukácsiana – é a adequada reprodução artística do homem na sua totalidade. O princípio artístico, precisamente na sua mais profunda “pureza”, está repleto de momentos sociais, morais e humanísticos. A exigência da criação realista do “tipo” se opõe tanto às correntes que procuram dar um relevo excessivo ao lado fisiológico da existência humana e do amor, quanto àquelas que reduzem o homem a processos puramente psicológicos.

Os escritores realistas não só reconhecem e refletem essa situação, mas também a defendem com firmeza, pois sabem que a falsificação da realidade objetiva, causada naturalmente por fatores sociais – a fragmentação do homem total em homem público e privado – significa a deformação, ou melhor, a mutilação da integridade humana.

Uma viva representação do homem total só é possível quando o escritor se orienta para a criação do “tipo”. Trata-se da relação orgânica e indestrutível entre o homem privado e o

²²⁹ LUKÁCS, Georg. Nota sobre o Romance. In: NETTO, José Paulo (Org.). **Lukács: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1992, pp. 181-182. (Grandes Cientistas Sociais).

²³⁰ Idem. **Ensayos sobre el realismo**. Buenos Aires: Siglo Veinte. s/d. p. 14.

indivíduo social, membro da vida pública. Essa relação se constitui em um dos problemas característicos da literatura moderna, de acordo com Lukács, que se radicaliza na medida em que avança a sociedade moderna²³¹. Na superfície da vida social aparecem que as duas extremidades são distintas uma da outra: quanto mais a sociedade burguesa moderna se desenvolve, mais se acentua, aparentemente, o indivíduo isolado.

Somente quando consideramos o conceito de homem total como uma tarefa social e histórica atribuída à humanidade; somente quando reconhecemos a função da arte na determinação das etapas mais importantes no caminho daquela tarefa, com toda a riqueza dos fatores nela operantes; somente quando a estética incumbe à arte a tarefa de iluminar e guiar a humanidade, somente neste caso o conteúdo da vida poderá se ordenar sobre planos mais essenciais e menos essenciais sobre planos que iluminam o tipo e indicam o caminho, e outros que necessariamente o deixam na obscuridade.²³²

Toda essa concepção exposta nos parágrafos acima está intimamente relacionada com “o contraste entre o participar e o observar [que] deriva da posição de princípio assumida pelo escritor em face da vida, em face dos grandes problemas da sociedade, e não de um mero emprego de um diverso método de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo.”²³³ Assim, “[...] se a literatura artística de uma época não consegue encontrar a conexão existente entre a *práxis* e a riqueza de desenvolvimento da vida íntima das figuras típicas do tempo, o interesse do público se refugia em sucedâneos abstratos e esquemáticos da literatura.”²³⁴

²³¹ LUKÁCS, Georg. **Ensayos sobre el realismo**. Buenos Aires: Siglo Veinte. s/d.

²³² Idem. p. 15.

²³³ “Solamente cuando consideremos el concepto del hombre total como tarea social e histórica asignada a la humanidad; solamente cuando reconozcamos la función del arte en la determinación de las etapas más importantes en el camino de aquella tarea, con toda la riqueza de los factores en ella operantes; solamente cuando la estética prefije al arte la tarea de iluminar y guiar a la humanidad, solamente en este caso el contenido de la vida podrá ordenarse sobre planos más esenciales y menos esenciales sobre planos que iluminan al tipo e indican el camino, y otros que necessariamente lo dejam en la oscuridad.” LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? In: **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 50. (Tradução nossa).

No caso dos romances de Graciliano Ramos, o que se tem é a combinação (em graus variáveis) entre a memória, a observação e a imaginação constituindo o trabalho criador, sob a égide das suas concepções intelectuais e morais. O próprio escritor, em passagens citadas anteriormente, deixa a dúvida sobre a proporção exata de cada elemento, pois o trabalho criador de arte se passa em parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir. Mas, o que é sim possível dizer é que a natureza das personagens de Graciliano depende, em parte, das intenções do romancista e da concepção que preside o romance.

Assim, a verossimilhança propriamente dita, – que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), – acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. [Por isso, pode-se concluir] que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só aparecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente.²³⁵

O vínculo com a vida e a representação do real são os elementos que nos possibilitam julgar os romances de Graciliano – principalmente *S. Bernardo* – como um romance realista. Esses dois elementos, conjugados de forma orgânica, proporcionam o funcionamento das obras, e, portanto, do desenvolvimento das personagens ao longo das tramas. Pois tudo, ou praticamente tudo, ocupa o seu devido lugar na organização interna dos seus romances, possibilitada somente por conta do critério estético adotado por Graciliano.

Nesse ponto, não há como não aproximar Antonio Candido de Lukács. As ideias do primeiro parecem confluir com as do primeiro:

²³⁴ Idem, p. 59.

²³⁵ CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 75. (Coleção Debates).

[...] o trabalho de compor a estrutura do romance, situando adequadamente cada traço que, mal combinado, pouco ou nada sugere; e que, devidamente convencionalizado, ganha todo o seu poder sugestivo. Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentido da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos.²³⁶

De forma conclusiva, seguindo a linha de pensamento de Candido, é possível afirmar que na obra de Graciliano o enredo, a personagem e as ideias (valores e significados) – tanto do escritor quanto das próprias personagens – estão intimamente ligados, inseparáveis. Ao longo de seus romances – em menor escala em *Caetés* –, Graciliano se utilizou do método narrativo, que distingue e ordena os elementos internos de uma obra, ao invés da descrição niveladora. Graciliano não ficou prisioneiro do regionalismo “bairrista”, alçou vãos maiores, soube conjugar o regional ao nacional, característica que possibilitou aos seus romances adquirirem dimensões universais.

²³⁶ Idem. pp. 79-80.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

S. Bernardo é destes romances em que texto e contexto se integram de uma forma bastante complexa. Quando de sua elaboração e edição, havia no Brasil um intenso debate acerca de questões políticas e ideológicas a que os escritores e demais intelectuais se dedicavam. Natural que estes aspectos penetrassem os textos literários, ora mais evidente ora menos, constituindo-se como uma marca do romance dos anos 30.

Esta narrativa representa o ponto alto da literatura produzida nesta década, pois leva ao limite o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social, refletindo a realidade nordestina de oligarquias tradicionais, elementos de um capitalismo industrial ainda em fase germinal e choques ideológicos, além da situação dos trabalhadores rurais, vítimas de um rude esquema de trabalho sob o mando dos grandes proprietários de terra. Como um grande escritor que foi, Graciliano Ramos soube perceber o momento histórico e expressá-lo artisticamente.

A crítica literária que levou em consideração o papel da reificação no romance tentou sistematizar de forma breve, sem o aprofundamento necessário, as discussões e encontrar nesta obra literária as contradições inerentes à formação da sociedade brasileira e que, esteticamente, são devidamente elaboradas por Graciliano, o que contribuiu, em parte, pela singularidade desta obra. Isso possibilitou a criação de Paulo Honório, um proprietário de terras que transita (e estabelece) suas relações no âmbito aparente das configurações patriarcais, e reproduz as relações reificadas, demonstrando que efetivamente estas se enquadram no sistema capitalista brasileiro.

Obstinado pela conquista da posse da fazenda, acumular capital e subjugar todas as pessoas que estão ao seu redor, o protagonista reduz suas relações a estes propósitos. É com este objetivo que, em meio ao percurso da vantagem estabelecido para si, casa-se com Madalena,

causa, em parte, de sua derrocada e de uma retomada do que fora sua trajetória de vida. Ao relembrar os caminhos que percorre, o protagonista deixa entrever suas atitudes face à realidade vivenciada. Pela forma como Paulo Honório narra as atitudes tomadas, pode-se supor que estas são guiadas conscientemente mediante um aprendizado. Este aprendizado – ainda que implícito, pois vemos apenas as ações resultantes de uma formação adquirida – é infrutífero para além das relações reificadas que Paulo Honório estabelece durante sua vida, o que se torna patente com a morte de Madalena. O resultado é o atrofiamento das aptidões humanas em sua plenitude diante do mundo da mercadoria e seus fetiches. Este é o maior aprendizado que a composição do livro oferta para Paulo Honório. Graciliano Ramos, ao expor os conflitos advindos de uma conduta reificada, leva-nos conseqüentemente à reflexão do papel do homem no mundo capitalista.

A elaboração desta dissertação de mestrado nos propiciou aprofundar os estudos concernentes à reificação das relações sociais no romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos. Esperamos ter oferecido uma contribuição, mesmo que singela, para a compreensão do livro e as questões que o permeiam; foi possível tomar contato com os demais romances do escritor alagoano e outras obras da geração de 30, o que possibilitou compreender melhor o cenário cultural, em geral, e o literário, em particular, do respectivo período histórico.

BIBLIOGRAFIA

De Graciliano Ramos

Alexandre e outros heróis. 22^a. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1982.

Angústia. Rio, São Paulo: Record, 2002.

Caetés. Rio, São Paulo: Record, Martins, 1976.

Histórias Incompletas. Rio de Janeiro: Globo, 1946.

Infância. São Paulo: Círculo do Livro. s/d.

Insônia. 11^a ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975a.

Linhas Tortas. 14^a. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1989.

Memórias do Cárcere: volumes I e II. Rio, São Paulo: Record, 1977.

S. Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS. 5^a ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975b.

Vidas Secas. São Paulo: Martins: 1974.

Demais Romances e Poesias da Geração de 1930 no Brasil Utilizados como Referência Direta e/ou Indireta.

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira.** São Paulo: Círculo do Livro, 1980. (Grandes da Literatura Brasileira).

ANDRADE, Oswald. **Serafim Ponte Grande.** 2^a ed. São Paulo: Globo; Secretaria de Estado da Cultura, 1991. (Obras completas de Oswald de Andrade)

ANJOS, Cyro. **O amanuense Belmiro.** 17^a ed. Belo Horizonte: Garnier, 2002. (Coleção de Autores Modernos da Literatura Brasileira; 1).

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. São Paulo: Nacional; Círculo do Livro, 1935.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 64ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

Sobre Graciliano Ramos, Sociologia da Literatura, Teoria Literária e Teoria Social

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. pp. 55-63.

AUERBACH, Erich. **Mimesis – A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AMADO, Jorge. Prefácio: Mestre Graça. In: RAMOS, Graciliano. **Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975. pp. 7-10.

BAPTISTA, Abel Barros. **O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Textos Escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. pp. 57-74.

BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Fortuna Crítica, 2).

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: **A Educação pela Noite e Outros Ensaio**s. São Paulo: Ática, 1987. pp. 181-198.

_____. **Ficção e Confição: ensaios sobre Graciliano Ramos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b.

_____. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: T.A Queiroz; Publifolha, 2000. (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

_____. **Tese e Antítese: ensaios.** São Paulo: Nacional, 1978.

CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1976. pp. 51-80. (Coleção Debates).

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 25-33. (Fortuna Crítica, 2).

CASTELLO, José Aderaldo. A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960). Vol. 2. São Paulo: EDUSP, 1999.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: a forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio.** São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 60-72. (Fortuna Crítica, v.2).

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil. Ensaios sobre idéias e formas.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

_____. **Literatura e Humanismo – ensaios de crítica marxista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 19ª ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Estudos; 85).
- FARIA, Octávio de. Graciliano Ramos e o sentido do humano. In: RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Martins. s/d. (Círculo do livro).
- FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2006.
- FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico do século XX**. Coleção Logos. 1º Edição. São Paulo: Editora Morena, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Lukács e a crítica da cultura. In: ANTUNES, Ricardo e REGO, Walquíria Domingues Leão (Org.). **Lukács: um Galileu do Século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996. pp. 91 – 96.
- GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim. **Graciliano Ramos. Coleção Escritores Brasileiros – Antologia e Estudos**. São Paulo: Ática, 1987. (Escritores brasileiros. Antologia e estudos; 2).
- GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GUIMARÃES, Antonio Monteiro (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio, São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- IANNI, Octávio. A obra de Florestan Fernandes. **Idéias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, nº 1/2, ano 4. Campinas: IFCH – Unicamp, 1997. pp. 13-24.
- JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma – Teorias dialéticas da Literatura no século XX**. São Paulo: HUCITEC, 1985. (Pensamento Socialista/ Debate Contemporâneo).

KONDER, Leandro. Estética e Política Cultural. In: ANTUNES, Ricardo e REGO, Walquíria Domingues Leão (Org.). **Lukács: um Galileu do Século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996. pp. 27 – 33.

LAFETÁ, João Luíz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. pp. 19-38. (Coleção Espírito Crítico).

_____. A dimensão da noite e outros ensaios. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. (Coleção Espírito Crítico).

LIMA, Luiz Costa. A Reificação de Paulo Honório. In: **Por que Literatura?**. Petrópolis: Vozes, 1966. pp. 51-72.

LIMA, Raul. Sobre Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Fortuna Crítica, 2). pp. 134-144.

LUKÁCS, Georg. LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

_____. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. **Ensayos sobre el realismo**. Buenos Aires: Siglo Veinte. s/d.

_____. **História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Introdução a uma Estética Marxista: sobre a categoria da particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

_____. **Marxismo e Teoria da Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

_____. Nota sobre o Romance. In: NETTO, José Paulo (Org.). **Lukács: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1992, pp. 177 – 188. (Grandes Cientistas Sociais).

_____. O Romance como Epopéia Burguesa. **Revista Ensaios Ad Hominem**, nº 1, Tomo 2, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. pp. 87-136.

MAAR, Wolfgang Leo. A reificação como realidade social. In: ANTUNES, Ricardo e REGO, Walquíria Domingues Leão (Org.). **Lukács: um Galileu do Século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996. pp. 34-53.

MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisitor. In: BRAYNER, SÔNIA (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 34-45. (Fortuna Crítica, 2).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. A Mercadoria. In: **O Capital: crítica da economia política**. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. pp. 45-78. (Os economistas).

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Sobre Literatura e Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

MELO, Ana Amélia M. C. Pensando o Brasil: os escritos de Graciliano Ramos durante o Estado Novo. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. **De Sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: Mauad, s/d.

MELO NETO, João Cabral de. “Juan Belmonte”. In: **Sevilha Andando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1989. p. 71.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. (Mundo do trabalho).

_____. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

- MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- NOBRE, Marcos. **Lukács e os limites da reificação: um estudo sobre *História e Consciência de Classe***. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- PRADO JUNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- PÓLVORA, Hélio. Retorno a Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Fortuna Crítica, 2). pp. 123-133.
- RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil; 134)
- RAMOS, Ricardo. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- RANIERI, Jesus José. **A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- _____. Apresentação – sobre os chamados *Manuscritos econômico-filosóficos* de Karl Marx. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008. pp. 11-17.
- SANTOS, Robson dos. **Literatura em Fragmentos: história, política e sociedade nas crônicas de Graciliano Ramos**. Campinas: Dissertação de Mestrado/Unicamp, 2006.
- SCHIMIDT, Augusto Frederico. **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943.
- SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SENNA, Homero. Revisão do Modernismo. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Fortuna Crítica, 2). pp. 46-59.
- SORÁ, Gustavo. **Brasileiras: José Olympio e a gênero do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: EDUSP, Com-Arte, 2010. (Memória Editorial; v. 6).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Revista

- Dossiê: Antonio Candido – 80 anos. **Revista CULT**. julho, 1998. pp. 49-63.

Site

<http://www.gracilianoramos.com.br/>